## CRIADO POR JULIE PLEC

baseado na série the Vampire Diaries



the ORIGINALS

A perda



### Série Diários do Vampiro

O despertar
O confronto
A fúria
Reunião sombria
O retorno – Anoitecer
O retorno – Almas sombrias
O retorno – Meia-noite
Caçadores – Espectro
Caçadores – Canção da lua
Caçadores – Destino

### **Série Mundo das Sombras**

Vampiro secreto Filhas da escuridão Submissão mortal

#### Série Círculo Secreto

A iniciação A prisioneira O poder

### Série Diários de Stefan

Origens Sede de sangue Desejo

**Série The Originals** 

Ascensão A perda

### CRIADO POR JULIE PLEC



A perda

Tradução Ryta Vinagre

1ª edição

— Galera —

RIO DE JANEIRO 2016

## CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RI

XXXXXXXX

XXXXX XXXXXXXXXXXXX

recurso digital

Tradução de: The Originals: The loss

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web ISBN xxxxx (recurso eletrônico)

XXXXXXX

20-63530 CDD: xxxxx

CDU: xxxxxxx

Leandra Felix da Cruz Candido – Bibliotecária – CRB-7/6135

Título original em inglês: *The Originals: The loss* 

Copyright © 2015 Julie Plec

Publicado mediante acordo com a Rights People, London.



Produzido por Alloy Entertainment, LLC.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

> Composição do miolo da versão impressa: Abreu's System Adaptação de capa: Renata Vidal

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



#### ISBN xxxxxxxxxx

Seja um leitor preferencial Record. Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor: mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

# Sumário

[Avançar para o início do texto]

# Prólogo

### **PRÓLOGO**

1766

Lily Leroux prometera a si mesma que não ia chorar. A mãe jamais a teria perdoado por isso. A tarefa de Lily era aparentar força e compostura em seu vestido preto justo e aceitar os pêsames da comunidade sem dar a impressão de precisar deles. Ela agora chefiava os bruxos de Nova Orleans, ou o que havia restado deles. Precisava liderá-los, não depender deles.

Não havia dúvida de que eles precisavam de alguma orientação. A mãe de Lily fizera o possível para manter os bruxos unidos depois que o furação provocado pelos próprios arrasara completamente a cidade mais de quarenta anos antes, mas os danos haviam sido catastróficos. E a culpa por terem causado tamanha destruição... A culpa era ainda mais arrasadora.

Nesse meio tempo, outros agentes ocuparam a lacuna de poder deixada pelos bruxos. Recentemente, os franceses haviam entregado Nova Orleans aos espanhóis, que preferiram ignorar o novo território inteiramente. Assim, os vampiros haviam tomado o controle.

Os Mikaelson — os Originais, três dos primeiríssimos vampiros a existir — haviam agido no momento certo. Elijah, Rebekah e, o pior de todos, Klaus agora governavam a cidade. Os bruxos os odiavam veementemente, embora Lily desconfiasse de que a mãe nutrira certo afeto por eles. Ela sempre rejeitou qualquer ideia de retaliação, lembrando a todos que os próprios bruxos haviam sido responsáveis por sua infelicidade atual. Se não tivessem tentado se vingar dos lobisomens com imprudência por violarem a trégua entre os dois grupos, não estariam confinados nas águas estagnadas do bayou.

Porém, graças ao amor cego de Ysabelle Dalliencourt pelos vampiros, o funeral fora uma lamentável fração daquilo que Lily pensava merecer a mãe. Ysabelle havia liderado seu povo ao sair da cidade em ruínas, e mantivera a comunidade unida; opusera-se a um caminho destrutivo de guerra e lhes ensinara a se concentrar em si mesmos e em suas habilidades, em vez de nas abominações ambulantes que ocupavam seu antigo trono.

Todos ficaram de pé, e Lily, anestesiada, se levantou com eles. Seis bruxos ergueram nos ombros o caixão de madeira da mãe, e ela pôde ouvir Marguerite soluçar ao passarem por ela. Lily confortou a filha repousando a mão sobre o ombro magro e reprimiu a vontade de chorar. A mãe deveria ter sido consagrada no coração de Nova Orleans, e não na pequena cabana construída pelos bruxos no meio de um pântano. Os vampiros Originais eram responsáveis por tal desfeita, Lily sabia. Eles poderiam ter perdoado a fraqueza dos bruxos, como os bruxos haviam feito vista grossa para a brutalidade dos vampiros no passado. Em vez disso, os Mikaelson haviam sentido o gosto da liberdade e a aproveitado, criando um exército de novos vampiros a partir dos humanos de Nova Orleans e expulsando os bruxos.

Mas Lily não deixaria escapar uma lágrima que fosse. Se chorasse, significaria que os vampiros tinham vencido — vergado seu espírito forte. Em vez disso, Lily obrigou-se a ver o falecimento de Ysabelle como um sinal. Era hora de uma nova era, uma troca de guarda. Lily estava exaurida, não aguentava mais subsistir sob a tirania dos vampiros. Os Mikaelson precisavam responder por seus pecados, e era intenção de Lily Leroux que eles pagassem até o último centavo.

Era uma noite exatamente como Klaus gostava. Vinho e sangue fluíam à larga, e a companhia relaxada e o calor do verão levaram todos a afrouxar tranquilamente as roupas. Ele só podia imaginar o tipo de coisa que estava acontecendo no segundo andar, mas por enquanto deixaria apenas para a imaginação.

Haveria tempo suficiente para desfrutar de tudo. Esta era uma das vantagens de ser ao mesmo tempo rei e imortal: ele podia fazer o que quisesse, sempre que quisesse. Elijah cuidava da administração da cidade, Rebekah cuidava dos Mikaelson, e Klaus ficava livre para cuidar de Klaus.

Vampiros festivos ocupavam cada cômodo do térreo, e Klaus podia ouvir a festa continuar no andar de cima. Nos quarenta anos desde que eles tomaram posse da modesta casa de um moribundo contrabandista de armas, os vampiros Originais reformaram-na bastante, acrescentando cômodos, mas mesmo assim agora estava com sua capacidade lotada. Para governar com eficácia uma cidade cheia de jovens vampiros ávidos, talvez fosse necessário que os Mikaelson se mudassem para uma casa maior; encontrar mais terras, porém, não daria o mesmo trabalho que no passado. Era fácil conseguir novas propriedades em uma metrópole sem lobisomens e bruxos.

A maioria dos lobisomens que conseguira sobreviver ao furação e à explosão de 1722 havia partido, e aqueles que ficaram mantinham o focinho baixo. Os bruxos tiveram um destino um pouco melhor, mas não muito: haviam ocupado o bayou, o gosto pelo poder abalado. Nova Orleans estava essencialmente livre da gentalha.

Décadas depois da morte de Vivianne, ainda dava um nó nas entranhas de Klaus pensar no que bruxos e lobisomens haviam feito com ela. Como os

bruxos a ofereceram em casamento aos lobisomens, como se o único valor de Vivianne estivesse em sua herança como filha dos dois clãs. Depois de ela ceder a própria vida em um tratado de paz, os lobisomens exigiram cada vez mais de seu espírito e coração. Ela havia morrido demasiado jovem, ainda tentando fazer com que as facções se entendessem.

Ele afastou o pensamento desagradável e terminou seu uísque. Vinha bebendo livremente, tentando ao máximo se juntar aos festejos à sua volta. Entretanto, 44 anos depois, ainda esperava que Vivianne entrasse pela porta e o tornasse inteiro outra vez.

— Está muito calado esta noite, Niklaus. Devo pegar outra bebida para você? — Uma jovem e robusta vampira caiu no colo de Klaus aos risos e interrompeu seus pensamentos sombrios.

O cabelo louro arruivado e comprido tinha cheiro de flor de laranjeira. *Lisette*, lembrou-se ele. Fazia parte da mais nova safra de recrutas de seu pequeno exército, mas se portava com a tranquilidade de uma vampira com séculos de idade. Não parecia se intimidar com os Originais nem se esforçava para impressioná-los, e Klaus achava esta indiferença ligeiramente ofensiva.

Ele soprou fios do cabelo comprido da vampira para longe do próprio rosto.

- Você gostaria de ainda conseguir se reconhecer ao final da noite? perguntou ele, com certo perigo na voz.
- Você me subestima. Sou complexa e misteriosa disse Lisette com uma falsa seriedade nos olhos cinzentos e grandes. Suba comigo e provarei a você.

Klaus afastou o cabelo avermelhado da jovem e beijou seu pescoço demoradamente. Ela suspirou e se virou um pouco, dando melhor acesso à boca do vampiro.

— Esta noite não, amor — sussurrou ele, descendo até a clavícula. Embora o cinismo de Lisette fosse irritante, ele precisava admitir que a garota tinha um belo pescoço.

Do outro lado do salão, outro par de vampiros agia de forma semelhante. Observando os dois, Klaus continuou a acariciar com os lábios a pele levemente sardenta de Lisette, mas ele apenas se sentiu mais vazio. Podia seguir o automático, mas não conseguia se interessar. Por mais que vagasse pela trilha da libertinagem, ele não conseguia se perder.

Ele queria Vivianne de volta. Esta era a simples e cáustica verdade. Havia tentado esquecê-la e havia tentado guardar luto e tocar a vida, porque sabia que era o único jeito de lidar com a morte. Lidara com a morte incontáveis vezes, embora ninguém jamais tenha sido obrigado a lamentar a morte *dele*. Sua mãe era uma bruxa, o pai verdadeiro, um lobisomem, e, para salvá-lo da morte, a mãe o transformara em vampiro. Klaus jamais morreria.

Era inútil se comparar aos outros. Niklaus Mikaelson jamais aceitaria os meandros da morte natural. Era idiota e inferior a ele. Se ele queria Vivianne Lescheres a seu lado, governando Nova Orleans como sua rainha pela eternidade, por que esta seria uma exigência impossível?

Lisette se mexeu de novo, agradavelmente, tentando recuperar sua total atenção. Mas era inútil.

- *Ma petite* Lisette, não vai querer se enroscar comigo hoje disse ele, tirando-a do colo e a colocando de pé.
- Como quiser respondeu ela e se afastou saracoteando, olhando por sobre o ombro para saber se Klaus a fitava. É claro que sim; mas era uma simples cortesia depois de rejeitar os avanços dela. E a parte de trás de seu corpo era tão agradável aos olhos quanto a da frente.

Ele levantou de sua cadeira e escapuliu para a direção contrária. Algumas vozes chamaram seu nome enquanto ele passava pelos cômodos mal iluminados, cheios de dentes afiados, risos e braços e pernas sensuais. Klaus os ignorou, finalmente tendo percebido onde queria passar a noite.

Ele subiu a ornamentada escada em caracol, forrada com um tapete vermelho e sedoso que Rebekah encomendara do Extremo Oriente. Ao passar pelos vários cômodos, ouviu seu nome ser chamado mais uma vez, porém, agora as vozes eram mais baixas e guturais. Ele resistiu ao impulso de olhar pelas portas que foram deixadas abertas de forma deliberada ou por acaso, e seguiu para uma pequena escada no fundo da casa.

Klaus pedira aos irmãos que mantivessem o acesso privado, e assim Rebekah instalou uma tapeçaria medieval que escondesse o batente da porta: um unicórnio, com a crina de fios dourados delicadamente jogada no colo de uma linda donzela. Às vezes Rebekah tinha ideias muito estranhas. Ele olhou de relance para trás e afastou a cortina, abandonando os convidados e seus festejos em troca da segurança do santuário pessoal no sótão.

Era o único lugar intocado pelas mãos incansáveis da irmã. O sótão era agora muito maior do que quando eles herdaram a casa, mas conservava a aparência rústica original. Vigas de madeira crua entrecruzavam-se pelo teto alto triangular, e o piso de madeira antigo rangia encantadoramente sob seus pés. O telhado era composto no alto por janelas, e o sol entrava por todos os lados durante o dia.

Klaus deslocava seu cavalete conforme o movimento do astro, observando as pinturas mudarem ao longo de cada dia. Às vezes, ele subia ali à noite e acendia algumas velas, afastando-se do cavalete para apreciar o efeito de todas as telas ao mesmo tempo. Estivera trabalhando febrilmente e não conseguia se lembrar de um dia ter sido tão produtivo.

Mas era um desperdício, porque todas as pinturas eram *dela*. O olho esquerdo de Vivianne, negro em um mar claro de pele. A silhueta de Vivianne correndo no meio da noite por uma rua calçada de pedra. Vivianne na cama dele naquela primeira noite, na última noite, toda noite.

Não era trabalho; era tortura. Ele jamais conseguiria pintar outra coisa. Mesmo quando começava um tema diferente, nunca deixava de transformálo em outro aspecto de Vivianne.

A pintura atual era do cabelo dela: preto e reluzente como as asas de um corvo, mas com uma vida e um movimento que Klaus se esforçava para capturar. Na luz de sua vela, parecia vulgar e equivocado, toda uma história que de algum modo ele não conseguia contar. Ele pegou um pincel e começou a trabalhar, acrescentando textura e luz em alguns pontos, enquanto deixava outros escuros como a gravidade.

O gemido do feitiço de proteção da casa soou mais uma vez, como vinha acontecendo a noite toda. Todos os outros estavam ocupados demais com a festa para prestar atenção, mas Klaus parou, o pincel a meio caminho da tela, ao ver uma bruxa na janela leste. Ela estava sentada na verga externa da janela, como quem descansa em um banco de parque.

Klaus a reconheceu de imediato. Independentemente do que previsse o antigo feitiço de Ysabelle Dalliencourt, esta não era exatamente uma invasora inesperada em suas terras. Ele reconhecia vestígios do rosto da mãe em Lily, no nariz imponente e reto, e nas bochechas largas. O cabelo era mais escuro, mais acobreado que castanho-avermelhado, mas os olhos tinham o mesmo castanho insondável.

Ele atravessou o cômodo rapidamente, desejando poder cobrir todas as telas pelo caminho. Vivianne e Lily podiam ser primas, mas Lily não tinha o direito de ver a maneira como Klaus retratava Viv. Qualquer que fosse a relação das duas, Lily era *um deles*, descendente dos covardes e fracos de espírito que a haviam deixado morrer.

Mesmo assim, ele abriu a janela e a convidou a entrar. Lily era a primeira bruxa em mais de quarenta anos a responder às investidas de Klaus, e ele não podia desprezá-la.

Ressuscitar os mortos era difícil, porém era mais complicado do que isso. Exigia uma magia negra apavorante que poucos sequer se atreveriam a tentar. Durante décadas, Klaus divulgou — discretamente, sem envolver os irmãos em algo que na realidade nem era problema deles — que o preço da readmissão a Nova Orleans era Vivianne. Os bruxos queriam seu lar de volta desesperadamente, mas nenhum deles havia se rebelado numa tentativa. Ysabelle tinha forte relação com o assunto, ele sabia, mas agora ela estava morta e a filha viera negociar.

- Posso lhe dar o que deseja disse Lily Leroux, sem preâmbulos. Mas sairá caro. Um item para o feitiço e outro para minha filha.
- Como já disse... começou Klaus, mas ela gesticulou com impaciência para que ele se calasse.
  - Sei o que você está disposto a oferecer. Agora ouça o que eu quero.

Klaus nunca ficava contente de ficar no lado desfavorecido de um acordo, mas se isto significava que teria Vivianne de volta, ele escutaria qualquer coisa que a bruxa tivesse a dizer.

Rebekah precisava admitir que Klaus sabia dar uma festa. Ela e os dois irmãos viveram em relativa solidão por tanto tempo que agora tinha a impressão de que ela jamais se fartaria de novas associações, e Klaus sempre se mostrava disposto a lhe providenciar muitos amigos. Vampiros jovens e ágeis enchiam a mansão, dançando, cantando, bebendo e trocando olhares sedutores entre si... e a ela também. Sempre a ela. Ela era mais do que uma celebridade entre eles; era praticamente uma deusa.

Depois de algumas taças de champanhe, Rebekah decidiu que lhe cabia muito bem ser venerada. Havia alguns jovens vampiros — bem, mais do que alguns — que competiam por sua atenção e ela os encorajava descaradamente. Havia um Robert e um Rodger os quais ela confundia constantemente, e Efrain, de olhos azuis extraordinários, mas que emudecia à mera visão de Rebekah. Esta noite era uma comemoração, e a noite seguinte provavelmente seria idêntica.

Robert (Rebekah tinha quase certeza) completou a taça dela antes que se esvaziasse, e ela lhe abriu um sorriso lânguido. Eles eram como meigos cachorrinhos carentes, sentando-se a seus pés, devorando cada segundo de atenção. Era impossível levar qualquer um deles a sério, mas talvez algo mais frívolo fosse exatamente do que ela estava precisando.

Ela estivera apaixonada e sabia como terminava. Mas viveria por muito tempo e não era realista passar o resto da eternidade fugindo de toda espécie de ligações. Um caso seria uma divertida distração... E talvez outro depois desse.

Uma vampira de aparência animada e cabelos dourados avermelhados entrou na sala de visitas onde Rebekah se cercava de admiradores, e, notou Klaus saindo da sala na direção contrária. *Deprimido mais uma vez*,

imaginou ela. Ele estava magnético como sempre, atraindo humanos e vampiros. Eles afluíam à casa por sugestão de Klaus, que em seguida, escondia-se de todos como um eremita. Ele estava indo novamente àquele sótão gelado, ela sabia.

— Peço desculpas pela grosseria de meu irmão — disse ela à vampira, por impulso.

Os olhos cinzentos da garota arregalaram-se de uma surpresa momentânea, como se nunca lhe tivesse ocorrido ser ofendida pelo estado de espírito abrupto de Klaus. Rebekah sentiu-se uma tola por ter mencionado a cena, mas a vampira abriu um sorriso tranquilo. Seus dentes eram brancos e perfeitos, como uma boa sequência de pérolas.

- Não é necessário garantiu a vampira a Rebekah, despreocupadamente, como se as duas fossem do mesmo nível. Ele é quem ele é.
- Sábias palavras concordou Rebekah, terminando o champanhe e olhando sugestivamente para Rodger. Ele se afastou às pressas para buscar uma nova garrafa. Não é da natureza de Klaus pensar nos outros.

Enlouquecer Rebekah e Elijah era a única coisa a qual Klaus de fato se dedicara nos últimos quarenta anos. Ele ganhara, em um jogo de cartas, a propriedade do bordel barato de que desfrutava tanto e o perdera logo em seguida. O Southern Spot ficou uma semana inteira sob a nova placa, que dizia The Slap and the Tickle, antes que a antiga voltasse ao seu lugar. Ainda assim, Klaus passava um tempo desmedido ali, bebendo e desfrutando das meretrizes como se a presença dele ainda fosse necessária para administrar o lugar. Saía cambaleando já de manhã, para interromper as batalhas do exército francês e se alimentar ao bel-prazer, obrigando Rebekah a usar os poderes de influência repetidas vezes. Ele havia se divertido ao atormentar os comandantes franceses até que eles fugissem da cidade, quase arruinando o direito dos Originais a sua terra quando os franceses entregaram a colônia aos espanhóis depois da guerra.

A ruiva sentou-se sem esperar por um convite. Rebekah franziu o cenho, mas se divertia, e a ousada jovem não demonstrou a menor intimidação com sua expressão.

 Não espero que ele pense em alguém além de si mesmo — concordou a garota tranquilamente. — Eu só estava tentando ajudá-lo a melhorar o humor. — E por que ele ficaria de melhor humor por você do que pelo resto de nós? Sequer conheço você! — Rebekah lembrou a ela.

Estava certa de ter visto a garota por ali, mas provavelmente prestava muita atenção em Robert/Rodger para perceber. De qualquer modo, comparecer a algumas festas não fazia dela parte do círculo íntimo dos Mikaelson.

— Ah! Meu nome é Lisette — disse a vampira animadamente, estendendo a mão com certo atraso. Não deu outra explicação nem defesa para sua presunção, e parecia não ter consciência nenhuma disso. Ao que parecia, a mística dos Originais escapava a Lisette. Depois da bajulação dos admiradores de Rebekah, era como o choque de mergulhar em um poço de água fria.

Rebekah hesitou por um breve segundo antes de apertar a mão estendida de Lisette. Parte dela queria arrancar alguma reverência apropriada da garota... Mas o restante gostava da novidade. Um caso passageiro era ótimo, mas uma amiga... Há quanto tempo Rebekah não tinha uma amiga de verdade? Sua natureza, sua posição e sua família praticamente impossibilitavam que fizesse amizades, que dirá conservá-las. Rebekah Mikaelson era perigosa, intimidante, imortal e resguardada. Mas Lisette não parecia se importar.

- Então, fale-me de você, Lisette ordenou ela, depois se controlou e abrandou o tom. Por favor?
- Ah, sobre mim? Não há nada para contar. Lisette riu, mas isto não impediu que de imediato soltasse alguns detalhes fofoqueiros sobre os outros convivas.

Ela falou sem parar, e Rebekah deleitou-se com a normalidade do ato. As duas podiam ter a mesma idade: jovens adentrando a sociedade juntas. Ela escutava extasiada, fazendo perguntas sempre que Lisette precisava de estímulo e aquiescia com uma riqueza impressionante de informações sobre quase todos os convidados dos Mikaelson. A maioria dos bichos de estimação de Rebekah desistira e se afastara depois de um tempo, e até o tímido e apaixonado Efrain olhava em volta como se preferisse estar em outro lugar.

Mas Rebekah não se importava. Ultimamente era muito fácil conseguir admiração; Lisette, porém, era um prazer mais raro. Elas ainda conversavam quando surgiu um tumulto perto da escadaria principal e Rebekah concluiu

com relutância que precisava investigar. Dedicara trabalho demais para tornar a casa confortável, e não deixaria que a estragassem, por maior que fosse a diversão de todos.

Quando chegou ao hall da frente, porém, percebeu que o problema não eram os vampiros mais novos. Klaus tinha voltado do seu momento de depressão e parecia decidido a espalhar infelicidade. Alguns vampiros nervosos, em variados estados de nudez, agrupavam-se junto da escada, encolhendo-se enquanto Klaus passava por eles aos esbarrões.

— Se eu descobrir que você tocou alguma coisa nesses quartos, vou abrilo do pescoço aos tornozelos procurando pelo objeto — ameaçou ele para o mais próximo, que só conseguiu tremer.

Alguma coisa havia desaparecido? Algo que pertencia a Klaus? O que quer que fosse, devia ser importante para ele procurar no meio de uma festa. Ela não conseguia imaginar o que o levaria a agir de forma tão estranha, exceto que talvez ele simplesmente tenha ficado muito tempo sem fazer uma cena e não conseguia se controlar.

- Minha querida irmã! Ele a saudou, num arremedo de carinho fraterno. Em seguida deu a impressão de assimilar algo. Deve estar com *você* disse ele enigmaticamente e voltou a subir a escada.
- Eu... Você acha que vai entrar no *meu* quarto? gritou Rebekah, correndo atrás dele. Niklaus, mas que diabos deu em você esta noite? Faltar à festa para ruminar em seu sótão parecia um plano brilhante em comparação a isso.

Ele não respondeu. Abriu a porta do quarto dela e desandou a vasculhar seus pertences. Os pertences *dela*; ele não podia deixar nem este canto minúsculo da casa em paz.

Ela o segurou pelo braço, mas ele afastou sua mão e abriu uma caixa de joias na penteadeira. Pérolas e topázios espalharam-se para todo lado, e o ouro suave reluziu contra a madeira pintada.

 Não é nada — resmungou ele, nem mesmo se dando ao trabalho de tornar a mentira convincente. — Foi só uma bugiganga que perdi e pode ter vindo parar aqui.

Ele abriu outra caixa, vasculhando sem nenhum cuidado, deixando cair um brinco de rubi no tapete sem nem mesmo perceber. Uma corrente de prata se arrebentou sob seus dedos imprudentes, uma corrente que Eric Moquet dera a Rebekah quando ambos acreditaram que podiam ter uma vida juntos.

— *Saia!* — gritou Rebekah, empurrando Klaus com toda força. O corpo dele voou para trás, chocando-se na porta com o barulho satisfatório de madeira partida. — Seja o que for, não vai encontrar aqui.

Klaus se levantou e avançou ao quarto seguinte. Segundos depois, Rebekah ouviu outro estrondo pelo corredor. Ela percebeu que, se não fosse atrás do irmão, os danos aumentariam rapidamente. Desta vez ele nem mesmo se incomodou em colocar os ocupantes para fora do quarto. Rebekah o encontrou jogando as roupas de um armário no chão enquanto dois vampiros olhavam da cama, uma colcha bordada puxada até o queixo, como se a seda fina os protegesse de um vampiro louco.

— Pare com essa loucura — ordenou ela.

Ele gesticulou para ela com desprezo e foi ao patamar da escada, gritando para os convidados que estava na hora de partir. Por que era Klaus quem decidia a hora de terminar a festa? Ele tinha um talento especial para estragar coisas boas.

Rebekah chegou ao pé da escada bem a tempo de vê-lo entrar no escritório de Elijah. Tinha certeza de que Elijah a agradeceria por impedir a entrada de Klaus e, assim, cerrou os dentes e passou pela multidão.

Klaus já havia arrombado uma gaveta da mesa de Elijah, e Rebekah ficou sem ar. Elijah ainda não aparecera, mas no momento em que o irmão visse o que Klaus estava fazendo, a casa seria pequena demais para os três.

— Não toque nisso — gritou ela, jogando seu peso na gaveta a fim de fechá-la. Klaus a empurrou de lado e arrombou a tranca de outra gaveta. Rebekah o empurrou para trás, e ele esbarrou em um dos grandes candelabros que Elijah tinha pelas paredes. O candelabro balançou-se perigosamente para a janela ao lado, e Rebekah teve tempo suficiente para ver um filete de fumaça se elevar do tecido antes de Klaus investir para ela.

A força do ataque de Klaus derrubou os dois no hall da frente, rosnando e mordendo. Os outros vampiros se dispersaram, e em algum lugar por perto Rebekah ouviu vidro se quebrar. Uma fumaça acre saía da porta aberta do escritório, e ela imaginou que as cortinas tinham se incendiado. Klaus destruía *tudo*.

Ela não podia mais viver assim, não com Klaus, o terror. Ele não valorizava nada que ela ou Elijah faziam por ele. Era tão autocentrado que

não conseguia imaginar que os irmãos talvez preferissem não passar a vida consertando o desastre que ele acabara de provocar, ou tentando prever qual seria o seguinte.

Enquanto arquejava, tentando respirar numa chave de braço de Klaus, Rebekah se decidiu: encontraria um jeito de destruir o que restava da felicidade de Klaus, como ele sempre conseguia estragar a dela. Elijah passou o dedo relaxado pelo braço exposto de Ava, sentindo-se inteiramente em paz. Tamanha tranquilidade não tinha sido fácil, e o custo havia sido alto, mas ele perseverou. Mantivera os irmãos unidos e superara cada obstáculo que a cidade havia lançado em seu caminho, e agora era hora de colher os frutos.

Os franceses perderam o poder na região, a Espanha o tomara e estabelecera seu próprio governo em Nova Orleans. Mas logo ficou evidente que governar a cidade não era do interesse do rei Carlos III, e o governo espanhol que ele enviou tampouco achou a tarefa especialmente atraente. Os colonos franceses ficaram enojados com a mudança do regime, e Elijah sempre viu a inquietação humana como uma oportunidade.

Como resultado de sua astúcia e antevisão, agora tudo que acontecia de importante em Nova Orleans tinha de passar por ele. Comércio, construção, questões judiciais... Elijah Mikaelson era o coração pulsante da cidade. E depois de ele ter percebido que os bruxos não podiam mais obrigar o cumprimento da proibição de gerar novos vampiros, Elijah tivera um prazer especial na criação de uma nova comunidade. Sua família era o núcleo central de seu mundo, mas havia benefícios na construção de uma sociedade. Ele tinha tudo que queria, e agora tinha Ava, que parecia decidida a inventar toda sorte de coisas novas para satisfazer seus desejos.

Ela se espreguiçou pela cama de baldaquino, e a luz matizada da lareira formou um curioso desenho em sua pele. Ao estender o braço para ela novamente, ele ouviu um estrondo e um grito vindo do andar de baixo. Esperou um minuto, torcendo para que se mesclasse ao barulho previsível de uma festa, mas o tumulto só parecia aumentar.

- É um desastre tão grande que você precisa checar? Mal ouço um barulho protestou Ava enquanto ele se levantava da cama e o brilho dos olhos felinos dela quase foi o suficiente para fazê-lo ignorar o barulho.
- Por mais que preferisse continuar olhando para você, parece que minha atenção é necessária em outro lugar disse Elijah com um último beijo rápido ao vestir as roupas. Ele não ascendera ao poder ignorando sinais de alerta.

No corredor, ele conseguiu distinguir a voz dos irmãos em meio ao barulho. Também havia um crepitar nítido por baixo de tudo, e Elijah sentiu cheiro de fumaça. Elijah resignou-se a cuidar do que estava acontecendo no térreo e a abandonar Ava pelo resto da noite.

Sua disposição de se envolver nesse tipo de confusão era o principal motivo para ele estar no poder, e não os espanhóis, mas às vezes a responsabilidade o enfurecia. Desceu intempestivamente a escada curva, as narinas ardendo com o fedor de fumaça. Vinha de seu escritório.

Elijah ficou petrificado por um instante, olhando o desastre da soleira. Costumava usar o escritório como refúgio, longe dos conflitos intermináveis dos irmãos, porém, mais do que isso, ele o transformara em um recurso enorme em épocas conturbadas. Os Originais não possuíam magia, como a mãe deles, mas *eram* mágicos. Toda sua existência era forjada pela magia, e sua vida dependia dela. Elijah reunira uma impressionante biblioteca de livros e manuscritos sobre o assunto, além de toda a papelada comum exigida por sua proeminência em Nova Orleans. Ver tudo isso queimar era um golpe inesperado em seu estômago, e Elijah se recurvou, com as unhas cravadas nos punhos, para respirar fundo o ar fumarento.

Além das cortinas, duas estantes de madeira de cada lado haviam sido tomadas pelas chamas e muitos objetos pareciam irrecuperáveis. Mas as paredes e livros calcinados não eram os únicos danos. Sua mesa — uma peça pesada de castanheira — estava torta, e algumas gavetas que ele sabia ter trancado, entreabertas. O incêndio não era simplesmente um acidente infeliz; alguém estivera naquele cômodo, vasculhando suas coisas.

E Elijah podia adivinhar quem seria este alguém. Rebekah podia lhe fazer provocações — nem sempre conseguia evitar —, mas a destruição em seu escritório era obra de Klaus. Não havia mais ninguém no mundo com um talento tão grande para o caos inconveniente.

Mesmo com sua velocidade e força sobrenaturais, Elijah precisou de alguns minutos para apagar o fogo. Na sala principal, Rebekah e Klaus estavam engajados em uma luta desnecessariamente cruel. Nenhum dos dois tinha uma adaga de prata ou, felizmente, uma estaca de carvalho branco, as únicas armas que podiam dar cabo de um vampiro Original. Só o que eles conseguiam era irritar um ao outro e se fazer de tolos. Seus ferimentos se curariam, mas o constrangimento seria duradouro.

Elijah segurou Klaus pelo colarinho e o atirou para trás, depois avançou para segurar Rebekah com o pé. Ouviu Klaus esforçando-se para se levantar e estendeu a mão, em alerta.

— Basta — disse ele, num tom baixo. — Vocês dois estavam satisfeitos em deixar a casa incendiar. E pelo quê?

Ambos começaram a argumentar ao mesmo tempo, e ele ergueu a mão novamente para silenciá-los. Depois, com relutância, apontou para Klaus. Preferia ouvir primeiro a versão de Rebekah, porque quase certamente era a mais correta. Mas Klaus nunca ficaria quieto para deixá-la falar. Esta pequena concessão ajudaria a restabelecer a paz.

— Nossa irmã está descontrolada. — Klaus revelou com desdém enquanto se levantava e espanava a poeira do paletó. — Pedi a ela que me ajudasse a encontrar uma simples bugiganga, e ela me seguiu pela casa, atacando-me como uma louca.

Para choque de Elijah, Klaus saiu de rompante da sala sem esperar ouvir nem mais uma palavra, dispersando os convidados restantes ao passar.

— Ele enlouqueceu — argumentou Rebekah, empurrando o pé de Elijah, que não ofereceu resistência, e sentando-se. — Não sei o que ele está aprontando, mas o que ele quer não é uma simples bugiganga. Seu desespero é forte demais.

Não havia dúvida de que Rebekah tinha razão. Elijah não conseguia imaginar o que Klaus procurava, ou por que repentinamente a *necessidade* de ter aquilo tinha se apoderado de seu irmão no meio da noite. Klaus devia estar desfrutando da festa, e não demolindo a casa. Algo o perturbou, e Elijah deduziu com relutância que precisaria chegar ao fundo dessa história.

Juntos, eles seguiram o barulho revelador da busca renovada de Klaus no quarto de Elijah. Uma rápida olhada disse a Elijah que Ava tinha saído. Ele sentiu uma onda rápida de frustração — o egoísmo de Klaus nunca o impedia de invadir a vida dos outros.

— Você não é bem-vindo neste quarto, irmão. — Elijah o alertou, num tom frio e ameaçador. — Não sei o que esta bugiganga significa para você, mas ainda é um membro desta família e este comportamento é inaceitável.

Ele pensou ter ouvido Klaus rir baixinho enquanto abria o guarda-roupa de Elijah e começava sua busca. Elijah entendeu por que Rebekah perdera a paciência e o atacara — neste estado, parecia não haver outro jeito de atingilo.

— Se soubéssemos o que ele quer... — sussurrou Rebekah, os olhos azuis se virando de esguelha para encontrar os de Elijah.

Rebekah tinha razão. Se encontrassem o objeto primeiro, teriam alguma vantagem para fazer Klaus... o quê? Pedir desculpas? Explicar-se? Raciocinar? Nada disso era provável.

Mas por onde começar? A casa estava cheia de objetos poderosos que eles vinham colecionando havia séculos, e Klaus podia estar atrás de qualquer um deles. A mãe dos três tinha sido uma das bruxas mais poderosas da história, e eles eram os vampiros mais antigos e fortes que já existiram. "Bugigangas" úteis, bonitas e inestimáveis eram tão comuns na casa que eles jamais teriam sentido falta de uma delas se não pegassem Klaus procurando.

— Diga-nos o que quer, irmão — ordenou Elijah.

Para surpresa dele, Klaus saiu do guarda-roupa, parecendo quase racional.

— Quero que me deixe em paz, *irmão* — respondeu ele com sarcasmo. Sua voz era leve, mas os olhos azuis esverdeados brilhavam com uma paixão que Elijah pensou beirar a loucura.

Talvez Rebekah tivesse razão: talvez o irmão de fato estivesse perdendo o juízo. Ele não vinha sendo o mesmo desde aquela noite terrível em que Vivianne Lescheres morrera, mas não era como se todos eles não tivessem experimentado perdas durante suas longas vidas.

— Você não tem o *direito* de ser deixado em paz — disse Elijah. — Dediquei-me muito a criar este refúgio para você... para vocês dois. — Ele viu Rebekah se retrair, mas não se importou. — Passei décadas construindo um reino para nós, e não precisam fazer mais nada além de sentar-se e desfrutar. Em vez disso, perdem tempo com esse absurdo. Deixou que nossa casa pegasse fogo enquanto pensava apenas no que *você* quer. Acontecerá o mesmo com a cidade inteira se não for mais cuidadoso.

Klaus simplesmente foi embora. Não respondeu, não reclamou nem argumentou, apenas passou por eles como se não tivesse ouvido uma só palavra.

Algo havia se transformado dentro do irmão. Eles ouviram uma porta bater no primeiro andar, depois Elijah sentiu os pelos dos braços se eriçarem. Ouviu Klaus assoviando. Alegremente.

— Já vai tarde — resmungou Rebekah, depois que o som esmaeceu no silêncio. Elijah, porém, sabia que não seria a última vez que ouviria isto. Klaus estava aprontando algo e, qualquer que fosse o plano dele, estava apenas começando.

Klaus enrolou a corrente com pingente nos dedos. Engastada em prata, a imensa opala pertencera à sua mãe e tinha um encantamento poderoso em suas profundezas raiadas de fogo. Ele suspeitava de que Lily sabia algum segredo sobre a pedra e escondera dele, mas Klaus estava agradecido por alguém finalmente aceitar sua oferta.

Há muito acostumado a fazer a própria sorte, Klaus tinha espionado cada bruxo de Nova Orleans. Procurara pelos renegados e os infratores, oferecendo subornos e fazendo ameaças ainda mais elaboradas em seu desespero para conseguir Vivianne de volta, porque a maldição da mãe proibia que ele próprio fizesse a magia.

Por fim, seus esquemas ficaram menos frequentes e mais desesperados, breves lampejos de desafio contra probabilidades impossíveis. Vivianne esperava por ele do Outro Lado, e ele a estava decepcionando. Apesar de todo seu poder, ele não conseguira garantir a cooperação de um bruxo sequer... até agora. E assim, seja lá o que Lily desejasse, não importava quão ultrajantes fossem suas exigências, para Klaus eram mais do que justas.

Ele sabia que os irmãos não concordariam. Elijah, especialmente, jamais aceitaria um acordo desses. Rebekah tinha um fraco pelo amor verdadeiro e por fim podia ceder, mas não esconderia de Elijah o segredo de Klaus. Eles esmagariam a pedra antes de deixarem que fosse entregue a uma bruxa.

No momento em que ele encontrou a opala no fundo do guarda-roupa de Elijah, resolvera não contar nada aos irmãos. Recusava-se a ser impedido quando estava tão perto de consegui-la de volta.

Ele precisava dela.

A morte não precisava ser eterna. Não para um vampiro e, em particular, para um Original. Se naquela noite houvesse tido tempo para dar a Vivianne

uma só gota de seu sangue antes de ela morrer, teria sido o suficiente. Ela teria despertado na noite seguinte como vampira, com uma segunda chance interminável para a vida. Infelizmente, Vivianne morrera instantaneamente por uma explosão de pólvora bem abaixo de seus pés, como a maioria dos lobisomens de Nova Orleans.

A chuva morna começou a bater em seu rosto, e a densidade do ar de verão foi rompida enquanto ele chegava ao cemitério dos bruxos. Ele se lembrava nitidamente de outra tempestade. O trovão soando, os lobisomens cercando a casa, e Vivianne, com esperanças de enfim fazer alguma coisa certa. Naquela noite, ela estava linda. Ele precisava dizer isso a ela.

O cemitério estava às escuras. Nuvens encobriam a lua, e a chuva constante apagara qualquer vela que estivesse acesa para os mortos. Antigamente, todo espaço entre os túmulos e as trepadeiras era repleto de velas, incenso, flores e amuletos, mas tudo havia sido negligenciado depois que os bruxos se mudaram para o bayou. Heras e musgo dominavam as sepulturas.

Apenas o túmulo de Vivianne estava tão imaculado quanto na noite em que tinha sido enterrada. Os bruxos podem ter deixado de homenagear seus mortos, mas Klaus não tinha esses problemas. O mármore branco do pequeno mausoléu brilhava, tão polidas eram suas paredes. Ele lançou um olhar ao santuário enquanto Lily saía de trás de uma cortina de chuva. Curiosamente, a água não parecia tocá-la.

- Trouxe o pingente? perguntou Lily, segurando a lanterna de modo a lançar uma sombra sobre o nome gravado de Vivianne Lescheres. O capuz estava jogado para trás, e o cabelo castanho, puxado severamente contra o crânio.
- Sem amabilidades? observou Klaus, com a opala pendurada na mão. E eu pensando que poderíamos ser bons amigos.
- Eu não esperaria tanto. O tom da bruxa era gélido, mas ela acompanhava o balanço suave da pedra preciosa. Tirou do bolso de seu manto um pequeno frasco de vidro. Porém, além do pingente, vou precisar de *outra coisa* antes de acordar Vivianne do sono eterno.

Klaus olhou o frasco, sentindo o queixo se enrijecer de raiva — ele devia esperar que ela aumentasse o preço quando Vivianne estava quase ao seu alcance.

- E o que seria? Ele torcia para que soasse indeciso, mas ambos sabiam que ele não rejeitaria o que quer que ela pedisse.
- É só uma questão menor ela lhe garantiu —, outro gesto de boa fé.
   A terra em que vivemos é estagnada e insalubre, e minha filha adoeceu.
   Nossas artes não têm sido capazes de ajudá-la, mas creio que seu sangue possa fazer isso.
  - Meu sangue repetiu Klaus, com a mente em disparada.

A mistura que corria em suas veias era muito mais preciosa do que o pingente, e perigosa nas mãos erradas. Era possível que seu sangue fosse usado para curar uma criança doente, e seria um só uso, um feitiço. Um colar e um pouquinho de sangue; não era nada. Nem mesmo valia falar no assunto com alguém.

Klaus deu uma dentada na pele do pulso e avançou para estender o braço ao frasco que coletaria seu sangue. O frasco se encheu até a boca, e Lily colocou nele uma tampa macia de cera.

— É tudo — disse ele com firmeza. — Comece.

Lily arrancou a opala da mão dele e não perdeu tempo ao traçar um desenho curioso na terra molhada na frente do túmulo de Vivianne.

— Fique neste canto aqui — ordenou ela, apontando com o dedo comprido. — Você é a âncora para o feitiço.

Como Klaus hesitou, ela tirou uma mecha de cabelo do rosto e suspirou de impaciência.

— Ela voltará para *você* — explicou a bruxa, como se falasse com uma criança.

A mente de Klaus se encheu de perguntas que ele sabia que devia fazer. Isto queria dizer que a nova vida de Vivianne seria vinculada à dele? Ela seria mortal, desta segunda vez? Ela seria a antiga Vivianne? Mas ele daria prosseguimento independentemente das respostas, então preferia não saber. Klaus sempre defendera a ideia de que era mais fácil pedir perdão do que permissão... Se tivesse de escolher entre as duas coisas.

Ele foi ao local indicado por Lily e se concentrou na única coisa que importava: Vivianne voltando para ele. Naquela mesma noite, ele a abraçaria de novo. Ele já podia vê-la, como estivera em seu último momento. Antes que a terra explodisse sob seus pés, ela o olhou pela janela. Os olhos negros faiscavam no rosto branco e perfeito, o cabelo preto brilhava ao luar. Seu

espírito rebelde e determinado aparecia no ângulo do queixo pontudo, e os lábios vermelho-sangue pareciam chamar por ele.

Lily começou a entoar, e, mentalmente, Klaus ouviu o riso de Viv ondulando sob as palavras incompreensíveis. Concentrou-se nele, agarrando-se à ideia dela, tentando puxá-la do além-túmulo. Deixou-se consumir por pensamentos de Vivianne até que eles abafaram todo o resto, incluindo as palavras do feitiço que a traria de volta.

Klaus sentiu o formigamento da magia, não em volta dele, mas dentro de seu corpo. Empurrava e puxava, importunando-o até que ele não teve alternativa senão notar o que a bruxa fazia. De algum modo, o feitiço estava errado.

Lily abriu o frasco com seu sangue e cuidadosamente pingou algumas gotas preciosas na opala branca e reluzente. Elas desapareceram na pedra como que engolidas. Em seguida, pendurou a corrente no pescoço, entoando algo que não era o feitiço para ressuscitar sua amada dos mortos.

Mas ele tinha medo de impedi-la... Um erro lhe custaria tudo. Por maior que fosse a certeza de que havia algo errado, Vivianne ainda podia sair da sepultura diante dele e apagar todas as dúvidas.

Lily parou, respirando com dificuldade, como se estivesse correndo. O formigamento de magia ardeu por todo o corpo de Klaus, depois terminou.

- Que feitiço foi esse? Klaus exigiu saber. Tentou livrar-se do feitiço, mas o sentia agarrado, misturado a seu sangue. O que ela havia feito com ele? Fale agora, antes que eu rasgue sua garganta.
- Eu não faria isso se fosse você. Lily o alertou com um sorriso. Pegou uma lâmina pequena no manto e passou pelo braço. Klaus sentiu uma pontada na própria pele e, baixando os olhos, ficou surpreso ao ver uma linha fina de sangue brotando pela manga da camisa. Combinava perfeitamente com a ferida de Lily. Eu nos uni, Niklaus. O que acontecer comigo, agora acontecerá também com você.

As palavras o enfureceram. Ele supusera que pelo menos seria capaz de matá-la se ela o traísse, mas agora estava numa armadilha. Não podia machucá-la sem se machucar... Pelo menos, não diretamente.

— Você tem entes queridos. — Ele lembrou, a voz gelada de fúria. — Não preciso tocar em você para feri-la. Sugarei a vida de todos que você ama até que você rompa a ligação entre nós. Deixarei que cure sua filha, depois a tirarei de você. — Ele atravessou a linha que ela traçara na terra, colocando

o rosto tão perto do dela que Lily não podia deixar de ver a verdade nos olhos dele. — Farei com que você *queira* que eu a mate.

Lily empalideceu um pouco, mas não recuou.

— Não vai. — Sua voz tremia, apesar da certeza em suas palavras. — Ainda não lhe devolvi Vivianne Lescheres, mas pretendo fazê-lo. É de seu interesse ficar em paz comigo, vampiro, até que eu tenha terminado o que prometi.

Klaus conteve o impulso de atacá-la. A satisfação do golpe quase parecia valer a dor correspondente que provocaria nele.

- Se você de fato pode trazê-la zombou ele, empurrando a fagulha mínima de esperança para as profundezas do coração decepcionado —, por que simplesmente não o faz? Se tem este conhecimento, não desperdiçaria seu tempo com joguinhos.
- Tive de me proteger argumentou Lily. Você tem um propósito para mim até que Vivianne esteja viva novamente. Assim que tiver terminado, serei dispensável e é esta ligação que garantirá minha segurança. Não pode me machucar, e sua espécie me deixará em paz, mesmo depois que souberem o que fiz por você. O que *farei* por você ela recordou, repousando a mão corajosamente na manga dele assim que conseguir arranjar o feitiço.
- Arranjar o quê? perguntou Klaus, a contragosto. Seu tom continuava áspero, mas ele queria ser convencido; que alternativa tinha além de manter viva a esperança? Ele abrira mão de seu sangue e do pingente, agora estava ligado a esta bruxa traiçoeira. Já que havia entrado na aposta, podia muito bem deixar que o valor aumentasse.
- Precisarei de alguma ajuda de meu clã informou-lhe ela, confiante de que o havia trazido de volta ao redil. A lua cheia é a melhor época para este feitiço e só acontecerá amanhã à noite. E, naturalmente, precisaremos dos restos mortais de Vivianne.

Klaus apontou o pequeno túmulo branco.

— Ela jaz ali — lembrou a Lily.

Depois do grande furação, ele próprio enterrara Vivianne em um outeiro, onde ela poderia ver uma pequena curva do rio. Subitamente ele percebeu que a chuva tinha parado e que algumas estrelas lutavam para penetrar as nuvens. Era um lindo local, perfeito para Viv.

— *Jazia* — corrigiu Lily. — Acredita realmente que a deixaríamos em um túmulo de vampiro, onde você saberia exatamente como encontrá-la? Você espionou minha espécie por décadas, procurando um jeito de ressuscitá-la. Teríamos sido tolos se deixássemos o corpo onde estava. No dia em que minha tia Sofia morreu, transferimos os ossos da filha dela a outro lugar... mais seguro. Nosso trato ainda está de pé, Klaus — acrescentou ela, olhando atentamente o rosto dele. — Continue a cumprir sua parte, e lhe garanto que cumprirei a minha. — Nisto, Lily desapareceu como havia surgido e Klaus ficou ali, lutando com o que acabara de acontecer.

Ela estava voltando.

A ideia o deixou petrificado, ardendo em seu cérebro como uma toxina que desativa qualquer outra reação. Subitamente, um medo se esgueirou em meio a suas esperanças. E se ela não fosse a mesma? E se Vivianne não o amasse mais? E se ela estivesse em paz e não quisesse voltar? Klaus se obrigou a afastar esses pensamentos. Agora era tarde, e o que a ressurreição de Vivianne trouxesse teria de ser vencida pelo amor que ele sentia.

Rebekah avaliou as consequências da festa com o lábio superior torcido de repulsa. Era possível que parte dos danos fosse culpa dos convidados, mas, a seus olhos, era tudo culpa de Klaus. Cada mancha e lasca, cada rachadura e vinco de algum modo era o resultado de sua pilhagem egoísta. A cada novo estrago que ela computava, seu desejo de castigar Klaus apertava mais fundo no peito. Ele não podia estragar tudo só porque sentia vontade.

Ela ainda não sabia o que ele procurava — o que ele havia encontrado. Porém, Klaus nunca precisava de um motivo para transformar a vida deles de ponta cabeça e deixar a casa de pernas para o ar. Não se importava com o esforço que os irmãos fizeram para construir uma vida para os três em Nova Orleans. Importava-se apenas consigo.

Ela endireitou a moldura dourada de uma antiga pintura, virando a cabeça de modo que a luz se deslocasse pelas marcas na superfície. A pintura em si parecia incólume, e assim ela passou a um divã revestido de seda, que não tivera tanta sorte. As manchas de sangue no tecido cor de champanhe eram horrendas, mas o corte na borda colocava a peça num estado irreparável. Parecia trabalho de uma faca, e Rebekah não teve dificuldades para imaginar Klaus retalhando o estofamento em busca do precioso objeto.

Mesmo assim, ela tentou unir as bordas, depois as soltou, enojada.

— Vi Ava Duquesne prender o anel aí — observou uma voz, e Rebekah se virou. Lisette estava na soleira, sem se deixar abalar pelo estado lamentável da mansão, ou pelo fato de que os outros convidados tinham partido. A suave luz de velas banhava seu cabelo em um vermelho mais escuro do que Rebekah se lembrava. — Ela pensou que ninguém notaria, o que evidentemente é ridículo.

 — O que ainda está fazendo aqui? — perguntou Rebekah sem cortesia nenhuma. — Pensei que todos vocês tivessem se dispersado quando Klaus criou seu pequeno circo.

Se Lisette reconheceu a insinuação de que ela *deveria* ter ido embora, não demonstrou.

— Cresci com irmãos — disse ela e pegou os pés de um humano morto, empinando o queixo para Rebekah, indicando que ela devia pegar os braços. Para sua própria surpresa, Rebekah aquiesceu e as duas carregaram o cadáver para a porta enquanto Lisette continuava: — Fui criada em uma fazenda perto de Saint Louis, onde meus irmãos me ensinaram a andar a cavalo e a atirar — explicou ela animadamente, passando pela soleira como se carregasse cadáveres para fora de casa o tempo todo. — Eles me ensinaram a estripar um cervo e limpar um rifle, a contar uma piada que podia fazer um ferreiro ruborizar e a nunca, jamais se deixar intimidar pela família de ninguém, senão a sua própria.

Rebekah riu tão inesperadamente que quase deixou cair os braços do homem que as duas carregavam. Ela se viu gostando novamente de Lisette, apesar do próprio mau humor e da irracional falta de deferência da garota. Ainda assim, seria um precedente ruim estimular esse tipo de familiaridade, então ela forçou uma expressão severa antes de responder.

— Agora nós *somos* sua família — lembrou ela a Lisette. — Colocamos os corpos ali, entrando um pouco pela mata.

Embora os Mikaelson preferissem fazer suas caçadas nas ruas e vielas sinuosas de Nova Orleans, era educado providenciar refrigério para os convidados. Depois de mais ou menos uma dúzia das festas, os cadáveres começavam a se empilhar. O pequeno buraco na floresta, a favor do vento em relação à casa, tinha sido adaptado como cova coletiva, com folhas e arbustos empilhados por cima numa tentativa tímida de ocultação.

- Notei mais alguns na sala de estar e um embaixo daquela escultura estranha perto da escada sugeriu Lisette, sem se preocupar com a repreensão de Rebekah. Talvez seja melhor pegar dois de cada vez.
- De fato concordou Rebekah. Elas podiam tranquilamente carregar um ser humano cada, mas era agradável ter companhia. Mesmo uma companhia tagarela e estranha era um avanço em comparação às ruminações sobre o mistério enfurecido da explosão de Klaus. Meu irmão está tentando me deixar louca soltou ela, e virou o rosto em

seguida para não ver a expressão de pena que sabia que devia estar no rosto da nova amiga.

- Eles fazem isso concordou Lisette com cordialidade, passando a andar ao lado de Rebekah ao voltarem para a mansão e ao céu que se iluminava. Soube que ele ficou meio desvairado desde o furação, quando a noiva morreu acrescentou ela, como uma tentativa de tranquilizar Rebekah. Como se os atos de Klaus por mais de quarenta anos fossem apenas uma fase.
- Ela nunca foi noiva dele vociferou Rebekah —, e ele já estava "desvairado" muito antes disto. E os dois tinham perdido alguém naquela noite, embora ouvisse Klaus dizer que ninguém no mundo vivera a dor que ele tivera quando Vivianne Lescheres, perfeita, extraordinária e ímpar, fugira e se matara por culpa própria.

Pelo menos, no início era o que ele dizia. Logo não falaria nunca mais no assunto. Agora que Lisette mencionava a questão, ele *estava mesmo* um pouco pior do que o de costume. Talvez ainda se agarrasse a seu caso de amor condenado com a híbrida de bruxa com lobisomem que quase havia afogado a cidade inteira.

Se era assim, há muito já passara a hora de ele superar o evento. Nova Orleans estava cheia de candidatas muito mais adequadas aos afetos de Klaus, agora que os bruxos não podiam mais forçar o cumprimento do antigo tratado, que proibia os Mikaelson de criar novos vampiros. Nesta cidade nova e mais animada, Rebekah conseguira superar sua perda, preenchendo a vida com distrações agradáveis. Era absurdo imaginar que Klaus ainda estivesse preso à mesma garota. A única coisa que Rebekah aprendera como vampira era que as pessoas morriam e você precisava continuar.

Em sua quarta volta do cemitério improvisado na mata, Rebekah notou que a porta da frente havia sido fechada. Tinha certeza de tê-la deixado aberta. Elijah ainda estava ressentido em seu escritório queimado e com isso restava apenas uma possibilidade.

— Está nervosa? — perguntou Lisette, assentindo a cabeça loura arruivada para a porta fechada. — Conheço muitos vampiros que se esconderiam de Klaus, mas outros tantos que também se esconderiam de você.

Rebekah lembrou-se da sensação gelada de uma estaca de prata penetrando seu coração, seguida por um momento de desolação que durara anos. Klaus não era melhor, mais forte ou mais inteligente do que ela, mas de algum modo ainda conseguia ser mais perigoso. Seu egoísmo o tornava imprevisível, e a desconfiança dos próprios irmãos só piorava as coisas.

— Não me sinto intimidada por ele — retorquiu ela, embora não estivesse inteiramente certa de que era verdade. — Nossa família é simplesmente mais complicada do que os outros podem compreender.

Lisette deu de ombros.

— É Elijah quem eu não gostaria de irritar — observou ela. — Mas também confiaria que ele ouviria de forma justa. Para cada fraqueza, uma força.

Ocorreu a Rebekah que ela teria invertido a frase, mas ao mesmo tempo ela percebeu que o céu sobre o bayou ficava decididamente cor-de-rosa. O anel para a luz do dia em seu indicador a protegia contra os raios causticantes do sol, mas Lisette não tinha tal magia. Ela já ficara por tempo demais.

- Vá para sua casa disse Rebekah bruscamente à garota. Não tenho medo de Klaus e vou lidar com ele. Obrigada acrescentou ela, sentindo-se calorosa para com a jovem vampira. Agradeço por sua ajuda esta noite, mas você já fez o bastante.
- Imaginei que você talvez precisasse do máximo de ajuda possível sugeriu Lisette, embora seu sorriso malicioso aliviasse um pouco do sarcasmo das palavras com um irmão como o seu.

Ela abraçou Rebekah, que ficou surpresa demais para protestar, depois deu meia-volta e correu para o centro da cidade. Com uma última centelha de ouro avermelhado ela se foi, e Rebekah respirou fundo antes de subir a varanda e abrir a porta da frente.

— Niklaus? — Ela chamou, sem querer adiar o confronto. — Niklaus, sei que está em casa.

Ela esperava que ele descesse a escada em caracol; ultimamente ele parecia passar todo seu tempo livre naquele sótão empoeirado e gelado que ele se recusava a deixar Rebekah reformar. Porém, em vez disso, ele saiu das sombras da sala de bilhar, segurando frouxamente um copo de cristal. Tinha uma camada de sangue seco na manga.

- Minha querida irmã ele a cumprimentou alegremente, mas o sorriso que torcia seus lábios não chegava aos olhos. Bem-vinda a sua casa.
- É só isso? ela exigiu saber, aproximando-se de sua cara presunçosa e zangada. — Não tem mais nada a dizer sobre seu comportamento da noite passada?

Klaus franziu o cenho.

— Creio que não — concluiu ele depois de um instante. — E você?

Era quase insuportável. A ideia de que *ela* teria de responder a alguma coisa, que *ela* de algum modo fora injusta com *ele...* Por muito pouco, ela não voava em seu pescoço ali mesmo. Apesar da ajuda de Lisette e dos esforços diligentes de Rebekah, a mansão ainda parecia em frangalhos. E ali estava Klaus, usando o único copo de cristal intacto e agindo como se não tivesse feito nada de errado.

— Você me *atacou* — rosnou ela, incapaz de controlar a própria raiva. — Você virou a casa de pernas para o ar e me atacou, em seguida simplesmente *foi embora*.

A testa de Klaus se franziu, e seus olhos turquesa se ensombreceram por um momento.

- Não é assim que me lembro. Ele deu de ombros. Rebekah, não sou responsável por cada piso arranhado e mau humor seu.
- Eu não *me importo* com o piso! insistiu ela, embora o piso fosse mais um ponto contra ele. Mas esta preocupação menor era superada em muito por sua agonia de ouvir mentiras descaradas do próprio irmão. De ser excluída, mais uma vez, porque ele jamais sentia realmente que estavam do mesmo lado. Me importa que você não *fale* comigo!

Klaus começou a se afastar, mas a contornou. Por um momento, ela pensou que ele lhe contaria tudo, não por confiar nela, mas porque ela finalmente o deixara suficientemente enfurecido.

- Não vai querer ouvir o que tenho a dizer. Você não pode saber como me sinto, não sabe o que estou passando. Não pode compreender o que se tornou minha vida.
- Não, se você não explica! Rebekah estava tão frustrada que praticamente gritava, mas não se importou.

A visão da corrente de prata de Eric quebrada faiscou diante de seus olhos, bloqueando a expressão furiosa de Klaus. Elijah ainda podia separar

outra briga entre os dois se fosse necessário. Klaus sempre dava ouvidos a ele, embora com relutância. Ele agia furtivamente, pelas costas, mas, quando se tratava de um confronto, respeitava a opinião de Elijah de um jeito como jamais respeitava a dela.

— Não preciso me explicar a você, irmã — respondeu Klaus, deixando clara a injustiça de tudo. Ela *podia* entender. Melhor do que qualquer um, provavelmente, porque o conhecia e cuidara dele a vida toda. E ela talvez pudesse ajudar se Klaus não a desprezasse e a mantivesse à distância. Mas ele nem mesmo via sentido em deixar que ela se aproximasse. Era tão egocêntrico que a única dor que conseguia enxergar era a própria.

De súbito, ela sentiu o desejo de brigar se esgotar. Ele não daria ouvidos, independentemente do que ela dissesse. Só continuaria com seus planos secretos, agindo como se a própria família não passasse de um obstáculo no caminho.

— Não, você nunca se explica — concordou ela. — Só insiste em atropelar, destruindo tudo, sem se dar ao trabalho de falar com *ninguém*.

Rebekah podia ter chegado ao pé da escada sem tocar nele, mas preferiu esbarrar, jogando o ombro com força no dele. Pelo canto do olho, ela pensou tê-lo visto sorrir com malícia e ficou ainda mais furiosa com a possibilidade de que ele estivesse rindo dela.

Ele pensava que podia fazer o que quisesse, buscar seus objetivos, jamais consultá-la ou respeitar sua opinião. Talvez ela tenha tratado o relacionamento turbulento dos dois do jeito errado, pensou Rebekah, batendo a porta destruída de seu quarto ao entrar. Suas caixas de joias estavam num caos, o conteúdo espalhado pela penteadeira e no chão. Talvez, esse tempo todo, o problema tenha sido sua solidariedade e preocupação.

Klaus não *queria* ser compreendido e talvez nem precisasse disso. Talvez o melhor que ela poderia fazer era tratá-lo com a mesma frieza e falta de consideração com que ele a tratava. Agora ela estava mais decidida do que nunca a estragar a diversão *dele*, e ver se ele gostava. Talvez isso o rebaixasse um pouquinho, o tornaria mais humilde e mais disposto a procurar a família em momentos de necessidade. No mínimo, talvez deixasse mais suportável a ideia de ficar presa em uma casa com ele.

Rebekah pegou um brinco de rubi na pilha macia no carpete, colocando com cuidado ao lado de seu par em uma das caixas laqueadas. Retirou as pedras preciosas que usava, uma de cada vez, e as reuniu à coleção,

admirando o suave brilho de cada uma antes de fechar a tampa da caixa. Elijah tinha poder, Rebekah tinha beleza e Klaus tinha problemas. Cada um deles criara a vida que lhes era mais adequada, porém a de Klaus era uma ameaça constante aos outros dois. Era da natureza dele.

Ela trocou o vestido por um robe de seda largo e sentou-se em um banco estofado para escovar o cabelo comprido e dourado. Vendo seu reflexo turvo no vidro acima da penteadeira, ela procurou algum sinal de que podia ser tão impiedosa e egoísta como o meio-irmão. Podia, assim decidiu. Tinha observado Klaus ser um bruto por séculos; certamente sabia o que fazer.

Quando Klaus menos desconfiasse, aprenderia o erro que cometera quando insistira em fazer caso dos irmãos. Ela lhe mostraria o que significava verdadeiramente não ter quem cuidasse dele, ninguém que o protegesse. Ele sempre alegava não ter em quem confiar a não ser a si mesmo, e ela havia tolerado esses insultos por tempo demais. Rebekah acharia um jeito de feri-lo, só um pouco. Só o suficiente. Ele aprenderia a valorizar seus irmãos, ou ela insistiria em fazê-lo pagar.

A gritaria aumentava, e Elijah não queria se meter.

Arrancara os restos queimados das cortinas e as amontoara em uma pilha calcinada no meio do escritório. Dezenas de seus livros estavam irrecuperáveis e vestígios de fumaça perduravam em cada canto da sala. Os danos eram extensos demais para ele próprio consertar, mas, no mínimo, faria com que ele mantivesse distância dos irmãos. Não fazia questão de vêlos naquele momento. Se ninguém levasse uma estaca no peito, Elijah tinha coisas melhores a fazer.

Horas se passaram, e a noite caiu. Algo importunava Elijah enquanto ele folheava cada livro de feitiço, vendo se os escritos ainda podiam ser decifrados. Qual era o problema? Seria porque ele não ouvia um ruído de Rebekah ou Klaus há horas? Não, algo mais atormentava sua consciência.

Vieram-lhe lampejos de uma visão, fragmentos de barba-de-velho e taboas. Ele podia sentir o perigo ao redor, mas não estava em volta dele. Estava em volta *dela*. Se Elijah se concentrasse, quase podia vê-la, embora não entendesse do que ela fugia.

Só o que ele sabia era que Ava, a vampira que ele havia criado, a mulher que partilhou sua cama horas atrás, precisava dele. Elijah afastou-se da mesa e partiu pela casa, batendo a porta ao correr em direção ao bayou.

Encontrou o rastro dela rapidamente, porque conhecia seus hábitos. Ela caçava por esses pântanos, pegando viajantes perdidos e bandidos errantes, e de vez em quando ele vinha caçar aqui com ela. As marcas de sua passagem eram quase invisíveis, nada além de um junco quebrado aqui e uma poça do tamanho de uma pegada ali. Felizmente, Elijah sabia o que procurava e seus olhos eram afiados. Ele seguiu pista após pista, percorrendo a lama e o mato na altura da cintura. Não queria pensar o que significava ter de rastrear Ava

como um cervo, que ele não conseguisse sentir a vampira pelo vínculo que antes partilharam.

Ele quase tropeçou em seu corpo prostrado antes de vê-lo. Ava Duquesne jazia de costas no pântano, com as pernas longas retorcidas e as mãos em garra para algo fora de seu alcance. Mas só o que ele conseguia olhar era o buraco irregular onde seu coração fora arrancado do peito.

Ele afastou o emaranhado de cabelos castanhos de seu rosto e viu os olhos verdes abertos e fixos, encarando o monstro que a perseguira e a assassinara. Por um momento, lembrou-se dela novamente como era, como devia estar, estendida languidamente por seus lençóis, com um sorriso irônico nos lábios cor-de-rosa.

E então ele foi jogado de volta à visão brutal de Ava naquele momento: flácida e alquebrada, com um buraco ensanguentado do tamanho de um punho no peito. A pele parecia coberta de esfoladuras e arranhões finos, como se ela tivesse corrido em vez de lutar. Elijah nem imaginava que criatura provocaria medo numa vampira. Ele não a conhecia bem — sua ligação sempre tinha sido mais física do que verbal —, mas ela nunca lhe pareceu temerosa.

Ele procurou por seu coração, na esperança de que fosse uma pista, mas não o encontrou em lugar nenhum.

A mente de Elijah lutava com as possibilidades. Isto não era obra de bruxos ou lobisomens, os inimigos naturais mais óbvios dos vampiros. Algo perseguira Ava e a mutilara, e Elijah nem imaginava o que poderia ser.

Nem mesmo conseguia rejeitar a possibilidade de que isto fosse pessoal. Ele não havia feito estardalhaço de sua ligação com Ava, mas também não se preocupara em guardar segredo. Será que alguém queria mandar um recado a ele por intermédio dela, ou se vingar dele por algum insulto esquecido? Se esta obra horrenda pretendia magoá-lo, ele só pararia quando deixasse o responsável em pedaços. Era o mínimo que podia fazer por Ava e talvez só o que podia fazer por ela agora.

Elijah ergueu um pouco o corpo de Ava, aninhando-a nele, mesmo com o cheiro de sangue quase esmagador. Cada ruído mínimo que vinha do bayou parecia próximo e suspeito. Ele se sentia vigiado, visto de cada lado por algum monstro ameaçador e desconhecido. Não sabia onde estava o perigo, apenas que o próprio ar em volta deles parecia tomado.

De repente, a criatura o atacou pelo flanco, jogando-o de costas com tanta força que ele soltou Ava. Uma mulher pairava sobre ele, mas não era uma mulher comum. Ela o manteve preso ao chão com nada além de sua força inacreditável. Ele sentia a tensão dos músculos da mulher enquanto lutavam, e sabia que ela não usava magia. Prendera-o na terra lamacenta porque era mais forte do que ele, e ninguém era mais forte do que Elijah.

A incredulidade dele era tão completa que ele precisou de um segundo para sentir uma umidade quente se espalhar, onde a mão esquerda da mulher pressionava seu ombro. Ele se arriscou a desviar os olhos por um momento do rosto calmo e sinistro de sua agressora e viu o coração de Ava em sua mão. Voltando a olhar nos olhos apáticos da criatura, Elijah entendeu que assassinar sua amante não foi um recado. Para ela, Ava era apenas uma presa.

— Quem é você? — Elijah exigiu saber, e a mulher estranha sorriu horrivelmente.

Ela levou o coração aos lábios e deu uma mordida delicada. O sangue escorreu por seu queixo e jorrou pela blusa dele, mas, a julgar por sua expressão, a mulher podia estar comendo uma ameixa madura.

- Quem é você? Ele voltou a perguntar, igualmente curioso e repugnado.
- Espere sua vez. Rouca, ela falou entre dentadas no coração, a voz soando enferrujada e sem uso. Você terá sua vez.

Por um momento bizarro, ele pensou que ela estivesse se oferecendo para dividir o banquete horrendo, mas entendeu o significado mais provável. Ela era parecida com qualquer outra mulher: cabelo castanhoclaro e liso emoldurando um rosto bem comum. Mas sua força; a voz estranha e rouca, sobretudo o coração em sua mão... Não havia nada de comum ou humano nela. Fosse o que fosse, ela o escolhera como sua próxima vítima.

Elijah tinha vivido por séculos e sobrevivera a ferimentos que teriam matado qualquer outro vampiro centenas de vezes. Nem a perda do coração daria cabo dele, mas ele não o queria arrancado do peito se pudesse evitar. Enquanto olhava a louca lamber os lábios, limpando o sangue de Ava, e baixar o rosto para dar outra mordida, ele não pretendia ficar deitado ali e descobrir do que ela era capaz.

A mão que o segurava parecia um torno de aço em seu ombro, mas ela estava distraída com o coração na outra mão. Ele impeliu o corpo para cima e de lado, tirando o equilíbrio dela e criando espaço suficiente para se colocar de pé.

Ela rolou e ficou agachada, os olhos azuis observando com algo que parecia contentamento. Cada movimento que ela fazia dava arrepios em Elijah, os ossos rangiam enquanto ela se erguia em toda sua altura. De algum jeito ela era *errada*. As pessoas costumavam chamar a espécie dele de "anormal" e até "aberração"; mas o que ele encarava diante de si realmente não pertencia a este mundo.

Nós estamos chegando a você — falou a criatura. Sua voz parecia vir de um cadáver. — Os bruxos retornaram a esta terra, e não há como escapar.
Ela sorriu, e ele viu o sangue em seus dentes. Elijah fez uma careta para o nervo que se soltou do coração quando ela deu outra mordida. — Você tem medo e deve ter. Mas o medo não o salvará agora.

Elijah nunca ouvira falar de uma bruxa que devorasse corações. E ela havia dito "nós". Elijah agora podia sentir a presença de outros, talvez uma dezena de criaturas semelhantes, à espreita na mata. Fechavam o cerco sobre ele, e, apesar de seus melhores instintos, ele desviou os olhos da bruxa pelo mais breve segundo, e foi neste momento que ela atacou.

O golpe o atingiu de lado, e suas pernas se embolaram nas de Ava. Ele caiu atravessado pelo corpo dela e rolou antes que a bruxa conseguisse prendê-lo novamente. Mas ela não era apenas forte, também era rápida, e quase o apanhou outra vez. Suas unhas arranharam o rosto e os braços de Elijah, procurando o meio do peito, enquanto ela ainda segurava o coração de Ava com a outra mão.

Ele desferiu um pontapé cruel quando eles se separaram, pegando-a em cheio na barriga. Ela se recurvou com a força do ataque, quase se dobrando, mas sem perder o fôlego. Investiu novamente para Elijah, e, às costas, ele sentiu alguém puxar ruidosamente a respiração. Abaixou-se, esquivando-se da mão da criatura e a pegou pelo pulso, girando-a para a outra bruxa que chegava de mansinho.

As duas criaturas ficaram de costas uma para a outra e rosnaram, mas outro par de mãos incrivelmente fortes apanhou Elijah por trás. Enquanto ele lutava, outras criaturas saíam das sombras. De onde vinham? E por quê?

Ele conseguiu se livrar do bruxo que o segurava — um homem baixo, com um sorriso perturbadoramente alegre — e esmagou seu punho no crânio de outra, estremecendo ao ouvir o esmagar nauseante do fino osso da têmpora. Mas ela nem mesmo se encolheu, apenas continuou a avançar para ele com metade do crânio afundado. Elijah ficou tão chocado que a mão da bruxa mergulhou por sua carne e tocou suas costelas antes que ele conseguisse sair de alcance.

Cobrindo o ferimento no peito com a mão, ele deu uma finta para um lado, em seguida outra, tentando dividir a dúzia de bruxos o suficiente para conseguir escapar. Porém, para sua surpresa, agora nenhum deles demonstrava interesse por ele. O bruxo baixo sorria de novo, mas não para Elijah. Tinha se virado para a primeira agressora de Elijah, que ainda segurava o coração semidevorado de Ava. Elijah percebeu que *todos* os bruxos partiam para a massa carnuda.

Elijah ficou inteiramente imóvel, sentindo que este não era o momento de atacar. Obrigou-se a observar, embora tivesse uma sensação nauseante do que estava prestes a testemunhar. As criaturas fecharam o cerco em torno da primeira agressora, sua atenção arrebatada e faminta no coração. Como um bando de feras selvagens, voltavam-se contra a própria espécie para obter o prêmio.

Ela soltou um silvo baixo e protetor, e segurou o coração mais perto do peito, preparada para lutar pela última tira de carne. Seus olhos insípidos caíram de novo em Elijah, e os lábios finos se separaram em um sorriso horripilante.

— Muito em breve. — Ela lembrou a ele em sua voz morta e áspera, e os bruxos atacaram. Atiraram-se nela todos de uma só vez, como uma represa rompida de dentes expostos e unhas afiadas.

Elijah ouviu o rasgar de pele e esmagar de ossos de algum lugar no meio da massa contorcida de monstros famintos e teve esperanças de que alguns não sobrevivessem à luta. Mas ainda imaginava a mulher que o atacara com o crânio afundado e desconfiava de que não podia depender daquelas feras resistentes para diminuir os próprios números.

Embora detestasse abandonar uma briga, Elijah sabia que a atitude mais inteligente seria aproveitar esta oportunidade e fugir. Seus pés voaram pelo pântano, assustando um bando de aves no mato. Partiu para casa, para a segurança do feitiço de proteção e para o exército que era sua família.

Precisava entender o que eram essas criaturas antes que se tornassem uma ameaça irreprimível, e tinha esperanças de que a resposta estivesse no que restou de seu escritório. Mesmo com alguns livros perdidos naquela briga estúpida e destrutiva da noite anterior, as fontes que ele coletara com o passar dos séculos eram sua melhor chance de compreender que mal cercava o bayou.

Ao chegar aos limites de suas terras, ele finalmente olhou para trás, de certo modo esperando ver a multidão em seus calcanhares. Mas só havia o farfalhar da relva e dos galhos das árvores que ondulavam suavemente na brisa noturna. Todavia, ele sabia que voltaria a ver as criaturas sedentas de sangue.

Fazia 44 anos que Niklaus Mikaelson não se sentia tão vivo. Sua impaciência era uma droga que aguçava todos os seus sentidos enquanto o tempo parecia se prolongar e se embaçar. Ele estava parado à margem do bayou, vendo a lua subir no horizonte. Era vermelho-sangue quando surgiu, depois assumiu um tom dourado ao ascender no céu. Seu reflexo tinha eco no rio, ficando cada vez menor, até que ficasse apenas uma lua, branca e perfeitamente redonda.

Outra lua era nítida em suas lembranças: aquela que nascera na noite em que Vivianne havia abraçado sua herança e acendido seu lado lobisomem. Na época, Klaus sentiu-se traído, até enojado pela decisão que ela tomara. Agora, porém — agora que Vivianne estava morta havia décadas e ele quase perdera a esperança de revê-la —, não existia importância alguma nessas questões insignificantes que um dia os dividira.

Ele simplesmente precisava *dela*. Da bruxa, lobisomem, sua amante, sua perda. O que ela quisesse ser, por ele estava tudo bem, desde que ela fosse dele.

Disseram-lhe que Vivianne ressuscitaria com a lua e o encontraria. Assim, Klaus esperava à margem do bayou, confiando que Lily não o trairia pela segunda vez.

Ele estava dividido entre as duas impossibilidades, preso naquele local pelas forças conflitantes do coração. Tinha esperanças de que Vivianne aparecesse, mas desconfiava de que Lily mentira. Ambas se equilibravam, precisando de apenas um leve cutucão para consumi-lo.

Houve um lampejo, pouco visível através do mato emaranhado. Podia ser a cauda erguida de um cervo ou um clarão de luar em uma poça de água

estagnada, ou o amor de sua vida. Talvez fosse o fantasma dela, vindo castigá-lo por não conseguir salvá-la.

Mas os movimentos pareciam dela... Aquele fiapo de claridade do outro lado do pântano podia significar algo verdadeiro e profundo. Podia ser um braço; ou uma bainha. E então, inacreditavelmente, o lampejo indistinto entrou em campo aberto e era Vivianne Lescheres.

Estava com um vestido branco e solto que ondulava e se retorcia em torno do corpo com seu caminhar. Agitava a neblina que se elevava da água, enroscando-a em sua esteira. Parecia a Klaus que ela vestia a própria noite, as estrelas e a lua deslocando-se com ela, que seguia para ele. Enfim, enfim para ele.

Ele quase não conseguia entender que de fato era ela. Foram tantas decepções, tantos becos sem saída e esperanças frustradas. Klaus jamais desistira e nunca iria desistir, mas ao mesmo tempo era difícil manter viva sua fé.

Entretanto, ali estava Vivianne caminhando para ele através da neblina. A lua cheia brilhava em seu cabelo preto e em seus braços expostos. Será que ela sentia o ar da noite pressionando a pele? Estaria ela agora quente pela primeira vez em anos? Ela estava graciosa e leve com os pés descalços. Será que seu povo a sepultara daquele jeito? Ou ela simplesmente havia tirado os sapatos pelo caminho, ansiosa para sentir a terra sólida sob seus pés novamente?

Ela se aproximou, os olhos negros jamais desviando do rosto dele, um sorriso indecifrável nos lábios vermelhos, sólidos e calorosos. Ele via uma pontada de seu humor sardônico no rosto que levantava para o dele. Podia sentir o calor se irradiando de sua pele clara e, junto do zumbido do bayou, ouvia o coração de Vivianne batendo, nítido e firme. O peito de Vivianne subia e descia, e seus olhos... Ele via sua alma viva flamejando através daqueles olhos maravilhosos.

- Meu amor ofegou ele e não conseguiu esperar mais. Com um passo, estreitou o espaço entre os dois e a pegou nos braços. Ela se deixou cair contra o corpo de Niklaus, ajustando cada curva em seu lugar apropriado. Era como se eles jamais tivessem se separado.
- Você me encontrou sussurrou ela, a voz rouca pela falta de uso. Estive tão perdida, por tempo demais.

— Eu a encontrei — concordou Klaus, tirando uma mecha de cabelo preto da testa para beijá-la. — Trouxe você de volta.

Parecia que a lua ficava mais luminosa, como se o mundo todo cintilasse da alegria que tomara posse dele. Depois de 44 anos, enfim ele podia sentir *isto* mais uma vez: esta emoção extraordinária e quase dolorosa do contato com a mulher que amava.

Ela repousou a cabeça na clavícula dele, exatamente onde era seu lugar. Seu cabelo tinha um cheiro muito leve de lilases. Ele se lembrou, em detalhes nítidos, de cada segundo que passaram juntos: as conversas iniciais, difíceis; os encontros secretos; as cartas apaixonadas; aquela primeira noite maravilhosa no hotel demolido pelo furação algumas curtas semanas depois. Ele se lembrou do sorriso, da pele, da risada e a meia-lua clara na base de cada unha. Abraçando-a novamente, ele se recordou de cada coisinha a respeito dela de uma só vez.

Depois ela levantou a cabeça e o beijou, e todo o resto escapou da mente de Klaus. Ele passou um braço por sua cintura para mantê-la perto e entrelaçou a outra mão no cabelo preto e solto, querendo paralisar o tempo para que o beijo jamais terminasse. Queria aquele momento pela eternidade.

— Case-se comigo, Viv — exigiu ele quando ela enfim se afastou, a respiração dos dois acelerada e ofegante. Ele se ajoelhou, sentindo a umidade do bayou penetrar por suas calças. — Diga que se casará. Não posso viver sem você e não viverei novamente.

Ela sorriu. Ele procurou em seu rosto algum sinal de seu estado anterior, mas não havia vestígio de morte nela. Ele supôs que Vivianne estaria frágil, até traumatizada quando ele conseguisse ressuscitá-la. Era uma dádiva inestimável tê-la de volta, mas ela era tão impecável, tão presente, tão inteira, que era mais do que ele podia pedir.

— Nem mesmo quer saber o que estive fazendo? — perguntou ela num tom provocante, e ele ficou confuso com a estranheza de tudo aquilo. — Você não parece nem um dia mais velho, meu amor, mas sei que passei mais tempo do que isso do Outro Lado.

Klaus hesitou, perplexo com a sinceridade dela. Ela parecia muito à vontade com a questão da morte, de tal modo que poderia muito bem estar discutindo a última moda em um jantar festivo. Ele esperava que ela estivesse assombrada ou pelo menos abalada. Vivianne, porém, agia de forma tão natural que ele quase podia esquecer de que um dia ela morrera.

— Lembra-se? — perguntou ele com curiosidade. — Pode me contar, ou não... Como você desejar.

Ela voltou a sorrir, e desta vez o sorriso chegou aos olhos.

— Eu lhe direi que me casarei com você, Niklaus — disse ela num tom de censura. Ela pegou as mãos dele e o colocou de pé, uma sobrancelha erguida indicando que julgava a pergunta desnecessária. — É claro que me casarei. Passei meu tempo no além pensando em você e desejando estar ao seu lado novamente, e agora você realizou este desejo impossível. Nós nos casaremos quando e onde você quiser... Agora, até.

Ele a abraçou outra vez, sentindo o milagre de seu coração batendo. Ela estivera ausente por tanto tempo e perdera tanta coisa. Vivianne morrera aos 19 anos. Era cheia de sonhos e planos, e então tudo simplesmente acabou. Ele havia jurado a si mesmo que, quando a trouxesse de volta, ela teria tudo que perdera, tudo que ainda não tivera a oportunidade de experimentar. Vivianne teria o casamento de uma rainha. Jamais teria outro arrependimento, ou qualquer segundo desperdiçado.

— Eu lhe darei o casamento de seus sonhos — prometeu ele, passando a ponta dos dedos por sua coluna.

Ela estremeceu e se aninhou em seu peito. Um lobo uivou ao longe, e Klaus se assustou, afastando Vivianne à distância de um braço para examiná-la.

— Você está aqui em sua própria forma — ele se admirou —, embora a lua esteja cheia.

Vivianne olhou o próprio corpo como se surpreendesse ao vê-lo.

— O Outro Lado me purificou do erro terrível que cometi. — Ela sorriu.
— Sou como nasci, não como me tornei durante minha primeira vida. De fato temos um novo começo, graças a você.

E graças a Lily, mas ele tirou essa ideia da cabeça.

As únicas duas coisas que um dia se colocaram entre ele e o amor de sua vida eterna — a cerimônia de transformação de Vivianne e sua morte — haviam sido apagadas. O que mais viesse, eles enfrentariam juntos. Agora que ela estava de volta, eles tinham todo tempo do mundo, juntos, como marido e mulher. Ele se abaixou para beijar a boca de Vivianne mais uma vez, sussurrando, "Vivianne... Vivianne Mikaelson, minha mulher".

Rebekah tinha acabado uma refeição leve trazida pela criada quando Klaus entrou. O feitiço de proteção a avisara de que ele não estava sozinho, mas ela achou que estava sonhando quando viu quem o seguia para dentro da casa.

— Elijah — sussurrou Rebekah, encarando a garota idêntica a Vivianne Lescheres. Quando repetiu, seu chamado saiu como um grito. — Elijah!

Ele chegou em um segundo, e Rebekah notou que o irmão parecia ter sido atacado por um vampiro com o dobro de seu tamanho. Arranhões fundos entrecruzavam o rosto e um hematoma no pescoço não se curara com rapidez suficiente para esconder a odiosa cor verde arroxeada. Rebekah queria lhe perguntar o que acontecera, mas o problema abraçado a Klaus era muito mais premente.

— O que significa isto? — Elijah exigiu saber, num tom baixo e perigoso.
— Klaus, o que você fez?

Vivianne se manteve afastada, os olhos alternando entre os três vampiros. Rebekah se perguntou se o fato de ter morrido uma vez tornava a morte mais ou menos assustadora para ela.

- Não vê o que ele fez? perguntou Rebekah, gesticulando para Klaus.
  É assim tão difícil de acreditar que Niklaus nos colocaria em perigo brincando com magia e sendo um tolo imprudente? A prova está bem aqui.
  A expressão do irmão era tão presunçosa que ela conteve o impulso de estapeá-lo.
- Rebekah disse Vivianne de súbito, os olhos fixos na futura cunhada. Rebekah sentiu um arrepio, como se a própria morte tivesse entrado furtivamente e respirasse em sua nuca. Lamento que isto seja um choque. Estou muito grata por voltar, mas não percebi que Klaus agira sozinho. Gostaria que você estivesse mais feliz por me rever.

O rosto de Elijah se avermelhou, e ele dava a impressão de que atacaria Klaus a qualquer momento.

- Você perdeu o juízo? perguntou ele. Niklaus, explique-se.
- Deem-me os parabéns, queridos irmãos sugeriu Klaus, com toda sua ousadia arrogante. Mademoiselle Lescheres e eu estamos noivos.

A colossal perturbação na mente de Rebekah ignorou até mesmo a resposta severa de Elijah. Não só Klaus ressuscitara uma morta, mas também a pedira em *casamento*. Era loucura, todavia, típico. Rebekah examinou Vivianne atentamente, ignorando os gritos que se elevavam entre os dois irmãos. A garota parecia bem, não estava fraca, nem marcada por seu tempo no túmulo. Talvez fosse apenas a surpresa de vê-la que inquietava Rebekah. Talvez o plano louco de Klaus, de algum modo impossível, tivesse funcionado. É claro que o cretino conseguira o amor de sua vida de volta.

Mas a magia nunca era gratuita. Com toda certeza, Klaus pagara um preço substancial por seu prêmio. Mas ele também estava em dívida com a irmã. Por tudo que a fizera a passar, pelo desrespeito, a permissividade e por menosprezar a perda que ela tivera enquanto obcecava com a própria.

Por mais que estivesse assombrada por ele ter ressuscitado a noiva, Rebekah percebeu que Klaus acabara de lhe dar uma oportunidade de cobrar a dívida que tinha com ela.

— Meus parabéns — disse subitamente Rebekah, e um silêncio de expectativa caiu sobre a sala enquanto todos os olhos se voltavam para ela. — Minha irmã — acrescentou ela, para completar, indo a Vivianne para lhe dar um abraço caloroso. Vivianne parecia sólida e real, embora a pele de Rebekah ainda se arrepiasse levemente com o contato. Mas ela não deixou transparecer. Tinha muito mais a ganhar se aparentasse aceitar essa perversão das leis naturais.

Elijah hesitou, depois decidiu seguir o exemplo de Rebekah.

Noivos. — Ele fez eco, como se não tivesse ouvido bem a palavra dita antes por Klaus. — Não posso dizer que aprovo seus métodos, meu irmão, mas você certamente não poderia ter escolhido uma noiva mais digna. — Ele baixou a cabeça educadamente para Vivianne, e ela lhe abriu um sorriso clemente.

Os arranhões no rosto de Elijah desbotavam, mas Rebekah detectou certa rigidez quando ele se mexia. Era só mais um ponto contra Klaus: os

problemas dele sempre tinham de obscurecer o de todos os outros. Ele nem mesmo parecia notar que o irmão estava machucado.

- Lamento sinceramente ter surpreendido os dois disse Vivianne, e Rebekah a interrompeu gentilmente.
- Não é sua culpa observou. Por favor, perdoe-nos por nossa reação intempestiva. Quando pretendem se casar? Ou ainda não tiveram tempo para discutir o assunto?

Elijah a fuzilou com os olhos, mas Rebekah o ignorou. Elijah obrigara os irmãos a agir com diplomacia e cautela com tanta frequência que não tinha argumentos para reclamar do que a irmã aprendera com ele.

— Em breve — respondeu Klaus, a voz intensa e fervorosa. Os músculos tensos de seu maxilar traíam a impaciência. Rebekah usaria esta ansiedade a seu próprio favor. Klaus podia ser muito obcecado quando algo que queria estava ao alcance. Concentrado como estava no casamento com a noiva morta, ele jamais veria a aproximação do pequeno ato de vingança de Rebekah. Mesmo agora, ele não parecia notar que havia algo de suspeito no súbito interesse por suas núpcias. — Assim que for possível, mas gostaríamos de algo... festivo.

Ele a olhou nos olhos de novo, e Rebekah percebeu que Klaus, a sua própria maneira relutante, pedia ajuda. Ajuda *dela*. É claro que ele jamais poderia planejar o casamento sem a irmã. Estava quase fácil demais.

- Faremos o casamento mais deslumbrante que esta cidade já viu garantiu ela. Sei o quando você esperou por este momento, e faremos de tudo para que não se decepcione.
- Infelizmente, não poderei ajudar discordou Elijah, seu tom beirando a indelicadeza. Os lábios de Klaus se apertaram, e Rebekah reprimiu um sorriso irônico. Até Elijah, sem o saber, agia em seu favor, fazendo dela a única aliada verdadeira de Klaus, a familiar em quem ele podia confiar. Encontrei algo no bayou esta noite de que jamais ouvi falar e precisarei dedicar meu tempo a... De súbito, ele se interrompeu e olhou fixamente para Vivianne como se a estivesse vendo pela primeira vez. Alguma outra bruxa voltou com você? perguntou ele com urgência. Mais bruxos que voltaram do Outro Lado?

Vivianne franziu o cenho.

— Despertei sozinha em meu caixão — disse ela. — Vi as bruxas que realizaram o feitiço, e elas pareciam preocupadas apenas em me ressuscitar.

Você viu outros que eram... que deviam estar...? — Ela mordeu o lábio inferior cor de cereja.

— Não eram parecidos com você — admitiu Elijah. — Eram obcecados e mal conseguiam falar, mas chamavam-se de bruxos. Todos tinham uma força sobrenatural. Esmaguei o crânio de uma delas, e a criatura continuou a lutar como se nem tivesse percebido. Eles comeram o coração de... de uma vampira que eu conhecia.

Klaus ficou tão perplexo quanto Rebekah. Ele enfim reparou nos ferimentos e arranhões de Elijah, estarrecido.

Mas Rebekah estava mais interessada na reação de Vivianne. A expressão da jovem era estranha, tensa e ávida como a de um animal selvagem há dias sem comer. O que exatamente ela vira no Outro Lado?

— Nunca ouvi falar de um bruxo assim. — Vivianne se desculpou, e a expressão vista por Rebekah desapareceu. O rosto de Vivianne era como sempre foi, e ela parecia inteiramente sincera. Rebekah estremeceu um pouco, tentando se livrar da impressão fugaz de que havia *algo* mais onde Vivianne agora se postava. — Os bruxos que me trouxeram de volta eram iguais àqueles que sempre conheci. — Ela franziu o cenho, as sobrancelhas pretas se unindo, concentrada. — Uma delas disse que éramos parentes. Mas depois me disse que eu não tinha mais nenhuma relação com nossa espécie e que devia procurar Klaus e não voltar. Não creio que eu tenha alguma família de verdade a quem perguntar sobre criaturas semelhantes às que você descreve.

Klaus passou o braço por sua cintura e lhe deu um beijo na testa.

— Eu serei toda a família de que você precisa — prometeu ele, e Vivianne encostou a cabeça em seu ombro.

Eles formavam um belo casal, até Rebekah tinha de admitir.

- Aprenda o que puder sobre esta nova ameaça, Elijah ela instruiu o irmão. Cuidarei de todo o resto e vamos esperar que este novo mal possa ser detido. Esses dois merecem um casamento que será lembrado por séculos, e cuidarei para que assim seja.
- Robert! gritou Rebekah, mais impaciente a cada segundo. Ele apareceu num instante, de chapéu na mão, e ela notou que pretendia ter chamado Rodger. Não, você não, Robert. Vá buscar Rodger. Ela teria de prender

etiquetas na roupa dos dois ou coisa parecida, mas pelo menos nenhum de seus admiradores parecia se importar em ser chamado pelo nome errado. — E nosso coche *ainda* não está pronto? — gritou ela.

— Sim, senhorita. Os cavalos esperam no pátio. — Ele se virou para falar enquanto saía para encontrar sua contraparte.

Se houvesse mais alguma demora, Klaus podia encontrar um motivo para convencer Vivianne a não ir à cidade. Ele andava absurdamente protetor desde sua volta, e havia sido quase impossível para Rebekah conseguir alguns minutos a sós com ela. Era compreensível que ele se preocupasse, em particular com os misteriosos não bruxos de Elijah à solta, mas isto não tornava a questão menos irritante.

Rebekah estava organizando um evento extraordinário em tempo recorde e de vez em quando precisava consultar a noiva. Ainda mais importante, precisava convencer Klaus a confiar nela, a acreditar que ela considerava Vivianne a irmã que nunca teve. Se ele visse Rebekah como uma aliada, jamais desconfiaria de que ela estava por trás do pequeno trote que seria o ponto alto de seu casamento.

Seria apenas uma inconveniência menor, nada perigoso. Apenas constrangedor e fácil de imputar a algum lobisomem mentiroso.

Ela só precisava *sair*. Vivianne precisava de um vestido de noiva, e Rebekah, de um frasco de veneno de lobisomem. Nenhuma das duas famílias de Vivianne mostrou interesse em recebê-la depois de sua volta, assim os convidados do casamento seriam exclusivamente vampiros. Um pouco de veneno na comida criaria o nível certo de caos... E Klaus teria de doar o próprio sangue para curar os vampiros afetados pelo veneno. Só o sangue de um híbrido impediria a morte de um vampiro pelo veneno de lobo — porém, o trote não iria tão longe.

Entre amostras de hors d'oeuvres e o mapa da disposição dos lugares, Rebekah havia tido tempo inclusive para transformar novos vampiros, de forma que haveria mais deles para serem curados. Quanto mais sangue Klaus tivesse de verter, mais feliz ela ficaria. Ela procurou a corrente de prata de Eric no bolso de sua saia, enrolando-a nos dedos. Começara a carregar a corrente quebrada a toda parte, deixando que fosse um lembrete físico do ressentimento que nutria.

Viv, querida! — Ela chamou pelo saguão enquanto o coche parava à porta. — O coche chegou! — Vivianne enfim desceu a escadaria curva.

— Será bom ver a cidade novamente — observou a garota, embora Rebekah soubesse que Vivianne jamais culparia Klaus por mantê-la tão isolada. Ela estava apaixonada por ele antes mesmo de ele a resgatar do Outro Lado, e agora eram praticamente inseparáveis. Rebekah sempre considerou Vivianne uma jovem inteligente e perceptiva, mas ela tinha um gosto infeliz para os homens. O noivo lobisomem era estúpido, mas jamais teria provocado uma fração da mágoa que Klaus causara.

Rebekah, contudo, seguira o próprio coração ao desastre muitas vezes, então não podia julgar.

Rebekah assentiu muito levemente a Rodger enquanto ele a ajudava a entrar no coche aberto, e ele aparentou ter sido perdoado da morte certa. Ela desfrutava demais de sua atenção lisonjeira para matá-lo por algo tão pequeno, mas não via vantagem alguma em deixar que ele soubesse disto.

— À loja de Madame Pavin — ordenou ela —, e estamos com certa pressa.

O cavalo empinou violentamente ao ouvir sua voz, quase escoiceando Vivianne enquanto ela entrava. Rodger recuperou o controle dele rapidamente, mas o animal ainda batia os cascos e resfolegava, revirando os olhos loucamente. Os cavalos jamais gostaram de Rebekah, mas esta reação parecia excessiva mesmo a ela. O animal se aquietou um pouco enquanto Vivianne se acomodava dentro da carruagem, e Rodger subiu para tomar as rédeas.

O coche voou pelas ruas calçadas de pedra. Era barulhento demais para conversar, ainda mais quando pedestres e carroceiros gritavam para a forma agressiva com que Rodger conduzia. No fundo, Rebekah se sentia aliviada — era sempre difícil saber exatamente o que dizer a Vivianne. Ela parecia feliz, saudável e inteiramente normal. O que não era normal para Rebekah. Ninguém que tivesse suportado o Outro Lado podia sair incólume. Mas isto era problema de Klaus, lembrou Rebekah a si mesma, e não dela.

Quando chegaram à loja, Rodger as ajudou a sair da carruagem, mantendo os olhos baixos, nos pés das duas. Enquanto Vivianne entrava no estabelecimento de Madame Pavin, Rebekah ficou para trás e pegou Rodger pelo braço.

Ficaremos aqui pelo menos uma hora — cochichou ela, olhando a porta aberta da loja para saber se havia alguém perto o suficiente para ouvir.
Há um pacote esperando por mim na Southern Spot, mas não posso ser

vista lá. Vá e pergunte por Thomas. *Discretamente*. — A voz de Rebekah estava à beira da influência. — Ganhe algum tempo com uma das garotas para que ninguém dê por sua presença e não fale disto com ninguém.

— Minha senhora — murmurou ele, pegando sua mão e a levando aos lábios. — Será feito como a senhora exige.

A costureira ficou animada ao vê-las e até mandou a aprendiz trazer uma garrafa de champanhe. Ambas tomaram a bebida enquanto ela trazia uma peça de seda depois da outra. Madame Pavin era famosa por receber artigos de Paris antes de qualquer outro alfaiate e a qualidade de sua mercadoria era notória. A face pálida de Vivianne estava ruborizada, tanto pela empolgação como pela champanhe. Ela acariciou cada peça de seda, como se não acreditasse que estaria vestida com tal refinamento.

- Você sempre ficou bem de branco sugeriu Rebekah, recostando-se na cadeira e girando o líquido borbulhante na taça. Planejar este espetáculo exigia muito trabalho, mas também era mais agradável do que ela supôs que seria. Vivianne era encantadora, e a única intromissão de Klaus era repetir "O que houver de melhor" em resposta a cada dilema, e agora havia champanhe. Ela completou a taça.
- Creio que Klaus sugeriria dourado disse Vivianne em voz baixa, passando a mão por cada seda em questão. — Mas a cor não me valoriza tanto.
- Ele se casará com você mesmo que você use um saco de farinha. Rebekah falou com desdém. Você precisa pensar em si mesma e em sua plateia.
- Quer dizer meus convidados corrigiu Vivianne, rindo um pouco.
   Será que terei conhecido metade deles?

Madame Pavin saiu do depósito carregada de sedas em tom coral e se retirou.

O mundo está cheio de gente que jamais conheci — prosseguiu
 Vivianne, junto ao espelho, segurando o tecido cor de pêssego perto do rosto. — Este me deixa pálida. Eu pareço uma morta.

Era como se a champanhe aumentasse a intuição de Rebekah, toldando um pouco os outros sentidos. Pela primeira vez, ela percebeu que esta não era exatamente a Viviane que ela conhecera no passado. Ela estivera tão ocupada admirando o que estava ali — a postura descontraída da garota — que não havia percebido o que estava errado. De algum modo, a centelha de

Vivianne se apagara. Ela ainda era inteligente e espirituosa, mas agora seu humor era mais seco e autodepreciativo.

- Você se lembra? soltou Rebekah. Vivianne olhou nos olhos de Rebekah pelo espelho, mas não falou. O que você viu no Outro Lado?
- Era... escuro respondeu enfim Vivianne, colocando a seda de lado e voltando a uma peça de um pesado algodão indiano com estampa floral. Não me lembro de muita coisa. Apenas que fiquei lá pelo que pareceu uma eternidade e eu ansiava por seu irmão o tempo todo. Por cada momento, cada segundo, eu desejava vê-lo novamente.

Rebekah ficou em silêncio. Perguntou-se que além Eric Moquet teria encontrado. Ao contrário de Vivianne, ele não tinha herança sobrenatural, e assim não poderia ter ido para o Outro Lado. Sua esperança é de que ele tivesse se reencontrado com a esposa falecida e não sentisse nenhuma falta de Rebekah.

Por mais que o tivesse amado, ela jamais faria o que Klaus fizera. Tinha certeza ainda maior agora de que podia ver a marca que isto deixara em Vivianne.

— Estou tão animada com o casamento — continuou Vivianne depois de uma longa pausa, mas seu sorriso não chegava aos olhos. Rebekah agora via as cicatrizes, a dor marcada em sua alma. A ferida tinha se curado, mas Vivianne jamais seria exatamente a mesma.

Ora, 44 anos no Outro Lado faz isso a uma garota, supôs Rebekah. Talvez o tempo curasse mesmo isso, em particular se Niklaus tirasse a cabeça das nuvens e conseguisse perceber que a noiva não era exatamente a mesma, como ele queria acreditar.

Ela completou a taça com o resto de champanhe da garrafa e, como que respondendo a uma deixa, Madame Pavin apareceu com nova taça. Pela janela, ela viu Rodger voltar à carruagem e acariciar o focinho do cavalo arisco. Ele olhou rapidamente para dentro e assentiu a Rebekah, confirmando que tinha o frasco. Vivianne teria seu marido, e, ao mesmo tempo, Rebekah teria sua vingança. Ela não podia dizer que estava tudo "perfeito", mas as coisas caminhavam nessa direção.

Elijah fechou mais um livro com um baque. Em algum lugar pelo hall, o bater de um martelo elevou o nível de barulho do irritante ao insuportável. Os incessantes preparativos de Rebekah para o casamento eram mais do que uma irritação — eram um lembrete constante da magia negra que Klaus utilizara para conseguir o que queria.

Klaus sabia que toda magia tinha um preço, e um feitiço de ressurreição requer uma tarifa pesada. Elijah ainda não sabia o que era, mas desconfiava de que os medonhos assassinatos dos últimos dias eram só o começo. A cidade começava a desenvolver um estado de pânico depois que alguns humanos haviam sido encontrados mortos, com o coração arrancado. Os *morts-vivants*, como os moradores começavam a chamá-los entre cochichos apavorados, tinham sumido no bayou. Elijah determinou um toque de recolher para toda a cidade, e nem mesmo o mais imprudente dos cidadãos teve a ousadia de infringi-lo.

Ele empurrou a cadeira para trás e andou pela casa, decidido a obter respostas de um jeito ou de outro. Nenhum de seus livros — nem mesmo o grimório da mãe — tinha algo a dizer sobre bruxos que devoravam corações, o que tornava a teimosia muda de Klaus ainda mais inaceitável do que o costume. Elijah *precisava* saber o que estava acontecendo em sua cidade e tinha certeza absoluta de que o irmão sabia mais do que contava.

Klaus zanzava pela sala como um leão em uma jaula, evidentemente distraído e irritado pela ausência de Vivianne. Não suportava ficar longe dela nem por 10 minutos, e Elijah não imaginava como Rebekah o havia convencido a deixar que levasse sua noiva por uma manhã inteira. Klaus se posicionara de modo que fosse o primeiro a vê-las voltar.

- É hora de você me falar daquele feitiço disse Elijah, colocando-se estrategicamente entre o irmão e a grande janela de nicho, bloqueando sua visão do pátio.
- Está feito e funcionou vociferou Klaus. É tudo o que tenho a dizer. Elijah não estava certo do que deixara o assunto tão sensível para ele, mas começava a imaginar tratar-se de algo que precisava muito saber.
- Fez o que você queria concordou Elijah, cruzando os braços. —
   Preciso saber o que mais o feitiço pode ter feito.

Klaus parou de tentar ver para além de Elijah e ficou perigosamente imóvel.

— O que mais o feitiço *pode* ter feito, meu querido irmão? — perguntou ele em um tom que Elijah conhecia muito bem. Esse tipo de pergunta fazia com que Klaus o visse como um inimigo, mas era demasiado importante para ser ignorada.

Elijah se convencera de que os chamados *morts-vivants* deviam ter voltado dos mortos. Não havia outra explicação. Elijah compreendera que, a dor da fome que vira naquela noite no bayou, era como se a visão e o cheiro do coração os consumissem. Eles *precisavam* daquele coração para viver, e isto, para Elijah, significava que deviam ter sido ressuscitados de algum modo.

E para onde quer que se virasse, lá estava Vivianne, uma bruxa ressuscitada naquela mesma noite. Não podia ser coincidência; entretanto, ela era inteiramente diferente da turba que o atacara no pântano. Parecia um tanto quieta, se comparada com sua antiga personalidade vivaz, mas Vivianne ainda era ponderada e articulada e, sobretudo, não tinha interesse em devorar carne dos vivos. Ela não era nada parecida com os monstros vorazes com quem ele tinha se deparado.

Elijah entendia por que Klaus estava ressentido com a acusação de que talvez houvesse alguma ligação entre os eventos. Apesar de todos os defeitos do irmão, Elijah sabia que o amor de Klaus por Vivianne era absoluto. Justamente o que o tornava tão perigoso.

- Não vejo por que isso importa, Elijah. Klaus desdenhou e se virou para sair da sala. Em um salto, Elijah prendeu Klaus à outra parede, pressionando o braço no pescoço do irmão; sua paciência tinha evaporado.
- Os *morts-vivants* podem ser uma ameaça a *ela*, seu idiota! vociferou ele e, embora esperasse que Klaus revidasse, parecia que enfim

essas palavras penetraram seu crânio incrivelmente grosso. — Se você realmente se importasse tanto em proteger Vivianne, contaria tudo que sabe sobre quem a ressuscitou e o que quiseram em troca. A não ser que esteja mais preocupado em proteger a si mesmo.

Os lábios de Klaus se repuxaram em um esgar selvagem, mas ele ergueu as mãos em uma imitação medíocre de rendição.

- Eu pedi a uma bruxa confessou ele, e Elijah relaxou a pressão do braço, só um pouco. A filha dela estava doente, e ela queria minha ajuda.
   Eu disse que queria Vivianne em troca, e ela concordou.
- Me dê um nome protestou Elijah. Ele sabia que Klaus não contava toda a verdade.
- Isso não importa argumentou Klaus. Ela só quis um pouco de meu sangue para a pirralha dela. Ela fez o feitiço, e ficamos quites. Se os bruxos fizeram alguma coisa para criar seus monstros no bayou, não têm nenhuma relação comigo. Nem com Viv.
- Não temos como saber disso! gritou Elijah, sacudindo o irmão, como efeito dramático.

Klaus empurrou Elijah com força suficiente para separá-los e endireitou o paletó de um jeito espalhafatoso. Elijah recuou um passo, mas não tirou os olhos de Klaus.

— Existe algo que você não sabe, meu irmão? — zombou Klaus. — Pensei que nada nesta cidade escapasse de seus olhos.

Isto pode ter sido verdade no passado, mas ouvir a frase só fez Elijah sentir uma falta ainda maior de Ysabelle Dalliencourt. Ela tinha sido apenas sua amiga durante 44 anos, mas também sua janela discreta para as assembleias dos bruxos. Jamais poderia ter havido uma surpresa como os *morts-vivants* enquanto ela estava viva, mas os bruxos não viviam para sempre. Porém, se os recentes acontecimentos serviam de algum sinal, talvez eles não morressem para sempre também.

— Quem recebeu seu sangue? — perguntou novamente Elijah, recusando-se a ser dissuadido pela dissimulação do irmão. — Você a viu usá-lo para curar a filha?

Klaus demonstrou hesitação. Era de uma estupidez intolerável entregar sangue como se não fosse nada e ele sabia disso.

— Se está tão preocupado, peça para ver a filha dela você mesmo — sugeriu Klaus, usando a bravata para ocultar o fato de que cedia ao

argumento de Elijah. — Foi a filha de sua amiga que ficou com o sangue. Lily qualquer coisa...

Lily Leroux.

Elijah saiu da mansão e foi para os pântanos.

Desde o furação, os bruxos de Nova Orleans eram muito sigilosos com sua localização. Era de conhecimento comum que eles encontraram um lar em algum lugar no bayou, mas aparentemente ninguém os tinha visto com os próprios olhos. Nem mesmo Ysabelle diria onde ficava, mas ela visitaria Elijah até o ano de sua morte. Nesses encontros, ele formou uma forte suposição de onde se escondia o resto de sua espécie.

Ele atravessou a larga clareira, onde ela costumava se materializar. Porém, mesmo com seus sentidos sobrenaturais aguçados, só o que se estendia diante dele era um pântano vazio. Uma ave trinou em algum lugar, e libélulas se perseguiam pelo mato verdejante. Elijah sabia muito bem que não devia confiar nas aparências em detrimento da lógica. Deu um único passo para a frente e, de súbito, conseguiu enxergar tudo.

Apareceu uma cidade inteira onde antes não havia nada — casas de madeira, ruas calçadas com cascalho e todos os bruxos que tinham abandonado Nova Orleans —, toda cercada por um alto muro.

Várias pessoas olharam enquanto ele surgia pela barreira mágica dos bruxos, mas não pareciam particularmente ameaçadoras. Alguns carregavam baldes de água, e um deles tinha um cesto de pão do qual vendia fatias a quem passava. Ele ouvia o soar de um martelo na bigorna de um ferreiro, e um bando de galinhas corria à solta pelo cascalho enlameado. Parecia comum, como qualquer cidade com que ele tenha topado.

— Preciso ver Lily Leroux — anunciou Elijah a ninguém em particular.

Lembrava-se da filha de Ysabelle como uma garotinha de pernas roliças, mas agora ela própria tinha uma filha, e Elijah percebeu que devia ter ficado mais atento a este pequeno coven.

Uma mulher mais velha terminou de pagar por uma fatia de pão e gesticulou para que Elijah a seguisse. Ela o levou ao meio do complexo, onde o teto de palha de uma grande casa de orações se elevava acima de todas as outras construções. Gesticulando para que ele entrasse, a mulher de cabelos brancos saiu sem dizer nada.

Ele reconheceu Lily de imediato, embora sua tez fosse mais escura do que a da mãe, o nariz aristocrático e os olhos castanhos eram imediatamente

familiares. Elijah via um pouco do pai, Abelard, atenuando os traços severos de suas feições, mas, tirando isto, o rosto de Ysabelle se reproduzira na única filha.

Ela conduzia uma reunião em uma ponta do salão, cercada por jovens bruxos e os restos do que parecia um poderoso feitiço. Todo o chão era tomado de um enorme pentagrama, e o piso de terra parecia ter derretido. Não era a primeira vez que Elijah se perguntava que tipo de magia havia sido feita para tirar Vivianne de sua sepultura.

Lily não se levantou para cumprimentá-lo. Observou sua aproximação com um sorriso irônico brincando nos lábios.

— Exijo uma explicação — disse-lhe Elijah quando chegou ao final do salão. — Monstros de além-túmulo aterrorizam a cidade, e meu irmão me disse que você estava ressuscitando os mortos na noite em que eles apareceram pela primeira vez.

Lily olhou os companheiros, como se partilhassem uma piada particular.

- Alguém está sendo aterrorizado? perguntou ela com curiosidade.
   Talvez você tenha notado que não fazemos mais parte do círculo íntimo da cidade. As fofocas demoram para chegar até nós.
- Não é fofoca nenhuma argumentou Elijah. Eu os vi com meus próprios olhos e não tenho dúvida de que você sabe de que criaturas falo. Eles arrancam o coração do peito dos homens para comer e chamam a si mesmos de bruxos.

Lily balançou-se na cadeira como se ele a tivesse golpeado, fingindo surpresa.

- Você conhece nossa espécie melhor do que a maioria das pessoas, Elijah. Seu tom era de zombaria. Sabe que não comemos humanos. *Não como vocês* ficou implícito entre os dois.
- Sei o que testemunhei disse Elijah. Não tem curiosidade nenhuma sobre essas coisas que assaltam o bayou, cometendo assassinatos brutais em seu nome?
- Meu nome é de minha conta disse Lily. O que os outros fazem com ele é da conta dos outros. Não sei nada a respeito disso e não posso ajudá-lo. Ela se curvou para se levantar, e, ao fazer isso, o xale que envolvia seus ombros se deslocou um pouco. Só o suficiente. Creio ser melhor que você vá embora. Sei que é extremamente ocupado.

— Eu sou — concordou Elijah, porém, em vez se virar para sair, investiu para a frente, puxando de lado o canto de seu xale e revelando uma corrente prateada que terminava na opala de sua mãe. Klaus não tinha mencionado *isso*. Elijah podia pensar em cem motivos para ele ter mentido, e nenhum deles era bom. — Mas penso que temos mais um assunto a tratar aqui.

Para surpresa dele, Lily nem pestanejou.

— Agora entendo por que seu irmão demorou tanto para encontrar quem lançasse o feitiço. — Ela suspirou, afastando as mãos dele do colar. — Esse tipo de problema sempre parece acompanhar vocês, vampiros.

Elijah recuou, surpreso com sua audácia. Sabia que ela era uma bruxa poderosa, mas mostrar-lhe tal desdém era de fato impressionante.

— Qual foi o verdadeiro trato que você fez com Niklaus? Ele lhe deu seu sangue e a opala de minha mãe? — Elijah exigiu uma resposta. — Desconfio de que curar uma enfermidade de sua filha tenha sido apenas um pretexto. Conte-me a verdade, antes que eu mostre *a você* como é ter o coração arrancado.

Lily riu, escarnecendo na cara da morte, e Elijah percebeu que ela devia estar louca.

— Não pode me machucar, vampiro — ela o alertou, com certa provocação na voz. — Não sabe o que faz meu lindo colar novo?

Esther possuíra incontáveis bugigangas e amuletos, mas a maior parte de seus segredos morreu com ela. Elijah sinceramente nem imaginava o que aquela opala podia fazer. Interpretando o silêncio dele, Lily relaxou na cadeira, colocando as mãos nos braços empalhados.

— Este pingente me liga a seu irmão — revelou ela. — Ele não pode ser morto e, assim, tampouco eu. Nesse meio tempo, porém, tudo que você fizer a mim, acontecerá com Niklaus. Não posso ser tocada, Elijah. Não por alguém que valoriza tanto a família, como você.

Elijah pensou nos méritos de torturar o irmão, mas Lily tinha razão. Por ora, ela estava a salvo.

Só mesmo Klaus para fazer um trato com uma bruxa tão evasiva e indigna de confiança. Elijah estava certo de que o feitiço de Lily tinha alguma relação com os bruxos mortos-vivos, mas, graças a Klaus, seu interrogatório chegara a um impasse.

— Pelo que sei, você tem um casamento a preparar — disse Lily. — Infelizmente, não poderei comparecer, mas espero que dê meus

cumprimentos ao feliz casal.

— Farei isso — ele lhe garantiu, a voz gotejando veneno.

Os *morts-vivants* saíam quando caía a noite, e Elijah ainda não sabia o que eram ou como detê-los. Lily mostrou-se outro beco sem saída em uma série de fracassos. Ele não tinha alternativa senão virar-se e sair do salão. Uma garota magra de olhos castanhos se afastou da porta quando ele passou, e nas feições marcantes Elijah reconheceu mais uma vez Ysabelle, outra geração adiante. Mesmo que ele conseguisse se livrar de Lily, havia outra Leroux — uma Leroux em perfeita saúde, ele não pôde deixar de notar — esperando para tomar seu lugar. Era exaustivo.

Os bruxos continuariam em ascensão e queda, mas seu verdadeiro problema era Klaus. O cascalho se esmagava sob os pés de Elijah enquanto ele se aproximava do portão gradeado e, em seu estado de espírito melancólico, parecia o triturar de ossos.

Klaus passou levemente a tinta na tela com o pincel, espalhando pequenas flechas de sombra no pescoço de Vivianne. Pintá-la com modelo vivo não era nada parecido com o trabalho desesperado que ele fizera antes. Era como se ela se despejasse nas imagens, conferindo-lhes um movimento que ele jamais conseguiu capturar enquanto ela estava morta.

Também era calmante, o que era uma mudança agradável se comparada com seu encontro com Elijah. Klaus estava cansado de todos os olhares desconfiados e acusadores, e naquela tarde Elijah levara as acusações longe demais. As implicações haviam sido ofensivas, e Klaus estava pronto para desfrutar de uma tarde a sós com a noiva.

— Ainda não posso ver? — pediu Vivianne, rindo.

Seu cabelo preto caía livremente pelos ombros, e uma perna magra tinha escapulido do tecido fino do vestido. Sempre que Klaus erguia os olhos do trabalho, desejava abraçá-la, beber dela, fazer amor com ela, possuí-la inteiramente.

Mas haveria tempo para tudo isso — para o desfrute mútuo de todo jeito possível, incessantemente. Depois que tudo que Vivianne suportara, o que ele mais queria era que ela se sentisse segura novamente, confortável com ele. Ele podia esperar até que ela estivesse preparada.

Vivianne levou a taça de vinho aos lábios, tão vermelhos e sedutores quanto a bebida.

Não se mexa tanto.
 Ele a repreendeu, e ela riu, agitando os braços no alto.
 Estou falando sério!
 insistiu Klaus.
 Vou recomeçar. Você terá de esperar o tempo necessário para eu finalizar esta obra-prima.

Vivianne o olhou de soslaio.

— Creio que por ora já esperei o bastante.

Klaus amaldiçoou sua escolha de palavras. Parecia que sempre fazia isso, relaxava em um momento feliz, depois encerrava com um lembrete descuidado da ausência de Vivianne.

— Posso pintá-la de memória, meu amor — respondeu ele. — Não há necessidade de ficar parada por mais tempo.

Eles mal haviam falado do que ela vivera durante os anos longos e sombrios em que ela estivera morta. Ele não suportava ver que sua luz diminuía, seu olhar aguçado se abrandava e vagava. Na maior parte do tempo, Klaus quase podia acreditar que Vivianne permanecera intocada pelos anos passados na sepultura, mas de vez quando via a lembrança desse período tomando-a como uma nuvem de tempestade. Era evidente que doía nela, e Klaus tentava ao máximo poupá-la, deixando o assunto de lado... O que se provava quase impossível.

Klaus virou a tela para Vivianne sem dizer nada, permitindo que ela visse o retrato que se desenrolava. Ela arquejou e deu um salto da chaise para ver mais de perto.

- É lindo sussurrou, acompanhando suas linhas com um dedo que pairava pouco acima da superfície da tinta úmida. — É assim que você me vê?
- É assim que você  $\acute{e}$  disse-lhe Klaus, vendo o rosto de Vivianne absorver a imagem.

Ela abriu um sorriso, e este quase chegou a seus olhos.

- Talvez por fora.
- Vivi séculos com dois irmãos que não confiam em mim e outros dois que tive de apunhalar em seus caixões.
   Ele puxou Vivianne para mais perto.
   Acredite em mim quando digo que você é especial. Jamais conheci alguém como você em toda a minha existência.
- Sinto que decepcionei a todos. Vivianne suspirou, surpreendendoo. — Tratei as coisas do jeito errado. Deveria ter contado sobre nós a minha família e confiado que eles entenderiam que jamais poderia me casar com Armand depois de ter conhecido você. Talvez, se eu tivesse feito isso, aquela noite horrível jamais tivesse acontecido. Meu coração ainda está destruído de culpa.
- Vivianne, não pode se culpar por não ter conseguido manter a paz quando só o que fizemos a vida toda foi travar guerras. A morte deles não é sua culpa.

— Queria poder compensar de alguma forma, mesmo que os dois lados de minha família tenham renunciado a seus laços comigo... — Ela se interrompeu e pôs a cabeça no ombro dele.

Klaus supôs que Viv não seria ela mesma sem este senso dominador de responsabilidade, mas desejava que ela entendesse que a guerra havia sido inevitável. Ao baixar os olhos para ela, ele discerniu o contorno de suas olheiras escuras.

— É só que... Antigamente, todos eles pensavam que seria eu que os uniria sob uma só bandeira da paz. Agora queria poder dar a eles tudo de que pretendiam desfrutar.

Klaus refletiu que isto não era nada conveniente. Nova Orleans estava melhor sob o governo de Elijah, e os Mikaelson não tinham motivos para sentir falta dos tempos em que precisavam lutar por cada fiapo de poder. Eles agora prosperavam, sem restrições e sem responder a ninguém.

Depois que você for minha mulher, poderá ajudar os bruxos e lobisomens se assim desejar — improvisou ele. Não se imaginava querendo tal coisa, mas, se era importante para Vivianne, ele devia fazer vista grossa.
Você será a rainha de Nova Orleans. Eles talvez jamais superem o ressentimento, mas a respeitarão e, com o tempo, *virão* a amar você. Assim como eu amo.

Ele levou os dois para a chaise, de modo que ela se sentasse de lado em seu colo. Segurando suas mãos, ele sentiu que a pele era macia, porém fria, não tão quente como ele esperava que fosse. Tocando nela, ele teve uma aguda consciência de sua alteridade.

— Você sempre foi meu defensor — recordou-se Vivianne com um ar sonhador. — Se eu simplesmente tivesse lhe ouvido desde o começo e terminado o noivado quando você pediu, nada desta infelicidade teria acontecido.

Mas ela não estava pronta quando ele fizera o pedido. Eles poderiam ter vivido felizes para sempre, mas agora eram mais fortes. Tê-la perdido e a recuperado fazia Klaus valorizar ainda mais Vivianne.

Uma acha de lenha crepitou na lareira, aquecendo o quarto. Ele acariciou seu braço exposto e viu arrepios surgirem em sua pele fria.

—Você está aqui agora. É só isto que importa. Tudo o que podemos fazer é pensar no futuro e logo mais estaremos casados.

— Não quero esperar tanto tempo — sussurrou Vivianne, virando o rosto para ele. Ele podia ver o brilho de lágrimas não derramadas em seus cílios e, sem pensar, curvou-se para beijá-los.

Ela se inclinou para trás de modo que os lábios encontrassem os dela, em vez das lágrimas, e de súbito cada lembrança de cada noite que eles passaram juntos ficou viva na mente de Klaus, como se tivesse acontecido instantes antes. Ele não queria apressá-la, sem saber como Viviane se sentiria depois de tantos anos separados. Mas este beijo... Falava da mesma paixão que ele sentia, do mesmo desejo que ele mantivera vivo por décadas de separação aparentemente interminável.

— Não quero esperar — repetiu ela, e o beijou novamente. Ele ergueu a mão para pegar seu queixo, e ela se mexeu, de forma que as pernas enlaçaram a cintura de Klaus. — Senti tanto a sua falta.

Ele a ergueu com facilidade e a carregou para a cama de dossel ao lado da lareira acesa. Os olhos dela brilhavam, e ele fingiu não ver o toque de tristeza que ainda perdurava em suas profundezas escuras. Ele podia afugentá-la; podia fazer com que ela esquecesse a dor.

Klaus a deitou delicadamente na coberta de seda, e ela o puxou para a cama. Agora Klaus sentia o calor começar a penetrar a pele de Vivianne, irradiando-se e o envolvendo como um par de braços convidativos. Ele podia se perder nele, embriagar-se dele. Ela estava diferente, não havia como negar. Mas também era a mesma. A sua Vivianne, seu coração.

Ela tocou o rosto dele, acariciando a barba por fazer que demarcava seu maxilar com uma expressão quase de assombro. Ele pegou seus dedos com a boca, beijou-os, prendeu-os, sem querer deixar que a menor parte dela ficasse intocada. Ela suspirou, embora não tenha sorrido.

Ele queria esquecer onde ela estivera, mas primeiro lhe devia ajudar a esquecer. Ela passara 44 anos nas trevas porque ele não tinha sido capaz de trazê-la de volta antes, e cada momento de dor de Vivianne havia sido de sua responsabilidade. Klaus ansiava por deixá-la mais uma vez luminosa e alegre, e com o passar dos anos aprendera várias maneiras de produzir este efeito nas mulheres.

Ela tentou puxar a boca de Klaus para a dela, mas este resistiu, virando sua mão e roçando os lábios pela palma. Ele mudou o foco para a pele sensível abaixo do pulso, subindo pelo braço, improvisando com seu toque, como gostava de fazer com as pinceladas na tela.

Passou a boca pela clavícula de Viviane, por seu pescoço, lembrando-se de que ela um dia havia jurado que ele jamais beberia dela. Talvez esta segunda chance na vida a fizesse mudar de ideia, mas o sabor salgado e doce de sua pele bastava a ele por enquanto.

Ele deslizou para baixo as alças de seu vestido, acariciando cada novo centímetro de pele que era exposta. Ela se contorcia sob seu toque, as lágrimas não derramadas ainda faiscando como topázios na luz. Quando enfim sua roupa íntima revelou o lugar em que as pernas se separavam, ele baixou a cabeça de novo, pressionando a boca no exato ponto que sabia que a faria gemer.

Ela arqueou as costas, e seus dedos se agarraram ao cabelo de Klaus, mas ele continuou onde estava, cuidando de sua obra-prima. Os ruídos de prazer de Viviane ficaram mais altos e, sem parecer perceber, ela trouxe os quadris para cima, na direção dele.

Por fim, tirando proveito de sua velocidade sobrenatural, Klaus rolou, colocando-a repentinamente em cima dele e despindo-se ao fazer isso. Ela riu quando se viu montada em seu corpo nu, curvou-se para trás, suas formas radiantes à luz do fogo, e encontrou um ritmo que eles podiam partilhar.

Quando eles terminaram, o fogo não passava de brasas; deitaram-se, ainda despidos, por cima da coberta, seus corpos enlaçados com tal proximidade que Klaus não sabia dizer onde terminava o dele e começava o dela.

A cerimônia aconteceu à meia-noite, na cúspide entre um dia e outro. Os músicos se acomodaram no gramado esmeralda, afinando os instrumentos enquanto os convidados escolhiam onde sentar. Klaus estava imóvel diante da fonte, agora semicoberta de trepadeiras boa-noite com flores brancas bebendo o ar de Nova Orleans.

A atenção amorosa de Rebekah a cada detalhe era evidente e até as condições climáticas se submeteram a sua vontade. A noite era quente, e o céu sobre a mansão dos Mikaelson, um dossel interminável de estrelas. Cigarras cantavam fora do anel de luz lançado pelos milhares de candelabros, e o riso ecoava da casa. Os convidados estavam animados, embalados por champanhe, sangue e a expectativa quanto ao importante acontecimento da noite.

Quando as coisas desandassem, seria porque Rebekah assim planejara.

Elijah saiu por uma das portas laterais, imaculado em sua casaca preta relaxado, com um cálice cravejado de pedras preciosas, numa das mãos. Rebekah mal o vira entre sua pesquisa interminável e as incursões ao interior em busca de seus *morts-vivants*. Ele estava obcecado, mas Rebekah ainda não vira as criaturas com os próprios olhos. Parte dela se perguntava se elas seriam de fato *reais*.

O irmão se dirigiu ao seu posto ao lado da porta de entrada, e Rebekah assumiu seu lugar ao lado de Klaus. Os olhos de Klaus jamais desviaram da porta enquanto os primeiros acordes de uma música antiga e familiar começavam a tomar forma e os últimos atrasados apressavam-se a seus lugares. O momento fez com que a respiração de Rebekah ficasse presa na garganta, por mais cética que ela fosse em relação a tudo aquilo. O irmão ia

se casar, percebeu ela. Que estranho, depois de todos esses séculos que percorreram juntos.

Vivianne apareceu, emoldurada pela casa, num halo de luz que se derramava da porta aberta. O vestido era uma confecção extraordinária de seda vermelha e branca que se grudava e ondulava, movendo-se como uma escultura viva em seu corpo magro. O cabelo preto estava em um coque no alto da cabeça, derramando-se em cachos grossos e brilhantes pelo ombro esquerdo nu. Trazia um buquê de rosas vermelhas e brancas, e ao luar sua pele clara e as bochechas coradas e excitadas pareciam espelhar as duas cores.

Klaus dava a impressão de que ia desmaiar.

Rebekah o firmou com uma das mãos no cotovelo. Viu seus músculos relaxarem ligeiramente, e entendeu que ele estava feliz por ela estar ali.

Vivianne começou a descer a escada da varanda, o vestido espalhando-se a sua volta e flutuando ao gramado. Quando chegou à grama, Elijah fez uma mesura e lhe deu o braço e, juntos, eles foram se encontrar com Klaus e Rebekah na fonte. Elijah deu um passo para trás, e Klaus pegou as mãos de Vivianne nas dele.

Em outros tempos, eles podiam ter pedido a um bruxo para presidir uma cerimônia semelhante, mas o casal simplesmente escrevera os votos, confiando na própria autoridade para selar o pacto. Klaus seria o primeiro a falar, porém Rebekah teve de lhe dar cotoveladas, no início gentilmente, depois mais incisiva, até que ele parecesse capaz de começar.

— Vivianne — disse ele, a água da fonte jorrando e transportando sua voz pelo gramado. A voz de Klaus era áspera de emoção, no início quase rouca. Mas, à medida que ele continuava, ficava mais forte e mais nítida, e Rebekah podia ouvir a clareza de sua emoção em cada palavra. — Vivi muito tempo e vi mais do mundo do que a maioria das pessoas jamais verá. Em todo esse tempo, jamais pensei que conheceria uma mulher tão extraordinária como você. Sua inteligência, sua bondade, sua beleza e seu orgulho falam a mim e me tocam de uma forma que jamais experimentei em toda minha vida. Certa vez, eu lhe disse que conhecê-la acabou comigo e é verdade. Não posso ser inteiro se não estiver com você. Mas meus sentimentos nada significam sem o seu consentimento, o seu amor. Então, este é o meu juramento a você, Vivianne: serei seu pelo resto de meus dias. Eu a amarei, protegerei e honrarei cada pedido seu a mim. O que sua

felicidade exigir, encontrarei um jeito de providenciar. Jamais lhe darei motivo para se arrepender de sua fé em mim, nem por um momento. Serei sua família e seu lar, e passarei o resto da vida mostrando-lhe o que significa para mim você ter escolhido ser minha.

Rebekah enxugou os olhos discretamente com o lenço que tinha escondido nas dobras cor-de-rosa do vestido. Parados daquele jeito, Klaus e Viv podiam ser qualquer casal humano, trocando votos enquanto os entes queridos olhavam. Mas eles eram muito mais do que isso e haviam passado por muito mais coisas juntos. Apesar das preocupações de Rebekah com Vivianne, de sua fúria com a arrogância de Klaus e do acúmulo de mais de mil anos de desgostos, menosprezo e ofensas imperdoáveis, Rebekah viu-se comovida com a profundidade do amor dos dois.

— Niklaus — respondeu Vivianne, a voz tremendo com as lágrimas. — Desde o momento em que o conheci, eu sabia que nossa ligação era rara. Tive medo de admiti-la no início, medo de me deixar levar por você e que, assim, me perdesse. Sempre pretendi conhecer o mundo de meu jeito e a força de seu caos, seu poder... parecia-me demais. Quando baixei a guarda e passei a conhecer sobre seu coração, sua verdadeira nobreza, sua lealdade e seu espírito apaixonado e impetuoso, percebi que você não queria me desviar de meu verdadeiro destino. Na realidade, você foi seu próprio instrumento, mostrando-me um caminho inteiramente novo que eu jamais teria sonhado sozinha. Confio em você e acredito em você. Quero passar com você o resto desta vida e quaisquer outras que eu tenha depois. Juro dar-lhe todo meu amor, trazer-lhe toda alegria. Juro ser sua, Klaus, para sempre.

Eles então se beijaram, com tal fervor que Rebekah não soube dizer qual dos dois tomou a iniciativa. A multidão de vampiros explodiu em aplausos e assovios, tragando qualquer outro som no ar da meia-noite. O beijo se demorou, e ela trocou um sorriso tristonho com Elijah. Foram necessários alguns séculos para que o irmão difícil e teimoso amadurecesse e encontrasse o verdadeiro amor, e parecia que ele pretendia desfrutar de cada segundo da vida de casado, agora que tinha enfim a mulher nos braços.

Elijah segurou a mão de Rebekah e a levou para a casa.

— Por favor, juntem-se a nós numa refeição para comemorar a união deste casal feliz — chamou Rebekah ao passar pelos convidados.

Ela supôs que Klaus e Vivianne simplesmente se juntariam a eles quando estivessem prontos, o que talvez demorasse mais alguns minutos, em vista de seu estado atual.

Agora que se acabara a parte comovente e emotiva da noite, era hora de deixar o sentimentalismo de lado e cumprir a parte mais divertida de seu plano. Klaus podia ser feliz com Vivianne pelo resto da eternidade se não encontrasse um jeito de se trair, mas devia a Rebekah uma noite de uma pequena vingança satisfatória. Ela não deixaria escapar esta chance de se divertir um pouco. Uma pequena dose de humildade faria bem a Klaus, e o trote inofensivo a fortaleceria contra a próxima vez que as idiotices dele ficassem quase insuportáveis.

Rebekah apressou-se à cozinha, fingindo provar pratos e inspecionar guarnições enquanto uma das mãos abria a tampa do pequeno frasco azul escondido entre as dobras da saia. Uma panela grande de uma sopa espessa de tomate repousava numa bancada lateral. Rebekah curvou-se como se só quisesse sentir o delicioso aroma. Em seguida, com um olhar rápido a sua volta para saber se alguém a observava, virou o veneno de lobisomem no líquido cremoso e pálido.

- Ficará pronta em minutos, mademoiselle garantiu-lhe o cozinheiro, aparecendo tão subitamente junto de seu cotovelo que Rebekah sobressaltou-se, assustada. O frasco escorregou de sua mão, e ela não se atreveu a chamar mais atenção, abaixando-se para pegá-lo. Ele havia rolado para um espaço entre as duas panelas, invisível, mas definitiva e assustadoramente presente.
- Serviremos o Riesling e o sangue de virgens romenas como primeiro prato. Gostaria de provar um pouco?

Rebekah olhou a panela, depois o cozinheiro. O veneno se misturara rapidamente na sopa, e ele não parecia suspeitar de nada. Porém, provar a sopa agora a deixaria doente — não tanto como faria a um vampiro comum, mas o suficiente para que notassem. Poderia haver perguntas, e todo o plano seria descoberto. Ela não podia se arriscar; nem mesmo poderia tentar recuperar o frasco vazio.

— Estou certa de que está ótima — disse ela ao homem. — Anseio por prová-la junto com nossos convidados.

Ele assentiu, e, com um último olhar à sopa, Rebekah não teve alternativa senão sair. O salão de banquete quase parecia um sonho depois

da azáfama da cozinha. Ela enfeitara as paredes com madressilvas, e o calor dos candelabros transmitia o aroma doce e sutil pelo ambiente. Garçons começavam a servir o vinho, movimentando-se silenciosamente como sombras servindo em meio aos vampiros animados.

Rebekah tomou seu lugar ao lado de Elijah e tentou aparentar indiferença. Ele parecia preocupado, os olhos castanhos focalizados em algo bem além das paredes da mansão.

- Estou certa de que o bom povo de Nova Orleans pode se virar sem você por uma noite disse ela num tom um pouco mais seco do que pretendia, graças à ansiedade.
- Nem todos respondeu ele com uma carranca. Os *morts-vivants* tomam novos corações toda noite, e ninguém encontrou um jeito de impedi-los.
- Consegue pensar em uma só noite desde que chegamos a Nova Orleans em que não morreu alguém? perguntou ela, virando um pouco do vinho na boca. Outro criado colocou um cálice de sangue junto de sua mão direita, e ela já imaginava os sabores refinados misturando-se em seu palato. As trevas sempre foram repletas de monstros.
- Isso é diferente insistiu o irmão, fazendo uma careta para o próprio cálice. Esses são monstros com um propósito. De algum modo estão relacionados a nós.
- A *ela*, quer dizer disse Rebekah. O lampejo de escuridão de Vivianne ainda a perturbava; aqueles momentos súbitos quando Rebekah não conseguia a situar muito bem. Às vezes, quando olhava a nova cunhada, poderia jurar que via alguém inteiramente diferente.

Ou talvez Elijah não fosse o único que precisava de uma crise para ficar satisfeito. Talvez Rebekah estivesse procurando por problemas. Com o passar dos anos, acostumara-se tanto ao drama interminável de Klaus que podia parecer estranho *não* supor o pior a respeito de seus atos. Ela se via com esperanças de que entrasse em um estado de espírito melhor para receber Vivianne na família sem saltar a conclusões fantásticas, depois de baixada a poeira de sua pequena brincadeira.

A sopa chegou, e Rebekah a provou delicadamente, deixando que apenas uma parte mínima da comida se espalhasse por sua língua, atenta a qualquer sinal de algo errado. O veneno não tinha sabor e ela não conseguiu detectar nem o mais leve vestígio.

Obrigou-se a tomar outra colherada, sabendo que precisava adoecer junto com o resto da multidão para evitar suspeitas. Não seria nem de perto tão ruim para ela como para os demais — ela se curaria sozinha, sem depender de Klaus para tal —, mas ainda parecia errado envenenar-se propositalmente.

Elijah consumia sua porção sem as reservas da irmã, mal parecendo sentir o gosto.

- Lily Leroux fez o feitiço para Klaus disse-lhe ele entre as colheradas —, e os dois mentiram para mim sobre o acordo que firmaram. Ela usava um pingente de opala de nossa mãe para se manter ligada a ele e se proteger, o que ele nem mesmo se deu ao trabalho de nos contar.
- Então ela esconde algo de valor refletiu Rebekah. Ela pensou ter ouvido um gemido de uma das mesas do outro lado do salão, mas não conseguia ver o que acontecia. E você acha que tem alguma relação com essas coisas que persegue pelo bayou toda noite.
- Acho confirmou Elijah. Depois franziu o cenho e virou a cabeça, acompanhando outro gemido, desta vez mais nítido.

Rebekah tinha certeza de que o veneno começava a fazer efeito nos convidados, porque podia senti-lo nela mesma. Toda a sala começava a parecer nebulosa. O cheiro das milhares de flores se transformou em um perfume passado, como que à beira do apodrecimento. Coisas moviam-se pelos cantos de sua visão, sombras que podiam ou não ser reais. Em volta dela, a conversa esmoreceu e se interrompeu, e por baixo dos acordes animados da música ela ouvia cada vez mais gritos de dor.

— Por que uma bruxa ia querer matar humanos aleatoriamente? — perguntou ela, tentando, com toda força de vontade, manter o fio da conversa.

Elijah tinha os olhos semicerrados e sem foco, como se ouvisse uma música que ela não conseguia escutar.

— Ela não ia querer — disse ele.

Um vampiro saiu correndo do salão, e outro se colocou de pé, desmaiando em seguida. O primeiro grito se elevou dos comensais, um som agudo e estrangulado. "Sabotagem", ouviu Rebekah, depois, "Lobisomens".

Funcionava com perfeição. Ela viu Klaus empurrar a cadeira para trás com tanta força que o móvel caiu, o rosto numa máscara de fúria. Primeiro procurou saber se Vivianne estava incólume — o veneno não a afetaria —,

depois pegou a garçonete mais próxima pela gola. Embora Rebekah não conseguisse ouvir a pergunta que ele fez, viu o poder da influência em seus olhos. A garota respondeu sem hesitar, mas Rebekah sabia que ela não poderia lhe dizer nada de útil. Klaus rosnou de frustração e quebrou o pescoço da criada. Coitadinha.

— Veneno de lobisomem — ela ouviu alguém repetir, e isto finalmente colocou Klaus em ação.

Seu sangue, aquele misto único e híbrido de vampiro e lobisomem latente, era o único antídoto conhecido. Isto sempre surpreendeu Rebekah, por existir no corpo de alguém que normalmente era de natureza tão destrutiva.

Klaus circulava pelo salão, sistematicamente estendendo o braço sujo de sangue a um vampiro após o outro. Vivianne o seguia para garantir que cada convidado fosse tratado. Ela era a única fonte do leve remorso de Rebekah. Nenhuma noiva ia querer que a lembrança de seu banquete de casamento fosse maculada por um dissabor desses, e era uma pena que ela tivesse de sofrer pelos pecados de Klaus.

Klaus não se importou em curar Rebekah ou Elijah, passando por eles sem olhar. Rebekah ficou livre para simplesmente assistir, saboreando o caos que ela criara na elegante e feliz ocasião.

Rebekah descobriu que seu olhar continuava procurando Vivianne, seu vestido se destacando como sangue na neve. Para surpresa de Rebekah, Vivianne não parecia zangada nem mesmo assustada. Estava pálida, quase doentia. Ela parou para se recostar a uma cadeira, com as mãos no espaldar entalhado como se fosse a única coisa que a mantivesse de pé.

O veneno de lobisomem não a afetaria, não *poderia* tê-la afetado. Ela era parte lobisomem, assim como Klaus. Entretanto, quanto mais Rebekah a observava, pior ela lhe parecia. Será que ela havia calculado mal alguma parte do veneno? Se assim fosse, Klaus jamais a perdoaria.

De súbito, a mão de Vivianne se estendeu, arrebanhado um cálice da mesa e tragando seu conteúdo em um longo gole. Na pressa, ela derramou parte do líquido denso e viscoso pelo queixo, e ele escorreu do canto da boca. Algumas gotas do sangue de virgens romenas respingaram no corpete do vestido de Vivianne, misturando-se tão bem que se Rebekah não tivesse visto acontecer, teria pensado fazer parte da padronagem da seda.

Vivianne endireitou-se e limpou os lábios, constrangida, olhando à volta se alguém havia percebido. Suas mãos sacudiram-se ao lado do corpo, e ela segurou o vestido para impedir que tremessem.

- Elijah! Elijah, viu isso? Rebekah tentou cochichar, mas sua boca não articulava muito bem.
- Humm? O irmão sequer conseguia virar a cabeça para ela e perdera o momento. Ele fechou os olhos, com dor, e enxugou o suor da testa. Rebekah tinha sido a única a ver Vivianne beber sangue e agora não conseguia parar de reprisar a cena.

Rebekah sabia que Vivianne podia ter sido transformada pelo Outro Lado, mas isto ia muito além deste fato. Não era trauma. Rebekah testemunhara o preço de uma terrível maldição: a necessidade de sangue.

Exatamente como os bruxos mortos-vivos de Elijah na mata, percebeu ela. Eles devoravam corações para permanecer vivos, como vampiros bebiam sangue. E agora Vivianne tinha se juntado a eles, outra coisa morta tomando empréstimo de vida em outro lugar.

Ela não havia simplesmente recebido uma segunda chance, como Klaus insistia e os irmãos esperavam. Tinha sido alterada de algum modo, e haveria consequências — sempre havia. Rebekah sentira no instante em que pusera os olhos em Vivianne. É claro que os irmãos não tinham percebido. Sempre procuravam pela verdade nos lugares errados.

Vivianne deveria estar ligada de algum modo aos apavorantes *morts-vivants*. Ela não arrancava corações de peitos — pelo menos, ainda não —, mas as trevas queimavam em Viviane como um estopim caminhando em direção a pólvora e, quando explodisse, não haveria como saber o que aconteceria.

O trote de Rebekah podia ter sido infantil e talvez até meio cruel. Mas revelara uma verdade: Vivianne era perigosa. Até Klaus teria de admitir isto quando Rebekah lhe contasse o que vira. Ele fizera uma aposta para ter Vivianne de volta, mas em seu lugar recebera algo maligno.

Como que para enfatizar a nova realidade, Rebekah ouviu o gemido sobrenatural do feitiço de proteção da casa. Alguém havia invadido. O som aumentou, e Rebekah amaldiçoou o pavoroso *timing* de seu "trote inofensivo". Deixara os vampiros fracos e desorientados justo quando, pelo visto, eles seriam mais necessários.

Foi uma tolice pensar que o casamento podia correr com tamanha tranquilidade que ela precisaria sabotá-lo. Ela se virou para Elijah, que ainda estava meio grogue do veneno, embora tivesse se endireitado na cadeira ao ouvir o alarme. Ele se livrava dos efeitos do veneno bem mais rápido do que os outros, mas ainda não voltara ao normal.

— Volte a si, irmão. — Rebekah o espicaçou. — Creio que as surpresas desta noite só estão começando.

Elijah sentia-se saindo de um bloco de nuvens, deixando uma névoa em troca de uma espécie de inferno. Corpos contorciam-se de dor por toda a volta. Klaus sangrava em ambos os braços e no pescoço, e Rebekah separava severamente os vampiros mais saudáveis daqueles que ainda estavam incapacitados pelo veneno de lobisomem. O caos parecia quase completo até que o som arrepiante do feitiço de proteção soou mais uma vez, lembrando Elijah de que as coisas sempre podiam piorar.

Ele cambaleou à janela mais próxima. Não havia como deixar de ver o que ativara o feitiço: eles estavam por todo lado. Ele até reconheceu um ou dois rostos da turba que o atacara no bayou. Os *morts-vivants* chegaram em massa.

— Fechem as portas! — berrou Elijah e, mesmo com toda a comoção no salão, ele viu alguns vampiros cambaleando para obedecer. Muitos nem mesmo pareciam ter ouvido seu grito, ou talvez pensassem que fosse só outra alucinação provocada pelo veneno. — Estamos sendo atacados, tranquem tudo!

Elijah gesticulou para Klaus continuar dando sangue ao que restava dos vampiros envenenados. Ninguém de seu exército estava novamente em plena força, e os inimigos não podiam ser mortos. Seria um banho de sangue.

Ele ouvia o bater de portas e janelas por toda a casa, mas não conseguia bloquear o barulho das vozes ásperas das criaturas mortas. O ruído parecia um parafuso sendo girado em seu ouvido, perfurando lenta, mas inexoravelmente, até seu âmago.

— Somos um alvo fácil aqui — alertou uma ruiva, batendo os postigos de madeira de duas portas francesas. — Precisamos lutar com eles. — Ela

devia ter sido envenenada com os demais, mas provavelmente estivera entre os primeiros a beber o sangue de Klaus. Seu rosto sardento estava corado de empolgação, mas os olhos cinzentos pareciam aguçados e focalizados.

A garota tinha certa razão, e seus instintos para a batalha eram fortes. Os *morts-vivants* não conseguiriam entrar, graças ao feitiço de proteção que Ysabelle lançara na casa. Mais de quarenta anos depois, ele ainda se sustentava, e, se os monstros lá fora fossem de fato bruxos, não conseguiriam entrar sem convite. Mas Elijah não podia simplesmente esperar enquanto as cruéis criaturas destruíam sua cidade, e não ia se esconder atrás de paredes mágicas quando um inimigo aparecia em sua porta.

- E quem seria você, de conselho tão sensato? perguntou Elijah à ruiva.
- Ah, meu nome é Lisette. É um prazer estar a seu serviço. Ela estendeu a mão para ser beijada, como se eles não estivessem no meio dos preparativos para uma batalha.
- Lisette respondeu Elijah, curvando-se para beijar de leve a mão estendida. O nome da garota rolou em sua boca. Quanto tempo levou para se curar, Lisette? perguntou-lhe Elijah. Em quanto tempo acha que os outros estarão prontos?

A garota avaliou o salão com olhos sagazes. Outros vampiros começavam a se colocar de pé com dificuldade, mas a maioria ainda parecia doente.

— Não é tão fácil nos matar, sabe — ela lembrou a ele, desviando-se deliberadamente de suas perguntas com um sorriso zombeteiro. — Nem mesmo quando os lobisomens nos preparam para nossos inimigos.

A ligação era tão evidente que Elijah ficou surpreso por não tê-la visto antes. A chegada dos *morts-vivants* tão perto do envenenamento não era uma coincidência. Os bruxos e lobisomens deviam estar trabalhando juntos de alguma forma, e, para assumirem um risco desses, os lobisomens deviam estar certos de que os bruxos podiam dar cabo de cada vampiro que restasse.

Os túneis de Hugo Rey haviam desmoronado na explosão 44 anos antes, mas Rebekah não se esquecera de seu valor quando reformou a casa. As passagens originais de terra foram substituídas por uma rede de túneis escorados com madeira, que corriam aos limites da propriedade. Aquelas portas eram pontos fracos que os Mikaelson se empenharam muito para

esconder e reforçar. O benefício de ter esses túneis, de conseguir flanquear qualquer um que se atrevesse a se aproximar da casa sem convite, superava em muito o risco de deixar uma abertura mínima no feitiço de proteção.

- Há um jeito de os atacarmos por trás sugeriu Elijah, bloqueando a imagem do corpo sem vida de Ava, que não parava de lhe surgir. Ele vivera tempo demais para ter medo de uma briga, mas isto não significava que estivesse entusiasmado com uma batalha contra uma brutal horda imortal de devoradores de corações. Vampiros seriam mortos, mas isto precisava ser feito.
- Liderarei um grupo pelo túnel ao leste anunciou Klaus, aparecendo ao lado de Elijah com um sorriso selvagem.
- O fim desastroso da festa de casamento o enfurecera, e os inimigos apareceram praticamente embrulhados para presente. Elijah reparou que a camisa de Klaus estava coberta de sangue, e os ferimentos auto-infligidos mal tinham começado a se curar.
- Desta vez você ficará de fora argumentou Elijah. Klaus abriu a boca para protestar, mas Elijah levantou a mão, interrompendo-o. Fique com sua mulher ordenou ele. Ela não pode entrar nesta luta, e ninguém a protegerá tão bem quanto você, por mais que eu queira sua presença junto de nós, meu irmão.

Ele decidiu não dizer a Klaus o quanto era realmente importante que Vivianne sobrevivesse a esta batalha. O motivo era muito maior do que sentimento: Lily Leroux escondia algo importante, e Elijah tinha certeza de que estava relacionado com os monstros à sua porta. Vivianne podia muito bem ser a chave para desvendar o que Lily estivesse tramando, e ele não permitiria que ela morresse pela segunda vez antes de conseguir esclarecer a questão.

Klaus hesitou, dividido entre seus votos à nova esposa e sua paixão de toda uma vida pela batalha, mas, protestando, correu ao lado de Vivianne, gesticulando para a escadaria em curva e explicando algo que Elijah não conseguiu escutar. Eles deixaram o salão juntos, e esta era uma preocupação a menos para Elijah.

Rebekah, leve um grupo pelo túnel para o sul. Eu pegarei o oeste e...
Os olhos de Elijah caíram na vampira ruiva que ainda se demorava por ali
Lisette, muito bem. Você pegará o norte. — A garota assentiu, parada como um soldado em posição de sentido, esperando suas ordens. Ela se

sairia bem, ele podia ver. — Escolha mais um vampiro de sua confiança para substituir Klaus no leste. Os mais doentes terão de nos seguir como puderem. Nunca vi uma dessas criaturas morrer, e não sei se são capazes disso, assim, faça o que for, não espere que eles se abatam.

- Se não conseguirmos matá-los, pelo menos os afugentaremos concordou Lisette, e ele viu que ela executaria sua parte do plano tão bem quanto o irmão. Talvez até melhor, sem a característica imprevisibilidade de Klaus.
- Vá ordenou ele, e ela lhe abriu um sorriso de vitória, girou nos calcanhares e seguiu a multidão. Ele a ouviu gritando ordens pelo caminho, e os grupos desorganizados de vampiros se realinharam em algo semelhante a um exército.

Elijah atravessou o salão na direção contrária, escolhendo os vampiros mais estáveis e ordenando que fossem à porta protegida no porão. Rebekah encontrou-se com ele ali com um bando considerável de seus próprios vampiros.

Juntos, eles desobstruíram a porta, trabalhando rapidamente para deslocar a pesada laje de pedra. Lisette chegou, junto a outro vampiro que Elijah reconheceu como um dos admiradores apaixonados de Rebekah, cada um deles com várias dezenas de outros às costas.

- Estamos sendo sitiados por monstros que se recusam a morrer—anunciou Elijah, optando pela brevidade em vez de dar detalhes. Dispersem-nos e afastem as criaturas da casa como puderem, e o primeiro que souber como matar um deles terá a honra de matar mais cem.
- Discurso comovente. Rebekah sorriu, e ele percebeu o sorriso também em Lisette. As duas mulheres voltaram-se para seus túneis opostos, Elijah e o outro líder Efrain, enfim ele se lembrava correram para seus lados, liderando o que Elijah torcia para que fosse um ataque coordenado.

Um *mort-vivant* saltou sobre ele assim que Elijah saiu pela porta oculta no gramado. A cara do bruxo era um ricto de fome e fúria, e a batalha começou antes que Elijah pudesse sequer piscar. Eram tão fortes quanto ele se lembrava, e talvez até mais rápidos. O monstro atacou novamente, de braços estendidos para o peito de Elijah, e enquanto ele se esquivava de lado, viu-se cara a cara com outros três.

Por um momento ele se perguntou se era assim que um humano se sentia quando caçado por um vampiro, sabendo que a poderosa criatura que se abatia sobre ele o via apenas como uma refeição. Por sorte, Elijah era muito mais que humano. Agarrou um dos monstros pelo braço e baixou o ombro, rolando a bruxa por suas costas, jogando-a com força no chão. Ele torceu a cabeça de outra pelo caminho, ouvindo o pescoço da bruxa se espatifar. Um terceiro chegou perto o suficiente para cravar os dentes na clavícula de Elijah, arrancando carne e se prendendo cruelmente até que uma vampira chegou para tirá-lo dali. O *mort-vivant*, um homem de aparência comum, de casaco de lã e que talvez em vida tivesse 30 anos, jogou o braço no peito da vampira e arrancou seu coração da caixa torácica.

Como tinha acontecido antes, os outros bruxos pareceram sentir a presença do coração. Alguns se viraram para aquele que o segurava, e a briga ficou desesperadamente complicada enquanto todos batalhavam pela mesma coisa. Elijah concentrou-se em proteger os vampiros, libertando aqueles que haviam sido encurralados e combatendo os agressores até que suas tropas pudessem se reagrupar e lutar novamente.

Ele sabia que seu lado estava perdendo. Um vampiro após outro sucumbia aos *morts-vivants*, e ele sabia que os reforços logo estariam esgotados, embora ainda surgisse dos túneis um fluxo lento de novos soldados. Mais cedo ou mais tarde a casa estaria vazia, exceto por Klaus e Vivianne — que tal uma noite de núpcias como essa?

Elijah ouviu um grito estrangulado à esquerda, girou o corpo e viu um vampiro empalado no braço de um *mort-vivant* sorridente. Partiu para eles, mas Lisette chegou primeiro. Tinha rasgado o vestido acima dos joelhos para ter liberdade de movimento, e o que restou estava tão coberto de sangue que não se discernia a cor amarela original. Seu rosto era severo e concentrado, e ela não hesitou em mergulhar o próprio braço pelo peito do bruxo morto.

— *Gosta* disso? — perguntou ela, torcendo a mão e retirando o órgão. Manteve o coração vermelho e escorregadio do *mort-vivant* agarrado em sua mão e o segurou com desprezo na cara dele.

O sorriso do monstro falhou. Ele perdeu a pegada na vampira, que se afastou trôpega com a maior rapidez que pôde. Seus ferimentos eram graves, mas seriam curados; seu agressor não teria a mesma sorte. O *mort-vivant* amarfanhou-se como papel queimado diante de Elijah. Desabou na grama com uma última contorção espasmódica e ficou imóvel.

Lisette o observou por um momento para se certificar de que não se levantaria e ergueu a cabeça para gritar. Sua voz parecia uma trompa de caça, atravessando o barulho e o caos da batalha.

— Tirem os corações! — gritou ela. — Eles morrem sem o coração!

Elijah sentiu a mudança em meio a sua espécie enquanto o grito era repetido sem parar, espalhando-se a cada canto da batalha. Todo vampiro que ouvira aquelas palavras atacava agora com energia renovada.

Eles tinham sofrido muitas perdas, e os vampiros, embora não estivessem em menor número no início da batalha, agora certamente estavam. Mas os monstros tinham um ponto fraco mortal e era só disto que o exército de Elijah precisava saber.

— Morra, sanguessuga — rasgou uma voz ao lado dele, e Elijah nem piscou.

Disparou o braço; pele e músculos se rasgaram com a força de seu golpe e seus dedos se fecharam no coração acelerado do monstro. Elijah o esmagou na mão ao arrancá-lo, saboreando o leve ofegar de choque que seria o último som a escapar dos lábios do *mort-vivant*.

Enfim, ele conseguira alguma vingança pela morte prematura de Ava. Toda a raiva e horror que havia sido obrigado a conter desde aquela noite saiu dele numa explosão, e ele atacou os *morts-vivants* com uma selvageria impiedosa.

Os bruxos mortos-vivos começavam a se empilhar, e Elijah agora ouvia gritos animados em meio aos de dor. Os *morts-vivants* lutavam avidamente, mas não havia dúvida de que a maré da batalha virava.

Quando o sol nasceu, obrigando os dois lados a bater em retirada, o gramado estava coberto de cadáveres. Dezenas de vampiros foram perdidos, porém, pela estimativa de Elijah, eles tinham abatido pelo menos cem bruxos mortos-vivos. Os demais *morts-vivants* — no máximo trezentos, calculava ele — haviam fugido do céu que se iluminava em direção ao leste, misturando-se com a mata.

Os vampiros voltaram à mansão, alguns mancando, outros carregando camaradas feridos. Elijah viu Lisette novamente, escorando um amigo que perdera uma das pernas e cochichando palavras de entusiasmo enquanto mancavam juntos. Ela parece ter sentido os olhos de Elijah, virando-se por um momento para lhe sorrir como se toda a carnificina não tivesse sido nada mais do que um piquenique no gramado.

Elijah a observou por um momento maior do que poderia explicar, depois levantou um vampiro que gemia por perto e partiu de volta pelo gramado ensanguentado. Apesar da noite longa e cansativa, ele se sentia cheio de energia. Da próxima vez que os *morts-vivants* se atrevessem a sair em campo, Elijah e seus vampiros matariam a todos. Com um último olhar de satisfação para os cadáveres mutilados, Elijah entrou em casa para se juntar à família.

A batalha não ia bem. Klaus podia ver isso mesmo do abrigo no sótão para onde levara Vivianne. Ele andava de uma janela a outra, seus olhos aguçados observando todas as lutas. Os *morts-vivants* não paravam de atacar, por mais que fossem esmagados, abatidos ou desfigurados.

Klaus entendeu que sua presença lá fora não faria muita diferença e que era mais importante proteger a nova esposa. Mas ainda ansiava pela luta, por dilacerar, rasgar.

O círculo de combatentes parecia se contrair um pouco sempre que ele olhava, aproximando-se das paredes da mansão. Ele assistia ao fim de vampiros que criara com seu sangue enquanto os bruxos com ferimentos mais horríveis continuavam lutando.

Só podiam estar atrás de Viviane. Eles haviam começado a atormentar a cidade após o retorno dela. Ela era a chave: eles queriam arrancar seu coração vivo e arrastá-la de volta às sepulturas frias com eles.

- Não podemos ficar aqui disse Klaus, a voz apática no ar vazio e parado do sótão.
- O feitiço de proteção aguentará garantiu-lhe Vivianne. Se ele sobreviveu ao furação, sobreviverá a isto.

Vivianne nunca se curvara de medo pela própria vida, mas se sentia comovida pelo medo dos outros. Ela *deveria* estar com medo. Pela primeira vez em um longo tempo, ele estava.

Não, Vivianne... Creio que os bruxos mortos vieram aqui procurando por você — disse ele, deixando transparecer a preocupação nos olhos. — Continuarão atacando enquanto você estiver aqui.

A magia podia ter um preço, mas isto não significava que Klaus pretendesse pagá-lo. Talvez ele não fosse capaz de derrotar o exército que

tentava lhe roubar sua mulher, mas podia ultrapassá-lo. Ele conseguira escapar de Mikael durante séculos — agora não seria diferente.

Ela torcia as mãos entrelaçadas, absorvendo a notícia.

— Ficando aqui, coloco os vampiros em perigo, é o que quer dizer. — Seus olhos negros estavam alarmados. — As únicas pessoas dispostas a me receber de volta, a comemorar nosso casamento, a nos aceitar, estão aí fora morrendo por *mim*?

Dito desta forma, parecia ainda pior do que ele pretendia.

— Mas, se partirmos, eles não terão mais motivos para atacar. Eles se dispersarão, e a manhã se aproxima. Podemos atravessar meio mundo até eles estarem prontos para tentar seguir nosso rastro. Se partirmos agora, talvez eles não nos encontrem novamente.

Ele não tinha como saber de que maneira os bruxos haviam encontrado Vivianne, antes de mais nada. Era provável que tivessem conseguido ajuda dos lobisomens, que enfraqueceram os vampiros antes do ataque. Os lobos podiam estar preparados para segui-los durante o dia, alternando-se na caçada. Pior ainda, talvez outros *morts-vivants* saíssem de seus túmulos por onde Vivianne passasse.

Ele lutaria com todos que viessem atrás dela, e eles fugiriam pelo tempo necessário. Só o que importava agora é que ficassem juntos. Vivianne *morrera*, e isto não dera cabo do amor dos dois — eles podiam resolver qualquer problema que o mundo botasse no caminho deles.

Outro grito surgiu do jardim, e Vivianne avançou subitamente, quase correndo para a escada.

- Já estamos de malas prontas disse ela, como se lembrasse a si mesma.
- Apenas partiremos um pouco mais cedo para nossa lua de mel ele lhe garantiu enquanto a seguia. Vamos nos afastar até que Elijah saiba qual é o segredo para mandar essas criaturas de volta ao lugar delas delas, não de Vivianne —, depois voltaremos para ajudar meus irmãos a destruílas.

Os baús pesados que eles pretendiam levar na lua de mel seriam volumosos demais para carregar, mas também havia algumas bagagens menores que Klaus poderia transportar com facilidade. Tudo estava à espera ao lado da porta da cozinha, pronto para um criado colocar na carruagem de Klaus. Ele revirou a pilha de bagagem rapidamente.

Vivianne se ocupou de encontrar alguma comida, ignorando os restos do banquete envenenado de casamento. Ao empurrar de lado uma travessa de camarão descascado de um lindo tom de rosa, algo chamou a atenção de Klaus. Era um frasco de vidro azul, meio escondido por uma panela gigantesca de sopa. Ele já vira esse frasco, ou pelo menos várias dezenas de outros semelhantes, durante seu breve reinado como proprietário do Southern Spot.

As prostitutas sempre precisavam de chás e misturas especiais, e boa parte da clientela também se interessava por láudano e outras substâncias. Os fornecedores de artigos mais comuns como uísque, sabão e frutas tinham negócios paralelos para atender discretamente a essas necessidades, e Klaus sabia exatamente quem usava frascos azuis.

Ele pegou o frasco na bancada e cautelosamente provou o interior da borda. A ardência foi imediata e familiar. Não era nenhum remédio, nem alguma droga. Este frasco tinha veneno de lobisomem. Nenhum lobisomem teria necessidade de negociar um frasco de sua própria toxina. Mas um vampiro, sim.

Klaus já estava mais do que acostumado a traições e sabia que a própria família não estava isenta da prática. Mas isto de algum modo era pior. Elijah e Rebekah deviam ter conspirado para deixar que seus inimigos vencessem, envenenando a própria espécie. Seus queridos irmãos tinham toda a intenção de que as criaturas apavorantes alcançassem Vivianne e haviam tentado afastar a culpa de si mesmos, fazendo os lobisomens de bodes expiatórios.

Só havia uma explicação possível para essa traição. Elijah deve ter confabulado com Rebekah. Em sua pesquisa interminável, Elijah *soube* que os bruxos viriam atrás de Vivianne.

E a própria Rebekah era inacreditável. De maneira alguma quis ajudar com o casamento. Jamais quis receber Vivianne como irmã; só queria ajudar a recolocá-la debaixo da terra. Os irmãos haviam tramado a morte de sua mulher para se salvar. Ele jamais os perdoaria.

Eles teriam sua lua de mel, mas nunca mais voltariam. Por Klaus, a cidade inteira podia afundar em seu esgoto de falsidade. Os *morts-vivants* podiam arrancar o coração de cada habitante daquele pântano desprezível em busca do de Vivianne, mas jamais teriam outra chance com ela. Não

havia ninguém em quem Klaus pudesse confiar para mantê-la a salvo, só ele, e era exatamente de quem ele dependeria dali em diante.

- Vamos disse ele a Vivianne, detestando o som áspero e colérico na própria voz. Era ridículo que isso ainda o afetasse depois de mil anos sendo decepcionado pela família.
- Alguma coisa errada? perguntou ela, colocando a mão fria em seu braço.

Ele quase riu do absurdo da pergunta. O que não havia de errado?

- Nada, desde que você esteja comigo, meu amor respondeu ele e lhe deu um beijo na testa. Mas não podemos mais ficar aqui.
- Então, vamos concordou Vivianne, passando uma das bagagens mais leves pelo ombro. Era uma estranha combinação com o vestido de noiva, de seda e cauda, que ela ainda usava, mas seu queixo empinado e desafiador a fazia parecer corajosa e até um pouco dissoluta.

Vivianne apertou a mão dele, e Klaus lhe sorriu. Tinham o mundo todo pela frente, onde podiam passar a eternidade nos braços um do outro. Enfim, depois de décadas de decepção, eles estavam livres.

Pelo que pareceu uma eternidade, Rebekah observou os feridos serem carregados para sua casa. Sua voz soava entorpecida aos próprios ouvidos, porém, por mais que ela preferisse se retirar para seu quarto e ficar em silêncio, abrira mão desse luxo.

— Leve-a ao quarto verde, na ala sul — ordenou, colocando a mão fria em uma vampira mutilada. — Fique falando com ela até que você veja que começa a se curar. O nome dela é Amelie. — Havia dezenas deles, todos com nomes, lembranças e ferimentos abertos e horrendos.

Rebekah estava tomada de emoções conflitantes e se havia uma coisa que ela detestava, era sentir-se insegura de si.

Ela errara ao pregar seu pequeno trote no casamento. Justo quando os vampiros mais precisavam ficar unidos, Rebekah os dividira, deixando que seu ressentimento contra Klaus levasse a melhor sobre seu bom senso. Ela não tinha como saber quantos de sua espécie teriam sobrevivido se todos estivessem em plena força. O sangue deles estava em suas mãos.

O sangue nas mãos, porém, ainda era menos perturbador do que o sangue na boca de Vivianne. Havia algo de terrivelmente errado com a nova cunhada, e Rebekah era a única que sabia. Klaus não veria — ele não queria ver. E Elijah andava ocupado demais tentando descobrir a origem dos *morts-vivants*, deixando passar uma dica crucial bem debaixo de seu nariz.

Rebekah precisava investigar o estranho comportamento de Vivianne no casamento e precisava se desculpar com Klaus (de preferência sem explicar exatamente por que estava se desculpando).

Mas os recém-casados não foram encontrados em lugar nenhum. A busca de Rebekah a levou do sótão à cozinha, onde ela notou que faltava parte da bagagem na pilha ao lado da porta dos criados.

Klaus fugira com a esposa, deixando que os irmãos arrumassem sua bagunça. Era típico dele, e Rebekah teria se ofendido se não sentisse tanta culpa.

Pelo menos a partida súbita dava a Rebekah a oportunidade de se livrar das provas do que fizera. Ela correu à bancada, onde estava a sopa de batata, mas, embora as panelas grandes ainda estivessem ali, não conseguiu encontrar vestígios de seu pequeno frasco de vidro. Ela olhou o piso de ladrilho e depois, com uma ansiedade crescente, todas as outras bancadas vizinhas.

Qualquer coisa podia ter acontecido com ele. Um cozinheiro podia ter reutilizado o frasco inadvertidamente para outra substância, ou talvez tenha se quebrado e os cacos já tivessem sido varridos. Mas, no fundo, Rebekah sabia que não era isso. Klaus estivera ali para pegar a bagagem, encontrara o frasco e entendera que o traidor era alguém da própria casa. Havia partido para encontrar um lugar seguro com Vivianne — a pessoa menos segura que ele poderia ter escolhido —, graças a Rebekah.

Ela subiu a escada às pressas à procura de Elijah, que estava envolvido numa conversa com Lisette. Pareciam recordar do momento em que Lisette matara o primeiro *mort-vivant*, e a expressão de Elijah era animada.

- Preciso falar com você ela interrompeu, desculpando-se com um gesto de cabeça a Lisette. Ela se afastou e deixou os irmãos a sós.
- O que é? perguntou ele. Rebekah podia ver a energia da batalha ainda presente no rosto de Elijah.
- Niklaus foi embora disse Rebekah, apressadamente. Desculpeme, Elijah, mas meu temperamento levou a melhor sobre mim e eu só pretendia fazer uma brincadeira inofensiva, para baixar um pouco a moral dele.
- O... Elijah franziu a testa, e seus olhos castanhos encontraram os dela, e ela percebeu que ele entendera. O veneno. A empolgação jocosa que Rebekah vira quando ele estava conversando com Lisette tinha sumido inteiramente. Ele estava furioso. Como pôde ser tão burra? Eu poderia esperar esse tipo de coisa de Klaus, mas não pensei que veria você descer ao nível dele.

Ela já se sentia mal, mas isso doera cem vezes mais.

— Eu sei. Preciso encontrar Niklaus e me desculpar, mas queria falar com você primeiro. Você tinha razão o tempo todo sobre os *morts-vivants*, e

eu estava zangada demais com Niklaus para enxergar isso. Mas, Elijah, eles não são o único perigo e meu pedido de desculpas não é o único motivo que tenho para encontrar Niklaus.

E tudo que ela vira nas últimas semanas saíram dela num jorro. Rebekah contou cada insinceridade de Vivianne até o momento em que ela bebera o cálice de sangue. Foi só então que ela terminou, quase sem fôlego, e se atreveu a olhar no rosto de Elijah, para saber se ele acreditava nela.

- Creio que Lily Leroux usou Niklaus refletiu ele. Ela trouxe Vivianne de volta, mas acredito que também conjurou os *morts-vivants*, ou se comunica com eles de algum jeito. Acho que ela *precisava* do trato com nosso irmão a fim de levar adiante suas verdadeiras intenções.
- Então, você entende por que preciso encontrar os recém-casados —
   disse Rebekah. Pretendo partir imediatamente.

Elijah hesitou, como se estivesse ponderando os erros anteriores da irmã. Mas, em vez disso, deu-lhe um beijo em cada face.

— Vá — concordou. — Nós dois temos trabalho a fazer.

Um exército inteiro de vampiros perturbara a terra compacta dos túneis, mas só um acesso tinha pegadas que *se afastavam* da propriedade. Rebekah seguiu seu rastro para o leste, na direção do mar, e percebeu que já conhecia o caminho e tinha percorrido essas mesmas estradas 44 anos antes. Rebekah contara a Vivianne sobre uma cabana perto do mar onde ela tivera alguns dias inesquecíveis com Eric Moquet, e a jovem ficara tão encantada com a descrição de Rebekah que acabou por convencer Klaus a se retirarem ali na lua de mel.

Quando ela chegou ao chalé, ainda havia alguma luz do dia. Ela não podia simplesmente chegar à porta e bater, e primeiro queria entender melhor o que estava acontecendo com Vivianne. Rebekah conhecia alguns humanos e alguns bruxos que haviam ressuscitado dos mortos, e nenhum deles adoecera pelo desejo de sangue. Não era normal e não estava certo. Os vampiros eram as únicas criaturas que deviam possuir tal avidez, e Vivianne certamente não era vampira. Assim, em vez de andar até a porta e acertar as coisas com o irmão, Rebekah se escondeu. Mesmo na lua de mel dos dois, certamente Klaus não podia passar *cada* segundo com a nova esposa. Mais cedo ou mais tarde, um deles teria de sair sozinho da cabana.

Assim, ela esperou, ouvindo a incessante cantiga de ninar das ondas subindo pela areia. O resto do dia se passou sem nem mesmo um vislumbre

do feliz casal, embora Rebekah soubesse que estavam dentro do chalé. Com o cair da noite, velas ganharam vida nas pequenas janelas do chalé e por fim foram apagadas. Uma brisa fria começou a soprar pela água, trazendo um travo familiar de sal. Rebekah cochilava intermitentemente, morta de tédio, e sempre que acordava, sobressaltada, esperava ver Eric Moquet andando pela areia, o luar brilhando nos fios prateados das têmporas. Ninguém jamais alegou que a redenção era fácil.

Um grito a despertou, assustada, e Rebekah se colocou de pé, imediatamente alerta. A porta da cabana estava aberta, destacando-se na escuridão como um farol. O barulho vinha da praia, onde ela pôde distinguir uma figura correndo em desespero. Mas nada a perseguia.

Vivianne gritou de novo, e o barulho colocou Rebekah em ação. Klaus tinha o sono bastante pesado, mas logo perceberia que a amada não estava mais dormindo a seu lado.

Rebekah correu pela praia, alcançando Vivianne em segundos. Segurou a garota aflita pelo braço, mas Vivianne voltou a gritar e a atacou, batendo com força na cara de Rebekah.

- Sou *eu* sussurrou Rebekah com urgência, mas Vivianne lutou com força ainda maior para se soltar.
- *Solte-me*! gritou ela, a voz inteiramente descontrolada. As unhas afiadas rasparam o rosto de Rebekah, e Vivianne ficou petrificada ao ver o sangue que se acumulava a seus pés. Depois arremeteu, repuxando os lábios em um rosnar selvagem, e Rebekah sentiu os dentes da mulher enterraremse na pele rompida. Ela estava *bebendo*, tentando drenar o sangue de Rebekah enquanto suas mãos tentavam prendê-la melhor.

Rebekah a empurrou, apavorada, e Vivianne correu para as ondas como uma possuída. Decidindo que já passara a hora da delicadeza, Rebekah a atacou pela cintura fina, derrubando-a na areia molhada e ensopando as duas de gelada água salgada.

Vivianne rolou com uma força incomum, quase vencendo Rebekah por um momento antes que esta conseguisse segurá-la pelos ombros e a mantivesse debaixo de uma onda. Vivianne engasgou e tossiu, querendo voltar para a areia, mas agora Rebekah tinha a vantagem e não ia ceder. Empurrou a cabeça de Vivianne mais uma vez na água, lembrando a si mesma que era para o próprio bem da garota.

— Pare de lutar — avisou, mas Vivianne ainda se debatia como uma louca.

Ela puxou uma golfada do ar noturno antes de gemer.

- Mate-me. As duas estavam ensopadas de água do mar, mas Rebekah tinha certeza de também ver as lágrimas escorrendo pelo rosto de Vivianne à luz da lua. Por favor sussurrou Vivianne, agora tão baixo que a voz parecia desaparecer nas ondas que se quebravam. Você precisa me deixar voltar.
- Você quer... morrer? De novo? Rebekah sentou-se na areia, ignorando as ondas.
- Há algo de errado comigo. Vivianne arquejou, empurrando para trás mechas molhadas do cabelo preto. Eu sinto aqui dentro, algo quer sair.

Era exatamente o que Rebekah suspeitava; todavia, ouvi-la em voz alta era diferente. Para cada momento estranho que ela notara, havia centenas de outros em que Vivianne parecia perfeitamente normal.

- Não é fácil viver de novo depois de morrer disse-lhe Rebekah com gentileza, ajudando-a a se levantar e mantendo-a de pé contra as ondas ao subirem para a areia. A garota era meiga em seus braços, parecendo depender inteiramente da força de Rebekah, como se sua própria de repente lhe faltasse. Eu sei, Viv. Mas isso não significa...
- Klaus! gritou Vivianne a plenos pulmões, atordoando Rebekah, que se calou. Outra onda se quebrou nos joelhos das duas, e Rebekah deixou escapulir do braço da garota. Klaus, socorro! Sua irmã está tentando me matar!

Vivianne correu para a areia enquanto Rebekah atrapalhava-se na água, xingando a própria burrice. Vivianne havia *dito* a ela o que estava errado, e ela não se dispôs a ouvir. Esqueceu-se do que soube por mais de mil anos: ninguém tem um desejo mais forte de viver do que quem já morreu.

A dor de Vivianne era real, e Rebekah acreditava que havia uma parte dela apavorada com as trevas que surgiam furtivamente. Mas este vislumbre abaixo da superfície foi enterrado antes que Rebekah o tivesse compreendido.

O vestido branco de Vivianne brilhava ao luar enquanto ela corria areia acima, e Rebekah a alcançou novamente a meio caminho da cabana. As duas

mulheres caíram juntas, batendo com tanta força na areia que o ar de seus pulmões foi arrancado.

- Klaus, socorro! gritou Vivianne mais uma vez, e Rebekah tapou sua boca com a mão.
- Estou tentando *ajudar* você! sibilou ela. Cale a boca por um minuto e me deixe falar!

Em vez disso, Vivianne a mordeu, prendendo com força o braço esquerdo de Rebekah e se agarrando ali como se sua vida dependesse disso. Rebekah sentiu o sangue escorrer quente pela pele e ao menos um pouco dele encontrou o caminho para a boca ávida de Vivianne.

Rebekah ficou enojada, tão horrorizada quanto a verdadeira Vivianne teria ficado. Esta não era a verdadeira Viviane, agora ela compreendia. Andava e falava como a garota, mas era outra coisa que usava sua pele e até sua personalidade como uma máscara. E estava devorando essa máscara por dentro, afinando-a até transparecerem alguns vislumbres de sua verdadeira natureza.

Ela puxou o braço e deu um tapa na cara de Vivianne com tanta força que a cabeça da garota foi jogada de lado.

Depois Rebekah sentiu ser puxada para cima e para trás por uma força poderosa. Seu tempo tinha acabado. Ela não teria a oportunidade de descobrir o que havia de errado com Vivianne naquela noite e talvez nunca.

Klaus finalmente tinha acordado e não estava no humor para conversas.

O toque de recolher de Elijah dera certo. Cada porta em Nova Orleans ficava trancada à noite, todos os postigos bem cerrados. As ruas calçadas de pedra cintilavam da chuva de verão, e não havia outro ruído além dos passos dos vampiros ecoando nos muros de pedra.

Não havia tantos vampiros como no casamento na noite anterior, mas eles haviam se curado e, mais importante, todos sabiam como matar os adversários.

Esta seria a noite deles.

Klaus tinha fugido, e Rebekah partira atrás dele, tentando reparar sua horrenda falta de capacidade crítica. A incapacidade dos dois de controlar as emoções custara a Elijah dois de seus guerreiros mais fortes, e ele se ressentia de ser o único Mikaelson que verdadeiramente se dedicava ao bem-estar da família. Mas o resto do exército de Elijah o apoiava e estava bem preparado para uma boa luta.

Não havia sinal deles, até que o exército vampiro chegou à praça da cidade. Eram dezenas — talvez até centenas — de tochas aproximando-se da praça pelo outro lado.

Nenhum humano se atreveria a se arriscar na rua tão tarde, nem mesmo em massa. Este era um levante inteiramente diferente. Elijah sinalizou para que os vampiros se espalhassem e tirassem proveito da visão aguçada, que tornava as tochas desnecessárias. Eles conseguiam enxergar a aproximação dos bruxos, mas as chamas ofuscariam os adversários. Estavam entrando em uma armadilha.

Pequenos grupos de vampiros esconderam-se atrás das construções e das fontes. Esperaram enquanto os bruxos marchavam diretamente para o meio da praça, onde ficava a infeliz estátua do rei Carlos III.

Usando a luz das tochas, Elijah procurou pela líder. Seu nariz reto e as maçãs do rosto pronunciadas eram idênticos aos da mãe, e as chamas aqueciam seu cabelo castanho quase ao mesmo tom avermelhado. Lily Leroux marchava à frente de um exército de bruxos, vivos e mortos-vivos, e a luz refletida em seus olhos castanhos demonstrava pura insanidade.

- Vejo que você parou de se esconder atrás de seus asseclas gritou ele, e cada lado notou o inimigo. O acréscimo de bruxos vivos aos *morts-vivants* aumentava consideravelmente suas tropas, e Elijah via que os vampiros estavam em número bem menor. Deveria haver centenas de bruxos na noite anterior e agora talvez fossem quase mil.
- Seu tempo acabou respondeu ela, a voz num arrepiante tom grave.
  Nova Orleans sempre pertenceu à facção de exército mais forte, e esta vantagem não é mais sua.

Ele podia sentir a amargura em suas palavras, carregadas pela lembrança da desgraça de seu povo. Os bruxos nunca foram tão poderosos como os lobisomens, mas ocuparam um lugar altivo desde que a cidade surgira a partir de uma aldeia pesqueira e miserável à margem do bayou.

A culpa por ter perdido tudo isso havia sido deles mesmos, mas evidentemente Lily não enxergava as coisas dessa maneira. Ela ressuscitara os mortos. Era responsável pela morte de humanos e vampiros, era responsável por Ava. Havia usado Klaus e Vivianne para promover sua busca pelo poder e, deste modo, atingira o coração da família Mikaelson.

Ninguém podia atacar o povo de Elijah e simplesmente se safar.

— Ataquem! — gritou ele a suas forças. — Que nenhum deles saia desta praça!

Os vampiros investiram, e os bruxos saltaram para lhes fazer frente. Grunhidos e gritos se elevaram no ar noturno silencioso. Elijah arrancou o coração quente e escorregadio do primeiro *mort-vivant* que pôde alcançar e o ergueu, ouvindo o grito animado dos vampiros a sua volta.

Houve um forte clarão, e algo o atingiu de lado. Ele se soltou e voltou a ficar de pé, notando o imenso trecho queimado a seus pés. Girou o corpo e viu Lisette que também levantava-se do chão, espanando as roupas sem nenhum sinal de ferimento.

Lily deixou que outra bola de fogo crescesse entre suas mãos e sussurrou seu feitiço. Apontou o segundo projétil diretamente para a ruiva alta, que estava distraída demais com um grupo de outros três bruxos para notar.

Elijah mergulhou para empurrar Lisette ao chão, e o feitiço passou por cima da cabeça dos dois, batendo em um grupo de bruxos. Os três explodiram em chamas, tão queimados que ficou evidente que o fogo que os consumira não era comum. Lily lançava algo muito mais poderoso e perigoso.

— Precisamos nos livrar dela — rosnou Lisette, rolando e assumindo uma posição agachada.

Outro vampiro — um vagabundo de olhos azuis que Elijah lembrava-se vagamente de ser apaixonado por sua irmã — levou uma das bolas de fogo no peito, e seu grito penetrou o barulho do caos à volta. Passaram-se o que pareceram minutos enquanto o fogo sobrenatural o consumia, queimando a carne até os ossos. Em instantes, não restava nada dele... E Lily já preparava outra bola de sua potente magia entre as mãos.

Elijah avançou, tentando alcançar Lily antes que ela lançasse seu próximo assalto, mas a luta parecia mais acirrada em volta dela. Cada passo que ele dava o colocava diante de mais *morts-vivants* e mais bruxos portando estacas e feitiços. Ele bateu e atacou, mas não parecia haver um jeito de avançar.

Feitiços letais faiscavam pelo ar, e Elijah sabia que a mira de Lily era desvairada e descontrolada. Seu fogo queimava igualmente combatentes de ambos os lados, destruindo bruxos, vampiros e um número considerável de sebes bem cuidadas.

Um feitiço especialmente enviesado atingiu um estábulo próximo à margem da praça, e este se acendeu como uma tocha na escuridão. A madeira em chamas se partiu e caiu, e, pelo canto do olho, Elijah viu a casa ao lado começar a arder. Lily queimaria toda a cidade se não tivesse cuidado... E ela não mostrava sinais de que teria.

Uma taberna do outro lado pegou fogo e os dois pontos de clareira começaram a avançar um para o outro, cercando a praça em chamas.

- Sua mãe se envergonharia de você! rugiu Elijah, e Lily enfim se virou para ele. Ela gostava da situação, rejubilando-se na morte e na destruição que provocava. Lançou um feitiço rapidamente, quase com petulância, imolando dois vampiros junto com um bruxo morto-vivo.
- Minha mãe morreu no pântano rebateu Lily com desdém, e ele conseguiu ouvi-la mesmo com o barulho da batalha, como se eles

estivessem a sós na praça vazia. — Aprendi tudo que ela tinha a ensinar e um pouco mais, mas não desejo seguir seu exemplo.

Ela atirou o fogo para Elijah, e ele se esquivou, aproveitando para se aproximar no momento em que Lily estava distraída, lançando a magia. Somente alguns defensores os separavam agora.

Uma *mort-vivant* se agarrou a suas costas, segurando-o pela camisa e tentando passar o braço pelo pescoço. Depois se contorceu e deu um solavanco, soltando-o com a mesma rapidez com que o apanhara.

— Vá — rosnou Lisette, o braço coberto do sangue da criatura morta, seu coração quente e vermelho na mão. — Vamos mantê-los longe de você.

Apesar do generoso verbo no plural, ela era a única vampira na vizinhança. Ao que parecia, porém, Lisette bastava. Elijah derrubou outros dois bruxos que se colocavam entre ele e Lily.

- Eu lhe darei mais uma chance rosnou ele, quando a alcançou. Não podia matá-la, não com o feitiço que ainda a ligava a Klaus. Mas podia distraí-la e criar uma abertura a fim de deixá-la inconsciente. Klaus ficaria indignado, mas teria de entender. Pense em sua honra, Lily, a honra de toda a sua espécie. A memória de sua mãe merece coisa melhor do que esta crueldade. Elijah sentia as ondas do calor que emanava das mãos de Lily, mas ela não as aproximava. Lily sabia que estava em segurança, mesmo que seu exército morresse ao redor.
- Não me importa a *honra*. Ela sibilou. O que me importa é recuperar esta cidade, e é exatamente o que pretendo fazer. Custe o que custar.
- Metade de *sua* nova cidade está em chamas disse ele —, você nem mesmo percebe que é só quando estamos lutando que não parece haver Nova Orleans suficiente para nós dois?

Ela riu com amargura.

- Quer dizer que desde que fiquemos satisfeitos debaixo do comando de sua espécie ou dos lobisomens, tudo ficará bem. Não é o que penso.
- Sempre que você tenta tomar o poder, veja o que acontece observou ele. Ele precisava derrotá-la, mas o fato era que *queria* apelar a seus sentimentos. Não podia olhar para Lily sem ver o rosto da mãe, e a mãe tinha sido amiga de Elijah. Não pode governar esta cidade sem arrasá-la completamente.
  - Antes acabada do que sua. Ela deu de ombros e sorriu.

Elijah avançou de um salto, mas era tarde demais. Com uma pressão repentina no ar a sua volta, Lily desapareceu.

Como se algum sinal fosse transmitido entre eles, os *morts-vivants* começaram a se afastar pelas ruas, desaparecendo em meio às construções em chamas. Junto com o ronco do incêndio, Elijah ouvia o bater de cascos e vozes aos gritos, e percebeu que os humanos chegavam para apagar o fogo.

Enquanto Elijah se virava para seguir seus vampiros de volta à casa, quase tropeçou em um corpo prostrado que jazia metade para dentro da fonte. O cabelo brilhava num dourado avermelhado com as chamas, e Elijah amaldiçoou a falta de cuidado que teve.

Lisette certamente aguentara muito coisa, mas pelo jeito havia lutado com mais de uma dúzia de bruxos enquanto ele trocava ameaças com Lily Leroux. Ela se mexeu enquanto ele a levantou, debatendo-se às cegas, embora seu coração estivesse tão fraco que ele mal conseguia ouvi-lo.

— Por enquanto a batalha acabou — disse ele, contendo gentilmente suas mãos até que os olhos cinza de Lisette conseguiram focalizar seu rosto.

A notícia de que Lily escapara podia esperar. Lisette fizera o possível e o impossível para que Elijah derrotasse a bruxa obcecada pelo poder, e ele podia imaginar o que ela teria a dizer quando soubesse que ele não conseguira. Ansiava por ver Lisette recuperada e o repreendendo pelo seu fracasso.

Era hora de ir embora. A praça estava tomada de cadáveres, e não havia nada a ser feito. Ele chamou os vampiros mais próximos e sinalizou a retirada. Precisava de um novo plano, e suas opções se esgotavam. Suas forças estavam muito enfraquecidas, entretanto os bruxos só pareciam ficar mais fortes sempre que entravam em combate. Elijah precisava de reforços, e só havia um lugar onde procurar.

Não havia amor entre os vampiros Originais e os lobisomens. Mas o bando de lobisomens também nunca tivera muito afeto pelos bruxos. A trégua inquieta entre esses clãs era repleta de reveses e traições, muito antes de o furação dos bruxos destruir o lar dos lobisomens e selar seu exílio.

Agora que Rebekah havia confessado estar por trás do envenenamento, parecia que os lobisomens ainda não tinham escolhido um lado na guerra de Lily. Mas todo mundo queria alguma coisa e Elijah tinha muito a oferecer aos novos aliados.

Elijah se virou, com Lisette ainda nos braços e sua cabeça tombada no peito dele. Ela logo estaria melhor, ele sabia, mas por enquanto ele a carregava, cuidadosamente.

Elijah não tinha a menor intenção de fazer aos lobisomens uma só gentileza que fosse, e sabia o que Klaus diria a respeito dessa ideia. Mas conter Lily e sua espécie era de suma importância. Se para salvar a cidade da loucura de Lily fosse necessário fazer amizade com velhos inimigos, era exatamente o que ele faria.

Durante décadas, Klaus tivera apenas um pesadelo recorrente. Ele rolava na cama para Vivianne, procurando por ela, e nada encontrava além dos lençóis frios e amarrotados. Sempre procurava por ela, e Vivianne estava sempre fora de alcance.

Por um momento ele pensou estar sonhando mais uma vez — uma cama vazia era só mais um pesadelo do qual ele acordaria se continuasse procurando. Suas mãos deslizaram às cegas pela coberta fria, tentando encontrar a curva quente de seu corpo. Mas os gritos eram novidade e, quanto mais tempo duravam, mais desperto Klaus se sentia.

Os gritos eram reais, ele percebeu, e Vivianne não estava em nenhum lugar por ali. Não era só a cama; todo o chalé parecia frio e vazio sem ela. E alguém gritava.

Ele correu à praia escurecida e as viu imediatamente. As duas mulheres que lutavam na areia lhe eram tão familiares que por um momento Klaus pensou estar de fato sonhando. A irmã nunca apareceu em seus sonhos, mas, em todos esses pesadelos, tudo que podia ser imaginado se colocava entre ele e Vivianne. Rebekah bateu em Vivianne com tanta força que sua cabeça foi jogada para trás, e Klaus viu o sangue na pele frágil da esposa. A briga desigual o ofendeu até a alma: a imortalidade invulnerável de Rebekah colocada contra uma mulher que ficara mais tempo morta do que viva. Era injusto e, pior do que isso, era *maldade*. Klaus sempre teve a capacidade de adotar e abandonar o ódio a seus irmãos, mas não conseguia se lembrar de ter sentido tamanho desdém pela irmã.

Ele atravessou a areia molhada num piscar de olhos e jogou Rebekah para trás, impondo a maior distância possível entre a irmã e Vivianne. Esta parecia incólume, mas chorava histericamente e se agarrou a ele.

— Mas que raios você fez? — Klaus exigiu saber ao se virar para Rebekah.

Ela estava imóvel numa posição meio agachada, mas parecia pronta para pular nele. Não bastava que ela tivesse conspirado com Elijah para estragar seu casamento, ela também tinha que persegui-lo para arruinar sua lua de mel? Era baixo, até mesmo para Rebekah.

- Esta não é Vivianne rosnou Rebekah, mas ficou onde estava. É outra coisa, algo sobrenatural.
- *Todos nós* somos "algo sobrenatural" zombou Klaus. Ele se posicionou entre as duas mulheres, com Vivianne a suas costas. Os pelos de sua nuca se eriçaram, e ele amaldiçoou Rebekah por tentar plantar dúvidas em sua mente. Sei o que você e Elijah fizeram, minha querida irmã, e você não terá de se preocupar em ver a mim e minha noiva "sobrenatural" na cidade tão cedo. Não tolero traidores.
- Elijah? Rebekah endireitou um pouco o corpo, tirando a areia molhada das saias. Elijah não tem nada a ver com isso. Você é muito paranoico, Klaus... Foi um *trote*. Um trote idiota que saiu de controle e me arrependo disto. Mas depois de feito, eu vi...
- Um *trote*? Klaus pensou ter esgotado as profundezas da fraca capacidade crítica de Rebekah, mas ela conseguia surpreendê-lo constantemente. Quer dizer que foi *divertido* nos envenenar em nosso próprio casamento?
- Não envenenei nenhum dos dois observou ela, torcendo o cabelo dourado e solto em um nó molhado na nuca. Vivianne se remexeu um pouco, e Klaus desejou poder ficar atento às duas sem colocar Viv em perigo. Por que, afinal, ela saíra da cabana e por que ele não conseguia refrear aquela inquietude desagradável? E vim aqui em parte para me desculpar. Mas...
  - Mas nada interrompeu Klaus.
- Não parecia que ela queria se desculpar quando me atacou resmungou Vivianne, e a leve mágoa em sua voz o deixou ainda mais furioso.

Ela confiara em Rebekah. Pensara estar ganhando uma nova família em substituição àqueles que lhe deram as costas. E, em vez disso, Rebekah a usara para agir contra ele, para fazer Klaus pagar por alguma queixa insignificante que ela imaginou ter contra ele. Sua traição a Vivianne era

ainda pior do que a ele, porque pelo menos Klaus devia conhecer Rebekah o suficiente para saber o que estava por vir.

— Ela correu para fora da cabana gritando — disse Rebekah a ele, num tom baixo e urgente, como se entendesse que a maré virava contra ela. — Ela bebeu sangue no casamento quando ninguém estava olhando e implorou agora há pouco que a matasse.

Será que Rebekah realmente acreditava que Vivianne queria morrer mais uma vez? Elas haviam ido para a água por algum motivo antes de continuarem a briga na areia. Será que a irmã tentara afogar o amor de sua vida enquanto ele dormia a poucas centenas de metros?

— Ela insiste em dizer essas coisas — sussurrou Vivianne. — Não sei do que ela está falando.

Parecia que Rebekah ia explodir de raiva. Ela arremeteu, derrubando Klaus de lado para agarrar Vivianne pelos ombros finos e trêmulos.

- Diga a ele! gritou ela, e Vivianne se encolheu. Diga a ele o que você fez, o que você disse!
- Por favor sussurrou Vivianne, e Klaus meteu o punho na têmpora de Rebekah. Ela se afastou, mas não desistiu.
- Há quanto tempo você me conhece, Niklaus? O rosto bonito de Rebekah era uma máscara trágica de decepção e desespero. A vampira tinha coragem, tentando tirar proveito da longa história dos dois juntos, como se fossem lembranças familiares felizes. Eu jamais o trairia desse jeito. Estou tentando *ajudá-lo*.

Vivianne chorava ao lado de Klaus, os braços pálidos envolvendo o corpo como se pudessem protegê-la do próximo ataque. Mas isso não seria necessário — era para isso que ela o tinha.

- Você espera se valer de um vínculo que jamais partilhamos para me convencer de que minha mulher não é quem penso que seja? A única que me traiu ultimamente foi você, Rebekah, caso tenha se esquecido.
- O trote foi idiotice concordou ela, com o queixo empinado, obstinada. E peço desculpas, mas não posso me arrepender inteiramente dele, Niklaus, porque, enquanto todos estavam envenenados, enfim vi a verdadeira natureza de Vivianne.
- Já basta vociferou ele. Era ridículo demais. Beber sangue, implorar pela morte e a lógica falaciosa que de algum modo buscava justificar os atos

pavorosos de Rebekah; era como se ela acreditasse sinceramente ter salvado a todos com suas brincadeiras infantis.

Para ser justo, ocasionalmente ele tinha suas próprias dúvidas: não sabia se Vivianne era tão íntegra e forte como queria fazê-lo acreditar. Mas isso era natural, nada comparado ao desastre alarmante que Rebekah queria fazer parecer.

Vivianne estremecia na brisa fria que soprava do mar. A maré recuava, e a cabana parecia estar a quilômetros dali.

Rebekah quase havia alcançado Vivianne quando ele a viu se aproximar e, antes que ele pudesse alcançá-la, ela sumira novamente, arrastando a noiva para as ondas. Vivianne gritou, mas Rebekah não cedeu.

— Diga a ele — ordenou ela novamente, mergulhando a cabeça de Vivianne na água. Ela surgiu ofegante, e Rebekah a mergulhou de novo. — Sei que você se lembra. Diga a ele o que disse a mim!

Klaus sentiu a fúria cega dominá-lo enquanto entrava no mar.

— Eu não sei — Vivianne estava confusa, cuspindo água do mar, as mãos tentando afastar a água. — Eu não sei!

Inacreditavelmente, Rebekah ainda não estava satisfeita, mas Klaus já vira mais do que o suficiente. Enfim as alcançou, segurando Rebekah pelo nó do cabelo, rígido da água salgada, e arrastando sua cabeça para trás. Ele mordeu seu pescoço exposto, as presas rasgando a pele e deixando um buraco ensanguentado no meio de sua traqueia.

Isto não a mataria, mas por ora ela ficaria imóvel, caída de costas, flutuando nas ondas como madeira. Ele só precisava de tempo para tirar Vivianne dali, ir a algum lugar em que a irmã louca não pensasse em procurar por eles. Havia sido tolice ir para a cabana, mas ele não cometeria o mesmo erro duas vezes.

Ele carregou Vivianne com delicadeza, aninhando seu corpo contra o peito. Ela o olhava fixamente, seus olhos negros fundos como o próprio mar.

Eles estavam a meio caminho da cabana quando Klaus ouviu se alterar o padrão de quebra das ondas, uma perturbação em seu ritmo que o alertou bem a tempo. Klaus colocou Vivianne cuidadosamente de pé e se virou para fazer frente ao ataque renovado da irmã. Seu pescoço ainda era uma massa ensanguentada, e ela não podia falar. Os olhos azuis-escuros estavam cravados em Vivianne, como se seu único propósito na vida fosse destruir o que ele mais amava.

Como se ela tivesse qualquer chance de alcançar sua esposa.

Rebekah engasgou com a água do mar. Estava boiando, virada para cima, jogada por cada onda que passava. Sentia o gosto do próprio sangue misturado com o líquido salgado. Klaus já poderia estar fugindo, levando Vivianne a um novo esconderijo. Ela não podia deixar que fossem embora.

Com esforço, seus pés encontraram a areia remexida abaixo da água e ela se obrigou a correr.

Klaus se virou quando Rebekah estava apenas a alguns passos de Vivianne, e ela viu o clarão de suas presas pouco antes de caírem para rasgála. Ele mirou no pescoço, tentando reabrir a ferida. Ela se deslocou e girou o corpo, de modo que as presas dele afundaram inofensivamente em seu braço. Ela continuou a rodar, metendo um forte pontapé que teria liquidificado os órgãos internos do irmão se ele fosse humano.

Enquanto cambaleava para trás, ele levou um pedaço do braço dela. Vivianne gritou como a donzela em perigo que fingia ser, e Rebekah sentiu que seu pescoço se curava o bastante para recuperar a voz.

- Como você... não vê... o que ela está fazendo? Ela exigiu saber, esquivando-se do próximo ataque de Klaus e usando o ímpeto dele para jogá-lo no chão. É esta flor... delicada... a Viv por quem você se apaixonou? Ela está manipulando você... seu idiota.
- Não se atreva a pronunciar o nome dela rosnou Klaus, erguendo-se mais rápido do que os olhos de Rebekah podiam acompanhar. Você tentou matá-la.
- Tentei fazê-la falar argumentou Rebekah, o pescoço quase íntegro novamente. Não quero que ela... morra antes de sabermos o que está fazendo aqui.

— Ela está aqui *por mim* — gritou ele, simulando atacar a cabeça de Rebekah e passando-lhe uma rasteira nas pernas.

Rebekah caiu com força na areia, lutando para se levantar antes de ser alcançada por Klaus, que tinha as presas estendidas de novo. Por um momento, ela se lembrou da briga dos dois na mansão, antes de ele ter jogado esse mal sobre eles. Ela ficara colérica, e ele estivera irracional demais. Parecia tanto tempo atrás. Haviam brigado como irmãos naquela ocasião, mas agora lutavam como inimigos.

Rebekah avaliou os olhos do irmão, depois reprimiu um grito quando ele arrancou um de seus polegares. Ela jogou areia na cara dele com a mão ilesa — um truque infantil, mas eficaz. Deslocou o ombro de Klaus com um estalo profundo e satisfatório, depois o jogou o mais longe que pôde. Assim que ele foi lançado ao ar, ela arremeteu para Vivianne, que levantou as mãos em um gesto inútil de defesa pessoal.

— Diga a verdade a ele — ordenou ela, a influência enchendo sua voz. — Conte a Klaus o que você é.

Vivianne tomou uma golfada de ar, como se Rebekah a estivesse mergulhando na água novamente.

— Eu sou Vivianne Lescheres Mikaelson — responde<br/>u ela, indefesa. — É só o que eu sei.

Klaus jogou-se com tudo nas costas de Rebekah, arrancando o ar de seus pulmões enquanto eles caíam juntos no chão. Rebekah rolou a tempo de ver o lampejo de prata na mão dele e perceber o erro que cometera. É claro que Klaus trouxera suas adagas para a lua de mel.

A adaga queimou ao ser enterrada no lado esquerdo de seu peito, e Rebekah sentiu as lágrimas se formando nos olhos. Só o que ela sabia é que tinha falhado e agora o que quer estivesse se escondendo no corpo de Vivianne estava livre para fazer o que quisesse.

— Está cometendo um erro — sibilou ela ao irmão, e ele torceu a adaga mais fundo em seu coração.

A escuridão chegava, exatamente como Rebekah se lembrava.

— Você perdeu o jeito, minha querida irmã — disse ele. — Talvez algum tempo afastada ajude a clarear sua cabeça.

A cara de Vivianne entrava e saía intermitentemente em foco.

— Você merece o que está por vir— sussurrou Rebekah com o que restava de suas forças.

O rosto dos dois escureceu e sumiu. A praia havia desaparecido, junto com a cabana e o barulho do mar. Só o que restava era Rebekah. E então, em mais um instante, não havia nada.

— Ainda penso que você deve pedir reforços — disse Lisette, apoiando o pé na lateral da mesa de Elijah. Seus ferimentos da batalha haviam sido ainda piores do que ele pensara.

Como qualquer vampiro, ela se curara rapidamente, porém Elijah ainda se via observando-a, verificando, maravilhando-se com sua força, como se já não tivesse visto milhares de vezes a mesma recuperação sobrenatural.

— Levar um exército de vampiros para encontrar um exército de lobisomens mais provavelmente criará uma guerra, não uma aliança — discordou Elijah.

Lisette riu, jogando o cabelo louro arruivado atrás dos ombros. Elijah viu-se encarando-a novamente. Ainda podia vê-la deitada e sem vida em seus braços e ele queria substituir cada fragmento desta lembrança pela visão dela agora, vibrante, cheia de vida e energia.

- Cada vampiro daqui obedece a suas ordens ela lhe garantiu. Ninguém causaria problemas. Eles simplesmente ficariam lá. Causando uma... impressão.
- Eles seriam intimidantes disse Elijah. Os lobisomens não querem ser massacrados por uma força mais poderosa. Vão querer ter certeza de que suas vozes serão ouvidas.
- Bem, então, se você acredita tanto nisso, deixe o exército em casa. Mas deve pelo menos levar uma pessoa para lhe dar apoio. Eu, por exemplo. Ela sorriu, erguendo as sobrancelhas claras para tornar seu rosto especialmente inocente.

Elijah sorriu, mesmo a contragosto. Ele adoraria a companhia de Lisette na visita aos lobisomens, mas não conseguiria se concentrar com ela,

presente. Quando ela corria perigo, Elijah não conseguia pensar em mais nada.

Ele se levantou num impulso e se inclinou para lhe dar um beijo na testa. Quando voltou a se erguer, ela o olhava fixamente, seus olhos cinza ainda maiores do que nunca pela surpresa.

— Não botarei você em perigo nessa missão — disse ele com firmeza. — E preciso de você aqui para cuidar de tudo enquanto estou fora. — Ele não esperava que Klaus e Vivianne voltassem tão cedo, mas estava preocupado por não ter notícia alguma de Rebekah.

Lisette balançou a cadeira para trás e se levantou.

— Pode contar comigo — respondeu ela, como se desejasse dizer outra coisa.

Ele se aproximou mais dela.

— Eu *conto* com você.

Ele tocou levemente seu queixo, virando-o para cima de forma que a boca de Lisette encontrasse a dele. Ela correspondeu ao beijo, levando as mãos às faces de Elijah, mantendo-o próximo dela. Ele não conseguia se lembrar da última vez que um beijo parecera tão natural e ao mesmo tempo tão emocionante. Havia uma calma no constante atrito entre os dois que ele não conseguia explicar. Sentir a boca de Lisette na dele era como voltar para casa.

Ele encostou a testa na dela, sentindo-se mais em paz do que desde muito antes da chegada dos *morts-vivants* ao bayou.

- Fique aqui repetiu ele, mas desta vez como um pedido, não uma ordem.
- Volte logo para casa respondeu ela, e *isso* ele reconheceu como uma ordem.
  - Sim, senhora. Era uma promessa que ele pretendia cumprir.

Os pés de Elijah batiam em silêncio no chão da floresta. Ele se sentia observado ao seguir por entre as árvores, seguido por dezenas de olhos amarelos. Um galho estalou atrás, e ele se virou, cada sentido em alerta. Elijah passou a andar com mais cautela, convencido de que era seguido.

Os lobisomens tinham formado uma pequena colônia no abrigo das árvores, na direção contrária e o mais distante possível do complexo dos

bruxos enquanto mantinham uma distância notável de Nova Orleans. O reino dos lobos Navarro tinha se encerrado, e William Collado era seu novo líder. Isso era motivo de impasse para os Mikaelson, porque Rebekah era responsável pela morte prematura do pai dele. William Sr. comprou uma briga com Elijah na festa de noivado de Vivianne, depois teve o azar de estar disponível quando Rebekah precisou de um bode expiatório para um assassinato sem relação com o caso. Rebekah entregou Collado a Eric, o capitão do exército francês, que torturou e matou o lobisomem sem nem mesmo saber de sua verdadeira natureza.

Era improvável que o filho esquecesse essa pequena parte da história de sua família, mas Elijah estava otimista de que eles podiam superar os ressentimentos. Nenhuma vingança pessoal teria mais peso do que a oportunidade de recuperar parte do que havia sido tomado do bando de William.

Ainda assim, quando veio o ataque, ele foi apanhado de surpresa. Alguém bateu no meio das costas de Elijah e o derrubou antes mesmo que ele ouvisse. Enquanto o punho largo e cerrado do homem se enterrava em sua cara, ele ficou agradecido porque a lua cheia ainda estava a uma noite de distância. Ele viu estrelas enquanto o homem passava uma corda por suas mãos, prendendo-o no chão. Elijah colocou-se de pé numa explosão e enlaçou a corda no pescoço grosso do lobo, puxando com força suficiente para comprimir sua traqueia. Os olhos do grande lobisomem se arregalaram de medo, e Elijah supôs que ele começava a entender que tinha apanhado uma presa incomum. Suas mãos carnudas arranhavam os braços de Elijah; porém, depois que um Original tinha a vantagem, a briga estava encerrada.

O lobo começou a ofegar e caiu, e Elijah o amarrou com a corda, parando a fim de limpar o filete de sangue no canto da própria boca. Elijah se ressentia de ter sido apanhado de guarda baixa — apesar do tamanho, a criatura o atacara com uma velocidade inacreditável.

- O que está fazendo nesta parte da floresta? rosnou o lobisomem. Ele não parecia se importar que um dos vampiros mais poderosos do mundo o tivesse amarrado. Elijah perguntou-se o que exatamente os lobisomens estiveram fazendo na mata do bayou. Parecia que o exílio os deixara mais ousados.
- Tenho assuntos a tratar aqui disse Elijah —, mas não com você. Leve-me a William Collado — ordenou ele. Ele não queria que o lobo

tivesse ideia nenhuma sobre outro ataque surpresa. Não seria bom ter de matar um deles antes de pedir a ajuda dos demais.

Felizmente, o lobisomem parecia ter se fartado de lutar com Elijah, pelo menos por enquanto. Soltou um grunhido irritado, mas concordou com a cabeça.

— Como quiser, vampiro. Mas os assuntos de um lobisomem são assuntos de todos.

Elijah parou para criar efeito e desamarrou o lobisomem. Os lábios grossos do homem estavam crispados de ressentimento, mas ele se virou, com submissão suficiente, para levá-lo pela mata. Quando estava inteiramente de costas, Elijah o ouviu resmungar alguma coisa.

- O que disse? perguntou ele, disfarçando a dureza com um tom leve.
- O lobisomem continuou avançando pelo mato baixo, mas lançou um olhar desdenhoso por sobre o ombro.
  - Eu disse "cuidado com o que deseja" repetiu ele.

Outros lobisomens apareceram enquanto Elijah se aproximava de seu esconderijo, saindo de entre as árvores. Andavam com tal silêncio pelo mato que Elijah jamais teria como saber quantos havia ali. A escolta não estava mais satisfeita em mostrar o caminho num silêncio rabugento.

— Precisará seguir o resto do caminho vendado — anunciou ele, plantando os pés com firmeza no chão e cruzando os volumosos braços. Por mais que isto o irritasse, Elijah tinha de deixar que os lobisomens fingissem que eles eram iguais.

Se esse era o afago no ego que eles precisavam, ele teria de ceder. Mas era melhor que William Collado fosse mais racional que seus subordinados, porque a paciência de Elijah não era infinita.

Ele ficou imóvel enquanto um trapo de algodão era amarrado e cobria seus olhos, sem arriscar qualquer movimento que pudesse estimular um mal-entendido letal. Mãos rudes o empurraram para frente, ajustando sua direção pelo caminho que ele não conseguia enxergar. Mas ele ouvia seu destino, o barulho de lobisomens à frente, em muito maior número do que aqueles que caminhavam a suas costas.

Dois lobisomens o agarraram pelos ombros para impedir que ele avançasse e um deles teve a coragem de empurrá-lo para baixo, como se tentasse obrigar Elijah a se ajoelhar. Ele arrancou a venda dos olhos, enjoado

da farsa. Postou-se no meio de um círculo de lobisomens que carregavam tochas, tão numerosos que apagavam as estrelas.

Havia mais lobisomens ali do que deveria — muito mais. Eles deviam ter recrutado novos bandos desde que deixaram as fronteiras da cidade. O homem que se colocava no meio do círculo era mais novo do que Elijah esperava, e em seu maxilar rígido o vampiro via que ele ainda nutria ressentimentos contra sua família.

— Você nos encontrou, vampiro — reconheceu o jovem líder, num tom grosseiro. O luar brilhava em seus olhos azuis penetrantes. — E agora, o que quer?

Klaus quebrou o pescoço de um guarda e cravou as presas em outro. Estava faminto e colérico. Havia alguns criados correndo pelo pátio, e ele os matou também.

Cravar uma adaga em Rebekah nem de longe satisfizera sua necessidade de destruir... algo. De qualquer modo, Vivianne o obrigara a deixar a irmã para trás. Ele pretendia deixá-la deitada na praia com sua adaga de prata no coração. Com alguma sorte, a maré levaria o corpo para longe. Ela podia vagar nas ondas para sempre, sem o poder de incomodar mais ninguém, a não ser pelo navio ocasional de passagem que talvez precisasse contorná-la.

Mas Vivianne se tomara de compaixão e lhe pedira para reconsiderar. Era doloroso para ele que ela fosse tão clemente, mas esta era a natureza de Vivianne. Ela esperou do lado de fora do portão de ferro da casa de veraneio palaciana, seu vestido largo brilhando sob uma lua quase cheia. Ela parecia um pouco mais magra do que ele se lembrava, seu corpo delicado quase esquálido.

Um guarda atravessou o pátio brandindo uma espada. Klaus a arrancou de sua mão e a usou para matá-lo, assim como dois de seus camaradas, quase como um ato secundário. Enquanto os guardas desabavam no chão, Klaus notou um lacaio cambaleando para o portão aberto. O homem provavelmente só tentava fugir, mas a única saída do palacete por acaso levava a Vivianne, e por isso ele teria de morrer. Ele levou a espada impiedosamente para cima, e um segundo depois ela empalava o lacaio pelas costas.

O proprietário da mansão, o idoso barão de qualquer coisa, estava em sua residência em Baton Rouge e, assim, pelo menos grande parte do palacete estava vazia e não era muito bem defendida. Klaus devia uma lua de

mel a Vivianne e pretendia lhe dar. A primeira havia sido interrompida dramaticamente pelo ataque ensandecido de Rebekah, mas agora tudo isso ficara para trás. Esta seria ainda melhor: um palácio bem no interior de Louisiana.

Ele quebrou os braços de alguém que estava cego demais de fúria para enxergar com clareza, depois não havia mais ninguém para matar. Devem ter ficado alguns criados apavorados escondidos na mansão, mas a influência cuidaria do resto e talvez fosse hora de Klaus recuperar *um pouco* do autocontrole.

Se desperdiçasse toda sua lua de mel dando vazão à fúria, Rebekah venceria.

Ele passou despreocupadamente pelos cadáveres para se reunir a Vivianne, e a pegou nos braços.

- Minha dama disse ele com galanteria —, nosso palacete está pronto para nós. Ele a carregou pela soleira, e ela passou o rosto em seu peito em vez olhar os corpos. Sem dúvida nenhuma ela parecia mais leve do que ele se lembrava, e ele torcia para que houvesse entre os sobreviventes um ou dois cozinheiros. Vivianne precisava descansar, alimentar-se, ter segurança e amor, e ele pretendia providenciar tudo isto em doses generosas. Ele a baixou no saguão dourado.
- Enfim, sós. Ela sorriu, embora a expressão não chegasse aos olhos.
   Pelo menos por enquanto. Klaus, seremos perseguidos aonde quer que estejamos.

Ele não deveria ter contado que os *morts-vivants* estavam atrás dela — isso a preocupava.

— Sempre admirei este lugar — revelou Klaus, recusando-se a ser arrastado para aquela linha de raciocínio mórbida. — Nunca tive um motivo para tomá-lo, mas já faz anos que penso nele como um lugar aonde adoraria trazê-la um dia.

Ela enfim olhou à volta, observando os lindos mosaicos e as arcadas graciosas. Cada centímetro da mansão havia sido usado para tornar o lugar ainda mais impressionante; o barão tinha muito dinheiro e nenhum instinto de moderação. Sua casa de campo era de uma elegância hedonista, e Klaus ansiava por passar alguns dias e noites muito agradáveis sob seus tetos com afrescos.

— Nunca vi um palácio igual — admitiu Vivianne. — Tinha esperanças de viajar a um deles quando me casasse, mas... — Ela se interrompeu, parecendo confusa, como se sua nova vida estivesse se sobrepondo à antiga de tal maneira que ela não conseguia distinguir uma da outra.

Ele não pensara muito no antigo noivado desde a explosão de pólvora que levara Armand Navarro consigo. Magoava um pouco que Vivianne ainda se lembrasse dele como o homem com quem um dia ela pretendeu se casar. Armand era provinciano demais para verdadeiramente satisfazer uma mulher como Vivianne. Havia sido um caipira rematado, já aliado da ridiculamente pequena esfera de influência de sua família.

— Bem — respondeu Klaus, segurando a mão de Vivianne e a levando por um corredor ladeado de colunas —, agora você está casada e podemos ir aonde você quiser. Este palacete foi baseado em um palácio particularmente espalhafatoso no sul de Mallorca, e podemos ir lá depois e comparar os dois.

O riso de Vivianne soou musical pela extensão do corredor.

— Por que somente lá? — provocou ela. — Pelo que vi agora há pouco, podemos conquistar o mundo.

Klaus passou o braço por seus ombros magros e a puxou para mais perto, um gesto carinhoso que pretendia esconder a preocupação em seu rosto. Vivianne jamais fora sedenta por sangue; a violência no mínimo a repugnava. Até ele admitia que tinha se deixado levar no pátio e, entretanto, ela não parecia nem um pouco perturbada. Simplesmente ficou lá, olhando, e agora parecia disposta a fazer tudo de novo.

Ela bebeu sangue, alegou Rebekah, e me pediu que a matasse. Vivianne escondera o rosto da visão dos cadáveres do lado de fora, mas antigamente a mera ideia deles a teria assombrado continuamente. Ela teria insistido em um sepultamento, ou pelo menos uma pira funerária, e teria feito Klaus jurar que sua próxima residência seria paga numa moeda mais tradicional. E se ela não *estivesse* bloqueando a vista dos corpos? E se ela estivesse, na verdade, escondendo algo de Klaus?

Era ridículo, e ele xingou em silêncio a irmã por plantar essas dúvidas em sua mente.

— Se é o mundo que você quer, Viv, basta pedir e ele será seu — disse ele à esposa, perguntando-se se a nova Vivianne, levemente desconhecida, aceitaria a oferta, quando a antiga jamais o faria.

— Se eu estiver com você, o mundo pode ficar por conta própria — respondeu ela, e ele sentiu relaxarem músculos que nem percebera que estavam tensos.

Ela voltara havia menos de um mês, depois de mais de quarenta anos do Outro Lado. O que mais se poderia esperar dela? Se ela havia sido transformada pela morte, quem poderia culpá-la? Certamente não significava que havia alguma coisa *errada*.

Klaus ouviu o estalo suave de uma porta se fechando em algum lugar pelo corredor, e entendeu que os criados ficavam curiosos a respeito dos novos ocupantes do palacete. Ele os devia estar perseguindo um por um, para impor sua influência a eles como um jugo, evitando que alguém tentasse fugir ou mandasse notícias a seus irmãos. Mas não parecia certo deixar Vivianne sozinha.

— Apareçam — ordenou ele. — Mostrem-se se quiserem viver. — Depois de um minuto, alguns humanos desgrenhados saíram de trás da porta fechada. Um deles estava ferido, sangrando por um curativo sujo no braço. Não podia ser do ataque de Klaus no pátio, porque todos aqueles estavam mortos. Talvez ele simplesmente tivesse se machucado por coincidência naquele mesmo dia. Pelo canto do olho, ele viu Vivianne olhando fixamente o ponto de sangue carmim, como se fosse a única coisa que conseguisse enxergar. Ela estava pálida e abatida, quase como se fosse desmaiar.

Klaus tentou afastar o pensamento, sem olhar para ela deliberadamente. Precisava se concentrar na influência dos criados para que cumprissem suas ordens, trouxessem comida para sua mulher e preparassem uma cama para ela. Viviane precisava descansar e se recuperar, era só isso. E, se eles não se apressassem e ajudassem, podiam se juntar aos amigos no pátio. Na verdade, Klaus decidira que seria mais eficiente deixar os cadáveres ali durante a noite. Serviria de lembrete a todos de que haveria consequências para quem se colocasse entre ele e qualquer coisa — absolutamente qualquer coisa — que Vivianne Mikaelson desejasse.

A primeira coisa que Rebekah fez foi apalpar o corpete do vestido, procurando pela adaga que a mandara para as trevas. Mas, lentamente, as trevas refluíam — a adaga sumira. Ela não sabia quem a retirara ou quanto tempo havia se passado... Se segundos ou séculos.

Mas ainda estava na mesma praia e a lua parecia quase cheia. Rebekah sentou-se e estremeceu quando a cabeça rodou violentamente. Pensou que vomitaria. Sentia o sangue voltar a circular, no início lento, depois o bastante para aquecer as mãos e pés gelados. Ela esfregou os braços expostos, tentando sentir a temperatura do ar. Tudo ainda parecia frio, mas Rebekah estava certa de que o frio era somente dela. À medida que os sentidos lhe voltavam, ela percebia a areia grossa e o barulho das ondas deslizando pelo mar.

A água estava mais calma do que na noite em que Rebekah havia sido apunhalada, e a maré era tão alta que quase batia em seus sapatos. Quarenta e quatro anos atrás ela escolhera esta área porque era vazia e isolada, e, nesse tempo todo, o lugar não mudara muito. Ela se perguntou quanto tempo ficara deitada ali até que alguém notasse uma mulher com uma adaga no peito. Mas onde estava esta pessoa... e a adaga? Certamente Klaus não a teria retirado antes de fugir com sua noiva monstro. Ele parecia incrivelmente resoluto na luta com Rebekah, e o remorso não fazia o estilo dele.

A essa altura ele estaria bem longe, independentemente do tempo que Rebekah ficara inconsciente. Sua prioridade máxima seria proteger Vivianne de qualquer um que pudesse obrigá-lo a enfrentar a verdade sobre o mal à espreita na esposa. Ele havia apunhalado a própria irmã por ela. A coisa dentro de Vivianne jamais precisaria de outro aliado enquanto tivesse Klaus... E talvez o objetivo fosse exatamente esse.

A cabeça de Rebekah martelava, e ela estava faminta. Havia uma aldeia de pesca não muito longe dali, mas a ideia de se arrastar até lá lhe pareceu opressiva. Até ficar de pé era um desafio para o qual ela não se sentia inteiramente preparada, mas esperar algo melhor não a deixaria menos faminta. Devia ser assim com os humanos, ela se lembrava vagamente, fraca e lenta.

Ela se obrigou a levantar, limpando as mãos e sacudindo o vestido. Era inútil — o tecido estava manchado de areia e sal, mas não havia sinal de podridão ou do sol, nada que sugerisse que tivesse se passado mais do que, no máximo, alguns anos.

Rebekah suspirou e se arrastou para a cabana, o que parecia um bom começo. Estava deserta, mas a ruína e a decadência não tinham se estabelecido. Quanto maior o tempo desperta, mais certeza tinha Rebekah de que só haviam se passado alguns dias. Tudo parecia praticamente o mesmo, e até *a sensação* era a mesma. Klaus e Vivianne não deixaram nada para trás quando fugiram, mas Rebekah ainda podia sentir um vestígio deles, como o cheiro de tinta a óleo seca e lilases murchas.

Além disso, certamente Elijah teria procurado por ela, caso ela se demorasse demais. Ele teria construído um caixão para ela, de modo que ela adormecesse ao lado de Kol e Finn. Elijah era um irmão leal e carinhoso, ao contrário de outros que ela nem podia mencionar.

Mesmo depois de apenas alguns dias, Rebekah sabia que o rastro de Viviane e Klaus já teria desaparecido. E não havia motivos para pensar que ela teria mais sorte confrontando os dois pela segunda vez do que teve na primeira, em particular porque a adaga de prata que a derrotara não estava à vista em lugar nenhum.

Klaus, porém, não era o único que podia ajudá-la, percebeu Rebekah. Havia outra pessoa que saberia exatamente qual era o problema de Vivianne e como corrigi-lo. Os bruxos — a bruxa — que tinha trazido Viv de volta tinha muito que responder, e Rebekah decidiu que era hora de fazer uma visita a Lily Leroux.

Ela saiu do pequeno chalé, batendo a porta com um baque satisfatório. Era hora de um recomeço, um novo rumo.

Rebekah tomou a direção de Nova Orleans, numa rota sinuosa para evitar as áreas mais povoadas, mas sem sair das vias principais. Não tinha vontade de confrontar uma multidão em seu estado enfraquecido, no

entanto um ou dois viajantes solitários seriam o tipo de companhia que ela precisava nesta jornada.

Ela pegou um homem em uma encruzilhada, aquecendo as mãos em uma pequena fogueira. Ele teve o senso de se retrair ao vê-la, embora a maioria dos humanos não fosse tão cautelosa. Continuar jovem e linda para sempre tinha suas vantagens, e Rebekah acostumara-se a ser bem recebida aonde quer que fosse. O homem deu um salto e estendeu uma cruz de madeira rudimentar na mão trêmula. Os *morts-vivants* devem ter espalhado o medo e a desconfiança pelo interior.

- Para trás, demônio! gritou o viajante, e Rebekah sorriu.
- Pode baixar isso, meu bom senhor disse ela num tom agradável. —
  Não sou o tipo de criatura que teme tais coisas.

O homem relaxou, e Rebekah chegou a ele num piscar de olhos, suas presas se estendendo para o pescoço queimado de sol. O sangue do homem tinha o gosto do céu, do vento que sopra em um campo aberto. O calor dele a aqueceu, e ela sentia as forças que fluíam dele retornando a seu corpo.

- William Collado Elijah cumprimentou o líder dos lobisomens, mantendo o tom educado. Lamento que só agora estejamos nos conhecendo.
- Fique longe de nós! rosnou um lobo da multidão, mas William o silenciou com um olhar firme.
- Não sentimos falta da atenção de sua espécie respondeu ele depois que o silêncio caiu novamente. — Você poderia ter ficado longe por mais tempo, mas suponho que agora seja conveniente para você estar aqui, como não o foi antes.
- É conveniente para todos nós corrigiu Elijah. Surgiu um perigo que ameaça sua espécie, assim como a minha. Destruirá a cidade se não nos unirmos para impedi-lo.

William riu, provocando arrepios pela coluna de Elijah.

— Fere seu orgulho, Mikaelson? Saber que vocês não são os únicos mortos-vivos andando por esta mata?

Então eles sabiam dos *morts-vivants*. Mas William não parecia particularmente preocupado com o perigo que rondava suas terras. Nem o resto de sua espécie, que sorriu com malícia e revirou os olhos para o vampiro.

- Os bruxos foram longe demais disse Elijah, elevando a voz para superar os cochichos e risos que ondulavam pela multidão. Eles se deixaram desencaminhar por uma louca que gostaria de ver toda a cidade morta.
- Pelo que sei, os asseclas dela só pegaram humanos, embora eu veja que conseguiram irritar bem a sua espécie. O plano de Lily Leroux não tem

nada a ver comigo e com os meus, e, assim, não estou certo do motivo de sua visita.

Elijah ignorou a ameaça implícita e olhou nos olhos de William.

— Lily tenta tomar o controle de Nova Orleans. Ela criou os mortos, incendiou a cidade e atacou abertamente meu povo na praça. Ficou inteiramente descontrolada, e será preciso trabalharmos juntos para impedila.

William sorriu, uma expressão sinistra se esgueirou para seus olhos azuis. O sorriso o lembrava de Klaus quando estava em um estado de espírito particularmente perigoso.

- Já parou para se perguntar *por que* eles atacaram vocês, vampiro? perguntou William. Por que atacaram vocês, e não nós?
- Eles *ainda* não atacaram vocês corrigiu Elijah. É só uma questão de tempo. Mas ele entendia aonde William queria chegar e tinha de concordar que o lobisomem tinha certa razão.
- Será uma questão de muito tempo discordou William, seu sorriso desaparecendo com a mesma rapidez com que surgiu. Você mesmo disse: Lily quer poder. Isto significa que sua espécie deixou a minha sem nada que ela queira.

Elijah respirou fundo e soltou o ar, lembrando-se de escolher as palavras com cuidado. Quase todos em Nova Orleans podiam colocar a culpa nos bruxos pela ruína que sofreram em 1722, mas os lobisomens tinham mais de uma mágoa. Os bruxos haviam lhes destruído o lar, mas Elijah e Klaus haviam destruído pessoalmente seu povo.

Seria mais difícil para eles escolherem entre os Mikaelson e Lily do que Elijah supunha. Eles não tinham fundamento em que basear a confiança em um ou outro clã. Suas histórias eram turvas e complicadas, e tinha sido ingênuo imaginar que William Collado deixaria tudo de lado só porque Elijah lhe dissera que era importante.

O grupo de choças pouco além do círculo de lobisomens chamou sua atenção: telhados baixos com telhas de barro. O contraste com a mansão que Rebekah tinha construído era inescapável. Os vampiros haviam prosperado, e, enquanto isso, os lobisomens se amontoaram na noite, escondendo-se nas profundezas da floresta, esforçando-se para reconstruir seu bando dizimado. Não admira que eles não quisessem um acordo com ele agora.

— Eles não os deixarão em paz para sempre — ele avisou William, observando a reação do bando. Só porque os bruxos começavam pela cabeça, não queria dizer que um dia não desceriam ao rabo. — Sua espécie sempre foi uma ameaça formidável aos bruxos desta cidade — improvisou ele —, e eles não se esqueceram disto.

Mas de imediato ele viu que seu discurso caíra em ouvidos moucos. Os lobisomens eram orgulhosos demais. Preferiam se arriscar contra o exército de bruxos a admitir o que Elijah podia lhes oferecer.

William abriu as mãos em uma falsa exibição de impotência.

- Era isto que você queria, não? Ser rei, governar Nova Orleans? Não tínhamos nada a oferecer quando você nos expulsou da cidade que construímos sobre um pântano indomado, e creio que é melhor para nós continuar com este arranjo.
- Está cometendo um erro disse-lhe Elijah bruscamente, perdendo toda a paciência para a diplomacia. Assim que estivermos fora do caminho, Lily atropelará vocês e será tarde demais para impedi-la.
- Vamos descobrir sugeriu uma jovem lobisomem, aparecendo junto ao cotovelo de Elijah com o sorriso sinistro na cara em formato de coração. Ela segurou um dos cotovelos de Elijah, e um lobisomem o pegou pelo outro braço. Ele podia afugentar os dois, mas havia outras centenas atrás deles.
- Levem-no ao poço ordenou William com desprezo. Creio que o rei de Nova Orleans pode se beneficiar de uma noite de reflexão sobre os limites de seu poder. Seus olhos azuis encontraram os de Elijah. Nós nos veremos amanhã à noite, vampiro, à luz da lua cheia.

Era o mesmo sonho mais uma vez, porém dessa feita ele sabia que Vivianne estava de volta a seu lugar de direito. Quanto tempo ele continuaria sendo assombrado pelas noites em que acordava sozinho? Ele só precisava estender um pouco o braço, encontrar a maciez de sua pele...

Klaus enfim acordou plenamente, sentando-se e jogando de lado os cobertores. O quarto estava silencioso, e, quanto mais ele ouvia, mais claro ficava que o palacete inteiro estava igualmente quieto. Vivianne sumira. De novo.

Ele saiu da cama e andou de um cômodo a outro, procurando por ela. O palacete estava inteiramente deserto, e Klaus sentia o medo crescer. Mil hipóteses sinistras faiscaram por sua mente. Ele quase podia ver uma Rebekah vingativa perseguindo Vivianne pelo palacete, e acelerou o passo, correndo para encontrar sua mulher.

Havia um jardim aberto no meio do palacete, tomado quase inteiramente por um espelho d'água coberto de lírios cujas folhas planas e acetinadas e pétalas delicadas e miúdas pareciam espelhar as estrelas. Era o tipo de lugar que Vivianne adorava, cheio de trepadeiras floridas e sombras inesperadas. Klaus estava tão certo de que a encontraria ali que parou por tempo suficiente para examinar o lugar duas vezes. A qualquer momento esperava ver a bainha de sua camisola ou uma mecha de seu cabelo desaparecendo por um canto. Mas o jardim estava estranhamente silencioso, como o resto do palacete. Ele não podia dizer bem o que finalmente voltou seus passos para o pátio da frente, onde as provas do massacre que cometeu ainda jaziam a céu aberto.

Ele viu Vivianne antes que ela o visse. Ela estava no meio das lajes, o cabelo preto jogado pelos ombros como uma mortalha. Na luz forte da lua

crescente, ele viu que suas mãos estavam cobertas de sangue e este escorria pelos braços em riscos. A frente da camisola também estava manchada.

Era fácil localizar a origem do sangue. Vivianne levou um coração aos lábios como uma criança com um bolo roubado, e seus dentes brancos o rasgaram repetidas vezes. Quando acabou, ela seguiu com cuidado até outro cadáver, metendo o punho no peito do homem e retirando o coração.

Pelas condições dos cadáveres a sua volta, Klaus viu que ela já estava ali havia algum tempo. Para onde quer que ele olhasse, havia costelas quebradas reluzentes, meio afundadas pelos buracos que Vivianne cavara a socos por dezenas de torsos.

Quando ela enfim o viu, ele percebeu que a mancha era mais do que apenas sangue. Vivianne chorava enquanto devorava sua refeição horrenda, as lágrimas transformando-se de diamantes em rubis ao deslizarem para a boca.

Klaus queria abraçá-la, puxá-la para perto e dizer que ficaria tudo bem. Em vez disso, ele se viu correndo até ela e derrubando o coração de suas mãos. Estava frio e duro, tendo ficado por tempo demais no peito de um morto. Era nauseante ao toque, que dirá ao paladar.

A percepção de que este caroço fibroso de carne morta tinha apelo a Vivianne, tirando-a da cama quente para a noite aberta, deixou Klaus fisicamente doente. Ela atirou-se no coração, caindo de joelhos em sua pressa para recuperá-lo.

— Pare — exigiu ele, enfim recuperando a fala, embora a voz soasse rouca e irregular aos próprios ouvidos. Ele pegou Vivianne pelos ombros, colocando-a de pé e passando os braços por seu corpo. Era mais para contêla do que reconfortá-la, mas ela vergava e se contorcia. — Viv, por favor! Pare, meu amor.

Ela afastou seus braços com uma força que não poderia ter. Arreganhou os dentes para ele em um rosnado cruel, e, para seu pavor, Klaus sentiu as próprias presas se estendendo. Vivianne virou-se para correr pelo portão de ferro batido que a levaria ao campo, libertando-a para fazer coisas que Klaus tinha medo de imaginar.

Profanar os mortos era ruim o suficiente, mas o quer que ela fosse, o sangue de Vivianne ainda era meio lobisomem. Se ela matasse alguém, mesmo quando não estava em seu juízo perfeito, poderia se transformar na próxima lua cheia e ficar mil vezes mais perigosa.

Klaus xingou a si mesmo enquanto corria pelo pavimento para alcançála. Ele queria tanto Vivianne de volta que não se permitiu pensar no que este retorno *faria a ela*. Selara um pacto diabólico com uma bruxa que não merecia confiança e era responsável pelo que Vivianne havia se tornado. Precisava descobrir um jeito de consertar isso, mas primeiro tinha de contêla.

Ela era mais rápida do que deveria, mas Klaus era ainda mais veloz. Ele a interceptou no portão, e ela soltou um uivo inumano de fúria e frustração.

— Fale comigo — implorou ele, puxando-a pelo braço. — Viv, não importa o que seja, podemos superar juntos. Você só precisa...

Ela bateu em sua cara, e a cabeça de Klaus deu um solavanco para trás com a força do golpe. Era muito mais potente do que a força da loucura comum. Vivianne era uma mulher transformada, mais do que uma bruxa ou mesmo um lobisomem, e quase era páreo para um Original. Ele nem mesmo sabia se ela conseguia ouvi-lo, muito menos responder a ele.

Odiando a si mesmo por tudo isso, ele revidou, na esperança de que pudesse simplesmente a deixar inconsciente e então decidir o que fazer. Mas ela permaneceu de pé, tornando-se ainda mais violenta em sua agitação. Gritava e lutava como uma selvagem, e, por alguns momentos horríveis, ele começou a se perguntar se conseguiria contê-la.

Porém, enfim ela desmaiou contra seu peito, chorando como se o próprio coração estivesse partido, e ele sentiu seu rosto molhado de lágrimas. Ele jurou que Lily teria a mesma infelicidade assim que ele tivesse a primeira oportunidade.

- Isto não é você sussurrou ele, acariciando o cabelo de Vivianne com uma das mãos enquanto a outra prendia seus braços junto do corpo. É algo que está sendo feito a você e é algo que podemos combater.
- Eu não posso. Ela gemeu, enterrando o rosto em seu peito. Estou tentando, Klaus, mas está em mim, abrindo caminho com suas garras. Eu o ouço o tempo todo e à noite... à noite...
- Vai ficar tudo bem disse-lhe ele, virando-a gentilmente de frente para ele.

Ele viu a luz da loucura no meio de seus olhos pretos só um segundo tarde demais, e ela o arranhou no rosto com as unhas antes mesmo que ele pudesse reagir.

— Você não é meu dono — vociferou ela, dando-lhe uma forte cotovelada na barriga e desvencilhando-se de novo de seu abraço relaxado.

Acabava com ele persegui-la, derrubá-la no chão e prendê-la como uma borboleta aprisionada. Parecia que ele a traía de alguma maneira. A mulher por quem ele primeiro se apaixonara ainda estava ali em algum lugar, provavelmente apavorada e desesperada para sair, e só o que Klaus podia fazer era machucá-la.

Não havia dúvida de que ela era um perigo para si mesma, mas Klaus ainda sentia o estômago se revirar com a sensação de seus punhos delicados, seu corpo magro sendo esmagado abaixo do dele. Sentindo a hesitação dele, Vivianne enterrou os dentes tão fundo em seu braço que ele quase pôde ouvir o triturar de osso contra osso. Ele cerrou os dentes e bateu o punho com força em seu rosto, ignorando a sensação do maxilar cerrado de Viviane rasgando a carne de seu braço.

Os olhos de Vivianne rolaram para cima, e seus cílios compridos bateram e se fecharam. Ele não sabia quanto tempo ela ficaria desmaiada e, por mais que quisesse aninhá-la nos braços para sempre, entendia que precisava agir. Ele a levantou, mais uma vez assustado com a leveza de seu corpo. Não era de se admirar que ela não estivesse comendo o suficiente, se vinha sentindo esses anseios sinistros durante todo esse tempo.

Klaus encontraria um jeito de corrigir isso, mas por enquanto precisava mantê-la a salvo de si mesma. Em sua procura, ele encontrou uma adega, uma caverna empoeirada e comprida com uma porta sólida. Carregou Vivianne para a casa e desceu a escada larga de pedra, os ouvidos atentos a qualquer sinal de que eles eram observados.

O medo dos criados lhe servia bem, e eles não foram perturbados em sua viagem ao porão. Quando ele estava no meio da escada, sentiu Vivianne se mexer e um gemido fraco escapou por entre os lábios cor de rubi. Klaus apressou a descida, mas, quando chegou à porta pesada, ela estava mais uma vez desperta.

Seu lamento furioso ecoou na pedra à volta, e ela começou a lutar. De algum modo levou o joelho ao queixo de Klaus e ele a deixou cair sem elegância nenhuma ao pé da escada. Ela rolou e se agachou, de dentes arreganhados e olhos faiscando, pronta para fazer o que fosse preciso para fugir.

Mas desta vez ele não hesitou. O que precisava fazer era horrível, mas era pelo bem de Vivianne, e ele não podia afirmar que a amava se colocasse as próprias suscetibilidades acima da segurança dela. Usou toda sua força para se atirar nela, derrubando-a de costas nas sombras da adega.

Num átimo, ela estava mais uma vez de pé, voltando a ele com as mãos ensanguentadas estendidas, mas ele bateu a porta entre os dois e encaixou a taramela. Sentiu a madeira estremecer enquanto o corpo de Vivianne se jogava ali e, depois de uma breve pausa, sentiu o mesmo novamente. Seu braço latejava onde ela o mordera. A carne já começava a se unir, mas, enquanto isso, a dor era intensa.

Vivianne jogava-se na porta sem parar, no início gritando sua fúria, depois em um silêncio sinistro e determinado. Klaus colocou-se de costas ao lado da madeira grossa, depois se deixou deslizar pesadamente, sentando-se, encostado na porta.

Ainda restava grande parte da noite. Klaus não podia passá-la com Vivianne, mas ele pertencia a ela, como certamente ela a ele, e quaisquer que fossem as barreiras entre os dois, ele não a abandonaria.

Um bruxo atravessou o pântano, e Rebekah separou os juncos para observálo. As descrições anteriores de Elijah tinham sido bem detalhadas, mas ela ainda prendeu a respiração ao ver o bruxo simplesmente sumindo de vista. Não havia dúvida de que este era o local certo, e as respostas que Rebekah procurava começavam exatamente onde o bruxo desaparecera.

Ela foi cautelosamente ao lugar onde ele dera o último passo, mantendose rente ao chão e usando os arbustos como cobertura. Mas os últimos cem metros não lhe ofereciam proteção nenhuma e Rebekah abriu mão da cautela e correu. Sua velocidade a fez atravessar o resto da distância em um piscar de olhos.

Quando o muro de paliçada e a cidade atrás dele surgiram diante de seus olhos, a surpresa quase lhe tirou o fôlego. Mas Rebekah obrigou-se a relaxar e tentar parecer como se pertencesse àquele lugar. Puxou mais para junto do corpo o manto do viajante morto, tentando ignorar o fedor humano impresso na lã. Andou num passo regular, não muito rápido, na esperança de que quem a visse não se desse o trabalho de olhar uma segunda vez.

Rebekah seguiu o telhado de palha da casa de orações, embora não pudesse pisar dentro dela. A luz de velas brilhava pelas janelas, e ela ouvia o murmúrio de vozes em seu interior. Parou abaixo de uma janela, porém Lily e seus bruxos só falavam de suprimentos e estratégia. Poderia levar horas até que mencionassem por acaso qualquer coisa de útil, e mais tempo ainda para Rebekah flagrar Lily Leroux sozinha.

Em silêncio, ela se afastou da casa de orações, vagando pelas choças de madeira escura e deixando que um plano começasse a se formar em sua mente. Uma destas casas devia pertencer a Lily, e os reféns estariam ali. Afinal, Lily tinha uma filha. Foi seu número de "mãe desesperada" que dera

início a toda essa confusão, e podia ser a chave para encerrá-la. Rebekah estava certa de que Lily ainda tinha alguns sentimentos humanos normais.

Era evidente qual casa pertencia à família Leroux. Apesar do pântano e da matéria-prima rudimentar disponível, a rainha dos bruxos fizera o máximo para transformar sua choça em um palácio. Ysabelle Dalliencourt ficara mais relaxada e segura em sua posição à medida que envelhecia. Oportunista e ávida pelo poder, evoluíra para uma líder madura e humilde de seu povo, vivendo com simplicidade entre eles e rejeitando qualquer exibição de status. Mas a filha única de Ysabelle ainda não alcançara essa perspectiva e Rebekah, olhando a feiura que se erguia da lama diante dela, sinceramente duvidava de que um dia isto aconteceria.

Tinha duas vezes o tamanho das estruturas a seu redor, esparramada sem nenhuma elegância entre elas como um sapo gigantesco em meio a girinos. Desenhos haviam sido pintados na madeira, símbolos fantásticos em folhas de ouro reluzente.

Rebekah reconheceu alguns desenhos místicos, mas eram feitiços passivos: glifos para prosperidade e força, sem nenhum sinal de magia protetora. Rebekah abriu uma janela e prendeu a respiração.

Nada aconteceu, e ela perdeu a conta de seu batimento cardíaco enquanto esperava. Não houve ataque nem alerta, só as regras comuns que impediam a entrada de um vampiro em uma casa sem convite... O que seria bem fácil de obter. A família de Lily deveria estar dormindo em algum lugar ali dentro, e qualquer ser tão arrogante como ela teria pelo menos uma criada morando ali também. Os criados podem ser úteis de todo jeito.

Rebekah olhava a casa pela janela da cozinha, sem nenhum sinal de vida àquela hora da noite. Ela contornou lentamente a fundação, examinando um cômodo escurecido depois de outro e sempre procurando ouvir o som suave e promissor de uma pulsação.

## — Ouem é você?

Rebekah se retraiu, alarmada de ter sido vista. A voz era suave e feminina, e ela imaginou que partia de uma jovem. Ouviu um farfalhar de tecido e Rebekah viu a menina sentada reta em sua cama estreita. Não devia ter mais de 18 anos, tinha grandes olhos castanhos e o rosto suave e meigo.

 Não importa — disse a garota a Rebekah, examinando-a com ceticismo. — Sei quem você é e sei que não pode entrar aqui.

- Não posso concordou Rebekah, encantada, apesar de sua irritação. Não gostava de ser surpreendida, mas uma adolescente precavida não era uma nêmese particularmente ameaçadora. Nem mesmo se fosse aparentada de alguém que fosse. — Você é filha de Lily?
- Marguerite Leroux confirmou a menina, depois mordeu o lábio inferior de ansiedade. Os nomes podiam ter poder, e uma bruxa devia saber ser mais cautelosa. Ao que parecia, a desconfiança não estava na natureza de Marguerite.

Rebekah sabia algumas coisas sobre relacionamentos complicados com os pais e teve pena da menina. Imaginava tranquilamente como era ser criada por Lily Leroux.

— Meu nome é Rebekah — disse ela generosamente, apoiando os cotovelos no peitoril. — Sua mãe e eu não nos entendemos.

A boca de Marguerite se apertou, como se ela quisesse sorrir, mas não quisesse dar essa satisfação a Rebekah.

- Minha mãe faz o que deve para nos proteger de sua espécie disse ela, como se repetisse algo que tivesse aprendido por hábito. Não espero que vocês sejam amigas.
- Talvez não concordou Rebekah. Mas quem protegerá sua espécie *dela*?

Ela viu que suas palavras surtiram efeito e viu Marguerite tomar a decisão consciente de rejeitá-las. Seu coração não estava com os atos insanos da mãe, mas a cabeça certamente estava.

— Ela faz o que precisa — disse Marguerite, endireitando os ombros obstinadamente. — Vocês conspiraram com os lobisomens para nos expulsar de nossas casas. Se minha mãe teve de recorrer a uma magia mais negra para garantir que nada parecido com aquele furação volte a acontecer, não é um preço é alto demais.

Rebekah piscou rapidamente, tentando encaixar as peças daquele estranho discurso.

- Se ela quiser garantir que jamais haja outro furação, só o que precisa fazer é não criar um rebateu ela, um pouco mais áspera do que pretendia. Marguerite cruzou os braços em desafio, mas Rebekah viu o medo por trás do gesto.
- É uma mentira que nossa espécie tenha alguma relação com o furação
  respondeu a adolescente.
  Minha avó queria que nos sentíssemos

culpados porque não conseguimos impedi-lo, mas os vampiros é que são culpados por nossa vida atual.

Rebekah riu.

- Que absurdo. Os bruxos invocaram a tempestade contra os lobisomens, depois perderam o controle dela. Muitos morreram de ambos os lados e muitos humanos também. Nova Orleans foi arrasada. Tudo graças a um ataque de birra lançado por *seu* coven. A tempestade também havia matado Eric Moquet, e por um instante terrível Rebekah viu mais uma vez seu corpo sem vida, esmagado embaixo do mastro do navio que deveria levá-los para longe, para sua nova vida juntos. Sua avó impôs um martírio a todos vocês, que pode parecer severo atualmente, mas com toda certeza era justificado na época. Isso e mais, porém Rebekah sabia que ela era suspeita demais para falar. Nenhuma reconstrução podia compensar o fato de que ela perdera todo seu futuro.
- Não foi isso que... Marguerite percebeu que já falara demais e parou, confusa. A menina raciocinava, e isto já era um começo.
- Ela disse a meu irmão que você estava doente disse Rebekah. Sua mãe disse a Klaus que precisava do sangue dele para curar você. Ela jogou com a pouca solidariedade que ele tem, alegando que você estava às portas da morte. Queria aquele sangue para outra coisa, não é? Fazia parte da magia negra que ela operava. Ela distorce a verdade como convém a si mesma.
- Ela o quê? disse Marguerite, como se não conseguisse imaginar que tal coisa fosse possível. Tinha muito a aprender sobre as mães, embora Rebekah desconfiasse de que as lições estavam prestes a ser dadas rapidamente.
- Você não era íntima de sua avó, era? deduziu Rebekah. Sua mãe não permitiria. Tinha a própria versão de como seu povo veio morar aqui e ela resguardou você.
- Minha avó esteve doente na maior parte de minha vida sussurrou Marguerite. Era idosa e frágil. Não precisava do estresse de uma criança a seus pés.

Lily havia doutrinado a neta de Ysabelle com seu ressentimento e amargura, distorcendo os fatos para que se coadunassem com os próprios sentimentos. Marguerite acreditara, como qualquer criança teria feito, mas não era tola. Rebekah via fragmentos de antigas lembranças e conversas

entreouvidas se reordenando, criando um novo quadro, mais sombrio, de seu mundo.

— Estou viva há um pouco mais tempo do que você, Marguerite — lembrou-lhe Rebekah, abrandando o tom a algo mais próximo do maternal possível. — Mas jamais esqueci a confiança que tinha em minha própria mãe. Eu pensava que ela era a mulher mais extraordinária do mundo, e de muitas maneiras ela verdadeiramente foi. Ela também tinha defeitos e era frágil, apesar de todo o poder inumano que tinha a seu comando. Não era perfeita, nem mesmo em seu amor por mim. Você ainda é muito nova, mas creio que tenha idade suficiente para entender isso.

Marguerite empurrou a coberta de lado e colocou os pés descalços na madeira encerada do piso. Era alta como uma adolescente desajeitada, com quadris estreitos e cotovelos ossudos. Rebekah viu lágrimas contidas brilhando em seus olhos castanhos, e entendeu que suas palavras a afetavam. Marguerite mal havia passado da infância, mas parecia sentir o peso da responsabilidade que agora caía sobre seus ombros. Ela examinou o rosto de Rebekah.

- Você pode entrar anunciou ela por fim, e Rebekah não perdeu tempo em pular para dentro do quarto.
  - Obrigada disse ela, ajeitando a saia.

Os ombros finos de Marguerite subiram e desceram com um imenso suspiro.

— Bem, acho que se você quisesse me matar, já teria feito. Parece que você diz a verdade.

Era a imprudência juvenil em seu auge, arriscar o próprio pescoço — literalmente — para descobrir se a vampira na janela também era mentirosa.

— Eu minto quando me convém — admitiu Rebekah —, mas esta noite não tenho motivos. Os *morts-vivants* são perigosos, e sua mãe está descontrolada. E creio que ela fez algo com uma... uma amiga minha. Na verdade, minha cunhada, mas não acho que seja realmente ela. — Rebekah sabia que estava enrolando, mas tanta coisa havia acontecido nas últimas semanas que era difícil evitar. — Veja bem, Marguerite, não posso lhe dar provas nem motivos incontestáveis para que confie em mim. Assim, não leve *a mim* em conta. Pense no que você sabe sobre sua mãe e o que viu e ouviu aqui recentemente. Desconfio de que você já sabe de coisas de que eu jamais posso convencê-la, por mais que eu me esforce.

Marguerite torceu as mãos longas, olhando pela janela, como se de certo modo esperasse ver mais vampiros esperando do lado de fora.

- Minha mãe não me fala de coisas como os *morts-vivants* ou seus planos para eles. Ao que parece, ela não me conta muita coisa. Mas eu sei onde ela faz seus feitiços e acho que posso descobrir sozinha.
- Sua ajuda nos serviria muito pressionou Rebekah, avançando um passo. Marguerite deu um passo simultâneo para trás, e Rebekah entrelaçou as mãos às costas e tentou parecer o menos ameaçadora possível. E sua ajuda seria de grande valia para consertar os erros que seu povo tem cometido... Para redimir sua espécie, como sua avó sempre teve esperanças de fazer. Eu a manterei a salvo do que vier pela frente. Prometo.

A coluna de Marguerite se endireitou um pouco e subitamente ela parecia mais esguia do que desajeitada. Rebekah via a mulher que ela poderia se tornar, se pudesse se libertar da influência perniciosa da mãe.

- Sei que você não está aqui porque quer nos ajudar respondeu ela, com menos brandura na voz do que antes. Mas também acredito que esteja dizendo a verdade.
- E para falar toda a verdade, não sei se conseguiremos salvar Lily admitiu Rebekah.

Ela sabia que seria melhor mentir, dizer à menina que sua família sairia de tudo isto intacta e feliz, mas não podia fazer isso. Não era verdade e não era justo. Se Klaus conseguisse romper a ligação entre ele e Lily Leroux, a vida dela estaria acabada. Marguerite estava assumindo um risco imenso confiando em uma Mikaelson, e Rebekah queria merecer essa confiança.

Marguerite jogou o cabelo para trás e respirou fundo mais uma vez.

- Entendo. Ela olhou de novo para a janela, onde os primeiros vestígios do amanhecer começavam a tornar o céu cor-de-rosa. Minha mãe voltará em breve alertou ela. Ela não dorme mais e vai passar o dia trabalhando. Vou descobrir o que puder hoje, mas você não pode estar aqui antes que ela saia novamente. Volte esta tarde. Agora ela sai com os *morts-vivants* quase toda noite e então conseguirei lhe mostrar o que você quiser.
- Obrigada disse-lhe Rebekah com sinceridade. A simpatia que tinha pela menina era tão intensa que era quase inédita, mas Rebekah sabia que lhe servia muito bem. Uma espiã valia mais do que uma refém, sempre. Sei que isso deve ser confuso, mas você está fazendo a coisa certa.

- Não é nada murmurou Marguerite, de repente outra vez uma adolescente, deixando que o cabelo castanho caísse no rosto para esconder suas emoções. Você tem razão quando diz que minha mãe perdeu de vista o que está fazendo. Ela está estranha e tenta submeter o clã inteiro a ela. Espero que possa salvá-la, mas no mínimo preciso salvar o resto de nós.
- Você é uma boa menina garantiu-lhe Rebekah, acariciando seu cabelo. Marguerite não tinha nada do que se envergonhar. Não assuma nenhum risco desnecessário, bruxinha. Voltarei esta tarde, e encontraremos um jeito de, juntas, dar um fim a este pesadelo.

O sol ainda estava muito baixo para que seus raios chegassem à prisão de Elijah, mas ele conseguia ver o céu se iluminar e sabia que a manhã tinha chegado. Como que numa deixa, ele ouviu o rangido da tampa de ferro sendo removida de seu poço e uma cara sorridente de lobisomem depois de outra entrou em seu campo de visão.

- Pensei que seu líder pretendesse me manter aqui até o nascer da lua.
   Ele lhes lembrou enquanto subia a escada que havia sido baixada. Ele sabia que William não conseguiria esperar tanto tempo. Sua espécie não era famosa pela paciência.
   Seria mais sensato.
- Cale a boca, vampiro resmungou um lobisomem mais velho, empurrando-o para a clareira.

William já estava lá, vestido como um caçador humano comum, de calças e uma túnica comprida que parecia se mesclar ao mato. Mas seu rosto o destacava, severo e endurecido em torno das chamas azuis dos olhos.

— Ontem à noite ouvimos sua proposta — disse o líder lobisomem a Elijah e ao bando reunido. — Hoje você ouvirá os crimes pelos quais deve responder.

Matar o pai dele devia ter um lugar de destaque na lista, mas havia muitos outros itens a escolher.

— Conheço meus crimes — disse Elijah, mantendo a voz bem baixa, como se falasse a sós com o homem. — São numerosos e imperdoáveis.

William ergueu uma sobrancelha, uma expressão de ceticismo que de algum modo o fazia parecer ainda mais ameaçador. Passarinhos cantavam nas árvores ao redor, saudando o novo dia, sem ter consciência do impasse que se passava sob eles.

- Neste caso, creio que podemos pular a parte do julgamento e ir diretamente à sentença.
- Pretende tentar me matar? perguntou Elijah educadamente. Acredito que todos podemos encontrar um uso melhor para nosso tempo.

William tirou a túnica. Seu tronco era magro e forte, sem um grama de espaço desperdiçado. A pele era entrecruzada de cicatrizes que pareciam ter origem em presas e garras, e algumas ainda estavam frescas. Elijah sentia os lobisomens à volta se remexendo ansiosamente, a sede pelo sangue do vampiro aumentava.

— Meu pai me criou contando histórias sobre você — continuou William, como se não tivesse ouvido a interrupção de Elijah. — Seremos mais fortes à luz da lua esta noite, mas você também. Agora, só este anel em seu dedo médio impede que você queime vivo.

Elijah olhou a multidão, pronto para o primeiro que fizesse um movimento em busca de seu anel de luz. O sol não tinha clareado a copa das árvores, mas era alto o suficiente para ser sentido, para lembrar o quanto calcinava sua pele. Morreriam lobisomens aos montes se estourasse uma luta agora, mas Elijah descobriu que não tinha gosto por esse tipo de carnificina. Já houvera violência mais do que suficiente.

- Vamos concordar que mereço morrer sugeriu ele, agora elevando a voz para incluir toda a multidão sedenta de sangue. Outras mortes e vingança não lhe trarão o que você quer.
- A não ser que o que eu queira *seja* a vingança argumentou William, porém Elijah via uma torção irônica em seus lábios. William pode ter passado a vida toda se preparando para matar vampiros, mas tinha outros instintos além deste. O que você pode me oferecer que seja melhor do que isto?
- Eu devolveria suas terras anunciou Elijah, e o silêncio que caiu no círculo de lobisomens foi tão repentino que até as aves se calaram, subitamente temerosas da mudança que sobreveio na clareira. O antigo Bairro dos Lobisomens, um lugar no conselho e tudo nesta região que pertencia aos Navarro na véspera do furação de 1722. Seria o mínimo que eu poderia fazer em reconhecimento por sua ajuda contra a nova ameaça que os bruxos soltaram em nossa cidade.

Era uma oferta generosa, mas pelo menos ele a verbalizou de forma a excluir a mansão dos Mikaelson. Se a negociasse, Rebekah jamais o

perdoaria.

Um sussurro percorreu os lobisomens, que absorviam as palavras dele. Elijah captava raiva e desconfiança em suas vozes murmuradas, mas também ouviu esperança. Até William parecia intrigado, embora estivesse longe do entusiasmo.

- Um homem honrado não as teria roubado de nós, antes de tudo.
- Seu bando não estava em condições de administrar todo aquele território observou Elijah tranquilamente. Assim, talvez possamos dizer que meus irmãos e eu estivemos cuidando de tudo em seu nome por todos esses anos. E, em troca, você lutará a nosso lado na guerra iminente.
- Ao lado de vocês? O lobisomem mais velho que o acompanhara na saída do poço zombou dele, tão ofendido que nem esperou que o líder falasse. Você nos quer nas linhas de frente para que seu precioso exército vampiro não tenha de sujar as mãos de sangue.

Este parecia um plano bastante bom para Elijah, mas não lhe daria o que ele queria.

— Trabalharemos juntos para derrotar Lily Leroux — prometeu ele. — Peço apenas que seu veneno não encontre o caminho para as veias de meu povo e posso garantir que trataremos os seus como iguais.

Os olhos de William se estreitaram enquanto ele considerava a proposta.

- Agora você diria qualquer coisa, quando está cercado, com o sol nascente. Por que eu deveria acreditar em sua palavra depois da noite cair?
- Você é um líder e tem liderado muito bem seu bando respondeu ele. Embora minha lealdade seja para com minha família primeiro e minha espécie em segundo lugar, também tenho responsabilidades para com os cidadãos inocentes de Nova Orleans e as levo muito a sério. Eles precisam de proteção, e não de outra guerra. Se forjarmos uma verdadeira aliança, esta dará um fim às calúnias e à suspeita.
- Nobreza vinda de um vampiro refletiu William, os ombros largos relaxando um pouco. Agora eu já vi de tudo.
- Então, temos um acordo? Elijah avançou um passo, otimista, com a mão estendida, mas William recuou.
- Ainda não contra-atacou ele. Um amarelo perigoso começava a brotar em seus olhos. Esperei muito tempo para lutar com você, monstro, e detestaria deixar que uma aliança insignificante atrapalhasse a obra de minha vida. Vou lhe fazer uma contraproposta: se eu o superar no combate

homem a homem, ganhamos nossas terras de volta e você segue seu caminho. Se você conseguir me derrotar, levarei meu exército para sua guerra.

Elijah sorriu, deixando os próprios ombros relaxarem... Se era isso que o lobisomem queria, Elijah não ia dar as costas a uma briga.

— Aceito seus termos.

William atacou com uma velocidade impressionante, depois ficou fora do alcance de Elijah assim que o primeiro golpe atingiu o alvo. Os lobisomens rugiam sua aprovação, que teve vida curta. O líder do bando era rápido e bem treinado, mas não podia enfrentar por tanto tempo um vampiro Original.

Elijah simulou atacar a cabeça de seu adversário e desferiu um golpe na barriga. William foi arrancado do chão, mas girou no ar e caiu agachado, usando o contato com a grama para dar impulso com o punho no pescoço do vampiro.

Por um momento, Elijah viu estrelas, mas seus outros sentidos continuavam informando os movimentos de William. Ele pegou o lobisomem pelo braço e o atirou longe, ouvindo um baque e o ar sendo arrancado de William.

Parte dele ficou tentada a hesitar, a dar ao lobisomem uma oportunidade de se vingar um pouco de sua família. Mas, para ganhar o respeito do bando, Elijah precisava vencer. Ele girou o corpo e atacou, prendendo o homem no chão e exibindo as presas. Parou a menos de dois centímetros do pescoço do adversário, vendo o amarelo nos olhos dele desbotar ao azul-claro.

— Meu pai está se revirando no túmulo — grunhiu William, resistindo por um momento, depois deixando que os ombros arriassem na terra.

Elijah se ergueu e estendeu a mão, e desta vez William não hesitou ao pegá-la. Os lobisomens uivaram e gritaram, com tal entusiasmo que parecia que o líder tinha vencido. De certo modo ele venceu, supôs Elijah: enfrentou um Mikaelson e sobreviveu para contar a história.

- Seu pai deve estar orgulhoso garantiu-lhe ele. Não me lembro da última vez que um lobisomem me deu tanto trabalho. William era um combatente superior e se fosse capaz também como general, Elijah estava conseguindo um aliado ainda melhor do que esperava.
- Porém, basta. William recolocou a túnica. Vamos poupar a verdadeira luta para nossos inimigos. Ele elevou a voz, num grito tão alto

que o chão tremeu. — Esta noite, quando a lua nascer, derrotaremos os bruxos.

Klaus não conseguia se lembrar de uma noite mais longa nos últimos mil anos. A pesada porta de madeira parecia ter se tornado uma parte permanente de suas costas, e o piso de pedra ficava gelado à medida que as horas se arrastavam. Mas o pior de tudo eram os gritos.

Vivianne havia berrado feito uma possuída pela maior parte da noite. Quando a voz falhava, ela passava a apelos mais brandos. Por alguns minutos horríveis, ela tentou seduzi-lo, prometendo toda sorte de coisas lúgubres. Ele nem imaginava que ela soubesse o *significado* de todas aquelas palavras e foi um alívio quando ela voltou à gritaria áspera.

Klaus ainda podia ver Vivianne sozinha em meio aos cadáveres no pátio e sentira sua força inumana quando ela lutou para se livrar dele. Ele se agarrou a essas lembranças a noite toda, mantendo-se forte contra as súplicas da esposa. Porém, quanto mais ouvia, mais certeza tinha de que algo havia mudado.

Ele se levantou lentamente, concentrando-se no som. A voz de Vivianne parecia esgotada e vazia, resignada à ideia de que ele não voltaria para ela. Era inteiramente diferente das ameaças coléricas e promessas inquietantes. Enfim era a sua Vivianne mais uma vez. Ele podia ouvir, agora que passara tantas horas escutando a coisa sombria dentro dela.

Ele retirou as travas e parou por um momento, fortalecendo-se contra o que jazia do outro lado. Mas ainda não estava inteiramente preparado para o estrago. Vivianne quebrara caixões e espatifara garrafas em sua fúria, e o chão de terra batida estava coberto de cacos de vidro e lascas de madeira. O fedor do vinho assaltou as narinas dele e por baixo espreitava o cheiro de sangue antigo e de coisas que estavam mortas há tempo demais.

A própria Vivianne não parecia muito melhor do que o porão destruído por ela. Seu cabelo estava colado de substâncias em que ele nem queria pensar, e a camisola, manchada de tanto sangue e vinho que ninguém teria adivinhado sua cor original. Ela ferira o próprio rosto e os braços com as unhas e, por baixo dos ferimentos, estava pálida e abatida.

— Está tudo bem — garantiu ela, depois oscilou perigosamente, os olhos se virando para cima.

Ele a pegou pouco antes de ela cair, erguendo-a dos destroços que tomavam o chão.

— Vai ficar — prometeu Klaus, depois lhe deu um beijo na testa para mostrar que falava sério.

Klaus a carregou por uma escada, depois outra, antes de tirar sua camisola destruída e colocá-la em um banho quente. Os criados bem treinados do palacete devem ter percebido a ausência dos dois ou ouviram a perturbação, porque embora o braseiro tivesse baldes adicionais, Klaus não teve nenhum vislumbre de quem os colocara ali. A água de imediato ficou vermelha, e ele a substituiu repetidamente até que enfim ficasse clara.

Vivianne o olhava como se ele fosse sua única âncora neste mundo.

- Eu sinto muito sussurrou ela, e ele se assustou ao ouvi-la, depois de passarem tanto tempo em silêncio. A fome me domina, e eu me esforço ao máximo para controlá-la. Não conseguia mais e, quanto mais eu comia, mais perdida me sentia. Acredito... Ela franziu o cenho, tentando se lembrar. Acredito que tentei machucar você.
- Não é tão fácil me machucar ele lembrou a ela. Só seu coração, que ainda podia sentir este ferimento arrasador. Vivianne, há quanto tempo isso acontece com você?

Ela mordeu o lábio e virou o rosto pela primeira vez desde que ele abriu a porta do porão.

— No início, não era tão ruim.

Sua atitude evasiva era tão reveladora quanto uma resposta direta. Algo estava errado com sua mulher desde a noite em que ela voltara dos mortos, e ele precisou de quase um mês para perceber — o amor era de fato cego. Até Rebekah entendera mais rapidamente do que ele.

Ele se ajoelhou ao lado da banheira, acariciando os ombros dela. Sua pele estava cor-de-rosa do calor da água, e não havia mais nenhum vestígio de

sangue. Mas ele não podia apagar as manchas deixadas, por mais que desejasse esquecer a história toda.

- Isto não é sua culpa, meu amor garantiu-lhe ele.
- Creio que sua bruxa lançou outro feitiço sobre mim, além daquele que me trouxe de volta. Vivianne arriou os ombros contra as mãos dele e fechou os olhos. Mesmo agora, depois de tudo que ela passou, sua mente continuava girando. Já sabemos que Lily se aproveitou de você no acordo que fizeram, mas não há motivo para pensar que sabemos tudo que ela fez. A cada momento descobrimos uma nova armadilha que ela nos preparou, e penso que o que está acontecendo comigo não é exceção.
- Eu teria trocado qualquer coisa para ter você disse Klaus, ainda amargurado com a lembrança de como a bruxa o usara. Ele faria tudo isso de novo, mas por quanto tempo Lily o obrigaria a pagar?
- Lily sabia disto lembrou-lhe Vivianne. Mas ela ainda tem medo da hora em que você perceber que ela exigiu demais. Ela sabia que você tinha seus limites, mesmo que *você* não soubesse disso.
- Não quando se trata de você insistiu Klaus, mas entendeu o argumento de Vivianne.

Lily exigira o pingente de opala de Esther para que Klaus não conseguisse matá-la quando soubesse o que ela realmente estava fazendo. Por que supor que ela daria fim a seus truques? Estar ligada a um vampiro imortal a protegeria de muitos pecados.

A água da banheira espirrou enquanto Vivianne se colocava de pé. Klaus pegou uma toalha branca e grossa, e enrolou a esposa, examinando atentamente seu rosto. Não havia sinal de nada além de Vivianne, nenhuma marca da maldição que a assombrava.

- Quando acontece sussurrou ela, sem olhar muito nos olhos dele —, parece que estou me tornando um deles. Um dos... você sabe o quê. Talvez Lily esteja tentando me transformar em um deles, e por isso eu... eu...
- Sim interrompeu Klaus, para poupá-la da dor de pronunciar as tais palavras. Já era bem ruim que ele não conseguisse deixar de reviver a cena sangrenta em sua própria mente. Talvez a opala tenha mais de uma utilidade. Ela talvez a esteja usando para ligar você aos *morts-vivants*, assim como se ligou a mim. Talvez seja por isso que você sinta a fome deles.

Só lhe restava ter esperanças de que Lily sentisse a dor do ataque de Vivianne. Lily teria se curado com a mesma rapidez de Klaus, mas pelo menos a dentada desagradável no braço e o golpe no queixo teriam causado dor.

— Se não fosse por aquele pingente, você poderia matá-la e acabar com isso — observou Vivianne, deixando a toalha e vestindo um robe fino que estava jogado nas costas de uma cadeira próxima. Estava coberto de imagens de penas de pavão, que brilhavam na luz da manhã. — Pegá-lo de volta faria mais do que dar um fim a qualquer feitiço que ela esteja jogando em mim. Daria um fim a todo este pesadelo, e finalmente seríamos felizes.

Vivianne tinha razão. Colocar as mãos no pingente de Esther resolveria todos os seus problemas de uma só vez. Era uma pena que ele fosse protegido por um exército de bruxos mortos-vivos e estivesse pendurado no pescoço de uma louca que ele não podia atacar sem ferir a si próprio. Mas Klaus já fizera o impossível mais de uma vez na vida.

- Então, eu o pegarei disse ele, como se fosse muito simples.
- E depois, o que fará? Ela sorriu, e ele viu uma sugestão de seu antigo estado de espírito nos cantos de sua boca. Parte da cor finalmente voltava a seu rosto, e ele ficou tão hipnotizado com o vermelho cereja dos lábios de Vivianne que lutou para registrar o que eles diziam. Você vai precisar me levar com você, Klaus.

Klaus a pegou pelos ombros, esmagando seu corpo contra o peito.

— Você precisa ficar longe de Lily, meu amor — insistiu ele. — Você é a última pessoa que deve chegar perto daquela bruxa. — Devido ao feitiço de ligação, ele sabia que também deveria guardar distância, mas não havia ninguém em quem confiasse para recuperar a opala.

Sua mente já estava em disparada, tecendo tramas de cada ângulo de ataque possível. Provavelmente ele podia simplesmente atacar e improvisar pelo caminho. Em geral isto funcionava muito bem.

Creio que você está se esquecendo, querido, que também sou uma bruxa.
O sorriso de Vivianne ficara envergonhado; ela sem dúvida nenhuma se sentia melhor.
Fui uma bruxa bem decente na minha época, sabia? E estive lendo o grimório de sua mãe na mansão, nas noites em que não conseguia dormir. Não preciso lutar em combate, nem mesmo chegar perto dela.

Embora fosse uma distração levar a pessoa mais preciosa do mundo para o meio de uma guerra, seria ainda pior deixá-la para trás e imaginar o que estaria lhe acontecendo.

— Iremos juntos — concordou ele. — Se formos a cavalo, podemos voltar a Nova Orleans ao pôr do sol. Encontraremos Lily e faremos o que for necessário para retirar dela a opala, e, se sua magia puder destruir a dela, matarei qualquer um que se aproximar de você enquanto estiver lançando o feitiço.

Vivianne colocou-se na ponta dos pés e deu um beijo nele, e Klaus sentiu o sabor do fogo que suas palavras haviam acendido nela.

— Avise à estrebaria, e estarei vestida quando nossos cavalos estiverem selados.

Ele puxou os quadris dela contra os seus e a beijou, um beijo mais lento e mais demorado do que o primeiro.

— Não há *tanta* pressa assim — sugeriu ele, e ela retirou o robe.

As roupas dele acompanharam a peça fina de seda ao chão, e seus corpos se uniram antes mesmo que eles chegassem à cama. Eles fizeram amor no tapete espesso enquanto a luz do sol entrava pelas janelas. Klaus a abraçou com força, dominando-a pelo toque de suas mãos, o rastro investigativo de sua boca. Desistir dela o teria matado, mesmo que por um segundo.

Por fim, eles precisaram descansar e Klaus, abraçando-a, preparou-se para a separação insuportável e dolorosa que estava por vir. Era apenas temporária, disse Klaus a si mesmo, mas havia uma parte insistente dele que o impelia a beijar Vivianne novamente, a respirar o cheiro de lilás de seu cabelo, a memorizar cada centímetro de sua pele.

Klaus não conseguia se livrar do medo de estar enfrentando o destino, não apenas uma bruxa. Nada jamais vinha de graça, em particular quando envolvia a magia. Queria acreditar que ele e Vivianne já haviam sido punidos o bastante. Porém, deitado no tapete macio, com as pernas entrelaçadas nas de Vivianne e o rosto dela aninhado em seu ombro, ele não conseguia se livrar da sensação de que já era tarde demais para os dois.

Marguerite deve ter feito grande parte de seu trabalho bem debaixo do nariz da mãe. Ela verificou as anotações e livros de feitiço de Lily, até separando os ingredientes que a bruxa guardava em vidros pelas paredes, de acordo com aqueles que pode ter usado. Rebekah estava familiarizada com a bruxaria, mas sem a ajuda da menina jamais entenderia o enorme monte de informações na câmara privativa de Lily.

Quando conseguiram começar seriamente a busca, Marguerite parecia um cão farejador seguindo o rastro da mãe: rastreando feitiços por pergaminhos e grimórios, testando-os contra os ingredientes em vidros e trocando ideias com Rebekah sobre o que Elijah havia observado dos *morts-vivants* em ação. Era uma visão impressionante, mesmo que Rebekah ainda se irritasse com cada pequeno contratempo e atraso.

De maneira geral, não demorou muito para Marguerite formar uma ideia muito clara do que tinha sido feito para tirar os *morts-vivants* da terra. Rebekah viu quando a jovem bruxa seguiu o rastro certo, embora a própria Marguerite fosse insanamente cautelosa ao fazê-lo. Ela verificou sem parar as páginas, passando partes promissoras de informações com tal lentidão que Rebekah achou que ia enlouquecer. Mas a menina evidentemente sabia o que fazia, e assim Rebekah obrigou-se a ser paciente.

- Eles ainda estão se levantando do solo murmurou Marguerite, segurando um pergaminho junto da chama protegida de seu lampião. O feitiço os afeta, mas leva tempo para funcionar a distância. Nossos ancestrais em Nova Orleans foram os primeiros a ouvir o chamado, mas ainda está se estendendo para fora da cidade.
- Então, sempre que lutarmos com eles, haverá mais interpretou Rebekah sombriamente. A notícia era indesejada, mas não uma completa

surpresa. Os *morts-vivants* começaram em gotas e se tornaram uma inundação.

Marguerite havia sido cautelosa sobre os embates ocorridos entre suas espécies desde que Rebekah deixara o casamento para encontrar Klaus, mas, pelo que Rebekah conseguira reunir, Elijah tinha lutado com as abominações novamente e eles estavam em quantidade ainda maior do que antes.

Rebekah tinha esperanças de que ele tivesse criado novos vampiros, mas essa era uma solução de curto prazo. Incontáveis bruxos tinham morrido com o passar dos séculos, e eles teriam de transformar toda a população do mundo em vampiros para deter a maré crescente. E havia uma em particular que Rebekah não ansiava por encontrar no campo de batalha. Ela tentou imaginar Esther arrancando um coração para comer e estremeceu.

- Há menções à *sua* mãe aqui admirou-se Marguerite. Esther, não é? Minha avó usou um de seus feitiços.
- É mesmo? disse Rebekah. Podia se recordar nitidamente da visão de Elijah saindo intempestivamente do hotel com o grimório da mãe debaixo do braço. Não havia atos sem consequências, ela se lembrou. Qualquer um que vivesse tanto quanto um Original tendia a ver as ondas de suas próprias decisões se estendendo pelas gerações e continentes, sendo trazidas à tona quando menos esperavam.

Eles haviam se precipitado ao culpar Klaus, mas Elijah também tinha certa responsabilidade real por esse fiasco.

— É algo sobre entrar em contato com os ancestrais — continuou Marguerite, folheando as páginas diante dela. — Não para trazê-los de volta, só para criar uma ligação entre este mundo e o Outro Lado. O feitiço tornou a barreira permeável e os localizou. Minha mãe se baseou nisto, usando a vulnerabilidade criada pelo feitiço de Esther para mandar sua própria magia para lá.

Rebekah às vezes sentia que jamais encerraria verdadeiramente o passado, por mais que ela se esforçasse para se concentrar na construção de um futuro.

— O que precisamos fazer, então, é romper essa ligação e evitar que o pesadelo se espalhe. Como se faz isso?

Ela observou Marguerite, procurando por quaisquer padrões de mudança na lealdade da jovem bruxa.

— Há um farol — disse por fim Marguerite, empurrando o pergaminho para uma pilha, depois ajeitando as bordas. — O chamado está sendo enviado por alguma coisa, e essa mesma coisa fornece o poder que mantém de pé os bruxos mortos. Ele os controla e anima, e se você destruir o sinal, todo o feitiço acabará.

Rebekah de imediato pensou na opala da mãe. Tinha ligado a bruxa a Klaus — o que mais poderia fazer? Ela a imaginou pulsando com uma luz invisível, enviando mensagens que só os mortos podiam ouvir. Quebrá-la libertaria Klaus *e* mandaria os *morts-vivants* de volta a seus túmulos... Era muito poder contido em uma pedra frágil.

- Sei o que Lily usou como farol disse Rebekah. Talvez precise de sua ajuda para tirá-lo dela. Você pode...?
- Não é um objeto. Marguerite franziu o cenho, seus dedos acompanhando o hieróglifo complicado em um livro que parecia pesar tanto quanto a garota. O farol tem de estar vivo. Precisa ter um coração. Você não o destrói; você o mata.
  - Vivo? Rebekah arquejou. Quer dizer que é uma pessoa?
- Uma bruxa esclareceu Marguerite, virando uma página e voltando.
  Mas não pode ser minha mãe, porque precisa ser uma bruxa que já tenha morrido. Eles são a janela por onde os outros passam, e, quando não restar mais nada a trazer de volta, o primeiro bruxo, a chave para a magia, se tornará um deles.

Só podia ser uma bruxa e agora o plano de Lily fazia completo sentido. A devolução da amante de Klaus ao mundo não foi *por* Klaus... Foi por Lily.

Ela havia lançado seu feitiço para criar os *morts-vivants* em torno da única bruxa morta cuja segurança era garantida. Ninguém seria capaz de chegar perto de Vivianne, graças a Klaus, e assim ninguém conseguiria deter o feitiço. Eles formavam uma tríade profana impossível de matar: Klaus, Vivianne e Lily, cada um deles sustentando o mesmo mal à própria maneira.

— Tem de haver outro jeito. — Klaus quase perdera o juízo na primeira vez que Vivianne havia sido tirada dele. Perdê-la novamente, sabendo que desta vez seria definitivo... Rebekah não conseguia imaginar o que isso faria ao irmão.

Porém, a expressão de Marguerite lhe dizia tudo que ela precisava saber. Não havia esperança para Vivianne e não havia esperança para todos eles enquanto ela continuasse viva. — Então, você sabe quem é — deduziu Marguerite. — Lamento que seja uma notícia ruim, mas é o feitiço. É a arquitetura fundamental da magia que trouxe à vida os *morts-vivants*. Se quiser destruir a coisa toda, terá de atingir o cerne de sua teia.

Rebekah precisou se lembrar de que ainda estava agradecida pela ajuda da menina inteligente, mesmo que o resultado fosse diferente do que ela esperava. Marguerite traíra tudo que conhecia para servir ao bem maior, e Rebekah não pretendia se esquecer disto.

- Há um lugar para você conosco se desejar ofereceu Rebekah, embora soubesse que a adolescente não aceitaria a proposta.
- Meu lugar é aqui respondeu Marguerite, o rosto redondo muito sério. Este é o meu povo, e eles precisam de mim. Minha mãe também precisa de mim, mesmo que agora ela não perceba. Só estou fazendo isso para ajudá-la. Não sou uma traidora e não fugiria como tal.

Rebekah a abraçou, segurando o corpo desajeitado e ossudo da menina por mais tempo do que compreendia.

— Preciso ir — ela se desculpou, depois deu outro abraço rápido em Marguerite, pela última vez. — Obrigada por tudo. Você agiu bem, e cuidarei para que não tenha sido em vão.

Mesmo que isto significasse o fim da felicidade de seu próprio irmão. Rebekah voltou veloz para a mansão, ordenando os pensamentos caóticos pelo caminho. Elijah precisava saber de tudo imediatamente, depois eles teriam de pensar num plano.

Para surpresa de Rebekah, porém, Elijah não estava sozinho. Seu estúdio parecia explodir em comparação com o silêncio costumeiro. Sem Rebekah ou Klaus a quem recorrer, Elijah aparentemente havia se voltado para outros confidentes e Rebekah cerrou os punhos para controlar o ressentimento automático.

Sentiu-se ainda mais mesquinha quando Lisette saltou da cadeira, catapultando-se para a porta a fim de pegar Rebekah em um abraço antes mesmo que ela conseguisse cumprimentá-la.

— Que bom que você voltou! — sussurrou a vampira em seu ouvido. — Elijah precisa de você aqui.

Rebekah delicadamente afastou a amiga, examinando em Lisette as mudanças produzidas por alguns dias e algumas batalhas.

— Parece que você andou cuidando muito bem das coisas — concluiu ela por fim, e Lisette ficou radiante.

O outro homem no estúdio não era conhecido, mas a mera visão dele fez eriçar os pelos nos braços de Rebekah.

— A lua nascerá em menos de uma hora — disse ela a Elijah. — Tem certeza de que você quer *isto* em seu escritório quando ela nascer?

Os olhos azuis faiscantes do homem brilharam amarelos por um momento, mas ele parecia ao mesmo tempo entretido e ofendido.

— Esta deve ser a irmã — adivinhou ele, e Rebekah o olhou da cabeça aos pés.

Muitos homens teriam tremido nas botas ao final do olhar, porém o novo amigo de Elijah não se encolheu nem um pouco.

- Estranhos companheiros resmungou ela.
- Esta noite temos mais em comum do que o contrário disse Elijah, esperando que Lisette desse um passo de lado para abraçar a irmã. Ele lhe deu um beijo no rosto e a olhou inteira, um hábito fraterno do qual não conseguira se livrar depois de séculos de invulnerabilidade. Quando viu que ela estava incólume, seus ombros relaxaram.
- Meu irmão disse ela, e lhe deu um abraço rápido —, tenho novidades. Ela olhou os dois companheiros, sem querer que a verdade sobre Vivianne escapasse do círculo familiar, em particular a um lobisomem. Porém, para seu desprazer, Elijah não os expulsou dali.
  - O que você tem a dizer...
- William Lisette interrompeu —, vamos dar uma olhada nas tropas. Quero ter certeza de que seu flanco esquerdo não se embolou com os batedores mandados por Julian por aquelas colinas a leste, e creio que se você me mostrar o que tem em mente... Com a mão gentil, porém firme em suas costas, ela conduziu o lobisomem para fora do estúdio, deixando Rebekah e o irmão a sós.

Elijah a observou sair por muito tempo, e Rebekah leu todo seu sentimento na expressão que ele exibia. Esta não era hora de começar um novo romance, mas Rebekah tinha de admitir que aprovava a escolha dele. Elijah havia passado muito tempo sozinho, assumindo grande parte do peso da administração de Nova Orleans. Ele merecia alguém que o fizesse feliz. Todos eles mereciam.

- Matar Vivianne é o único jeito de deter os *morts-vivants* disse-lhe ela precipitadamente. Elijah balançou-se nos calcanhares e cerrou a boca em uma linha firme.
- Era o que eu temia respondeu ele. A lua vai nascer em menos de uma hora ele pôs as mãos nos ombros dela e faremos o que for necessário. Como sempre fizemos, para proteger nosso irmão e nossa família.

A luz do dia desaparecia e os bruxos estavam chegando. Eles tinham uma guerra a travar.

- Então iremos... Mas não me diga que você ofereceu a cidade inteira aos lobos? perguntou ela, passando o braço pelo cotovelo dele.
- Foram feitos certos arranjos, mas não se preocupe com isso agora. A noite ainda pode trazer muitas surpresas.
  - Parece que é algo com que devo me preocupar, meu irmão.
- Explicarei no caminho. Com um sorriso irônico, ele a retirou da casa, para o gramado onde o exército misto de Elijah estava reunido. Ele esboçou o acordo com os lobisomens enquanto caminhavam, e Rebekah lhe deu os detalhes de seus encontros com Klaus e sua adaga, Vivianne e Marguerite. Por alguns minutos, era como nos velhos tempos: os dois comparando observações e conspirando contra os inimigos. Só o que faltava era Klaus, mas algumas coisas não podiam ser evitadas.

Eles se separaram ao alcançarem os outros, andando por entre as fileiras de vampiros para passar instruções de última hora, conselhos e estímulo. Rebekah sentia a empolgação crescer no sangue enquanto os primeiros raios da lua começavam a iluminar o horizonte. Ela precisava de uma boa luta — algo sem complicações e violento.

Justo nessa hora ela ouviu gritos das colinas a leste e os batedores vampiros voltaram correndo ao grupo principal. Estavam esfarrapados, e não havia tantos quanto deveria.

Rebekah pulou na lateral da fonte no meio do gramado. Podia ver o exército avançando, escurecendo as colinas como uma horda de insetos. Havia mais deles do que ela julgava possível, mais do que eles poderiam matar.

## — Os bruxos estão chegando!

Ela ouviu centenas de vozes transmitirem o grito, assim como um uivo melancólico atravessando tudo, provocando arrepios por sua coluna. Um

dos lobisomens se transformara em uma fera castanha e desgrenhada com olhos amarelos ardentes, e ele uivou novamente, chamando o resto de sua espécie. Os primeiros raios de luar brilharam em suas presas expostas, depois o uivo se multiplicou e emudeceu todo o resto.

Elijah gritou ordens, mandando vampiros e lobisomens atacarem os bruxos, e Rebekah se juntou animadamente a eles. Seria um banho de sangue, e ela não perderia isso por nada no mundo.

Enquanto seus pés batiam no chão, ela quase foi derrubada pelos cascos de um cavalo castanho, cujo cavaleiro parou pouco antes da colisão. Klaus sorriu para ela, e pelo canto do olho Rebekah viu Vivianne parando o próprio cavalo a uma distância mais sensata. Klaus ajudou a mulher a desmontar e a beijou com fervor. Trocando um olhar de despedida, Vivianne foi para a porta aberta da mansão e Klaus virou-se para Rebekah. À luz da lua nascente, ela via os olhos do irmão iluminados do mesmo desejo de batalha que já caíra sobre ela.

- Minha querida irmã. Ele a cumprimentou com um sorriso irrepreensível. Não pretendia começar sem mim, não é?
  - Nunca... Arrancar corações é sua especialidade.

Elijah sentiu um choque quase físico quando os dois lados colidiram, dentes e punhos entrando em contato de mil jeitos diferentes. Os lobisomens enchiam a noite com seus rosnados e dilaceravam a presa com um entusiasmo selvagem. Elijah sentia as décadas de fúria contida explodindo dentro deles enquanto atacavam, rasgando pescoços para todos os lados até a chegada de um vampiro que elegantemente arrancasse o coração de cada *mort-vivant*.

Seus vampiros atacavam metodicamente, arrancando um coração ensanguentado depois de outro com uma eficiência inflexível. Não haviam esquecido a retirada humilhante que fizeram da cidade algumas noites atrás, e à volta Elijah via combatentes que não tinham a intenção de reviver os erros do passado.

Ainda assim, havia mais *morts-vivants* do que nunca. O cavalo de Klaus ficou incontrolável mesmo antes de se unir à batalha, e Elijah o viu cercado de todo lado por criaturas famintas por carne. Elijah lutou para se aproximar do irmão, sentindo o efeito de vários feitiços e pelo menos um par de mãos agarrando seu corpo.

Mas antes que conseguisse alcançar Klaus, avistou uma sombra de cabelo louro acobreado e dois dos agressores de Klaus se amontoaram na grama ensanguentada. Lisette estava ali, cuidando de sua família. Estava deslumbrantemente feroz ao luar, o rosto raiado de sangue seco. Podia ser uma deusa viking, virando a vantagem da batalha aonde fosse.

Elijah virou-se, e viu Rebekah torcendo o coração de um *mort-vivant* dentro de sua caixa torácica, a boca em uma careta. Outra criatura atacou suas costas, mas um lobo a pegou pelo tornozelo, arrastando a morta-viva para o chão. A bruxa gemeu e enterrou os dentes no ombro do lobo,

rasgando mesmo enquanto o lobo usava as garras para transformar seu tronco em pedaços.

Em seguida Elijah foi obrigado a se concentrar no grupo de agressores que vinha em sua direção. Pareciam se esgueirar em meio aos vampiros, separando-os por grupos, até que ficassem isolados e vulneráveis. Elijah tentou chamar suas tropas para que ficassem unidas, mas cada um deles lutava pela própria vida.

Lisette chegou a seu lado, quebrando o pescoço de uma *mort-vivant* duas vezes antes de finalmente matá-la.

- Eles estão nos dividindo ela o avisou, e, apesar da violência ao redor, ele a segurou pela cintura e a beijou.
- Bem, não quis dizer você e eu, mas vou aceitar isso, Elijah Mikaelson.
   Ela o beijou de novo.
   Só procure reorganizar as tropas antes que fiquemos todos encurralados.
  - Agora é você que dá ordens, soldado?
- Ah, espere para ver disse ela e arrancou o coração do bruxo mais próximo.

Um lobo se atirou no ar, lançado por um *mort-vivant* cujas mãos estavam cobertas de sangue até os ombros. Seu corpo pesado bateu no chão em uma elevação, e Elijah sabia que ele já estava morto. Os lobisomens pagavam um preço muito alto para recuperar suas antigas terras, mas certamente estavam comprometidos com a tarefa.

Para onde Elijah olhava, os lobos atacavam as tropas de bruxos, cortando-os como facas. Eles haviam unido os vampiros, criando vias entre eles e abrindo linhas de visão. O acordo com William tinha sido bom, concluiu ele.

Ele decapitou um *mort-vivant* e jogou o corpo para Lisette. O homem sem cabeça ficou de pé, mas cambaleou e arremeteu, e ela não teve dificuldades para dar cabo dele. Eles trabalhavam juntos, abrindo espaço para alcançar as pequenas ilhas de vampiros isolados, trazendo-os de volta ao exército em um conjunto coeso.

- Boa luta, meu irmão gritou Klaus, sorrindo enquanto quebrava as costas de um *mort-vivant* que não parecia ter mais de 16 anos.
- Que bom que você pôde se juntar a nós respondeu Elijah, esquivando-se por baixo de uma lobisomem para que ela pudesse enterrar

os maxilares no braço de um bruxo que estivera lançando um feitiço na direção de Klaus.

- Lily está aqui? perguntou Klaus com urgência, dando as costas a Elijah, de modo que eles pudessem repelir os ataques de cada lado. Preciso achá-la.
- Ainda não a vi rosnou Elijah, abrindo o peito de um homem alto e louro, e arrancando seu coração como um pedaço de fruta. Mas não deve estar longe... Ela não perderia isto.

Rebekah atravessou na frente deles, sem fôlego, o cabelo cor de mel voando solto pelos ombros. Uma bruxa lançava um feitiço após outro a ela, engolfando-a em fogo, depois sangue, em seguida numa névoa verde e nauseante antes de tentar novamente o fogo. Nenhuma dessas ninharias conseguia derrubar Rebekah Mikaelson, mas parecia que a atordoavam, desorientada e incapaz de alcançar a mulher.

Klaus se separou de Elijah, esmurrando a cabeça da bruxa com um golpe feroz, e puxou Rebekah para a proteção dos irmãos. Elijah podia jurar ter ouvido o irmão resmungar um pedido de desculpas por ter apunhalado Rebekah, o que era surpreendente o bastante para causar impressão mesmo no meio de uma batalha renhida.

Eu também peço desculpas — ele ouviu Rebekah dizer, com clareza.
Eu nunca deveria ter... — O resto se perdeu no grito de um lobisomem, que rolou de costas com as entranhas expostas. Os três estavam mais uma vez do mesmo lado.

Eles despachavam um *mort-vivant* após outro, trabalhando juntos, como deve fazer uma família. Mas era uma ilusão, Elijah sabia. Tudo explodiria novamente quando Klaus descobrisse sobre o plano de Rebekah para dar fim ao feitiço. Klaus estava decidido a encontrar Lily, e Elijah esperava desesperadamente que ele tomasse conhecimento de um jeito diferente de acabar com isso.

— Lá está ela — disse Klaus, girando um bruxo pelo ar e o jogando em um bando de lobisomens que rosnavam.

Elijah levantou a cabeça e viu Lily parada um pouco à margem da refrega. Uma menina magra e alta estava a seu lado, e, mesmo à luz da lua, ela lhe pareceu familiar. Será que Lily estava tão confiante na vitória que trouxera a filha adolescente para uma guerra? Elijah não conhecia qualquer outra mãe capaz de tal descuido, mas Marguerite Leroux estava ao lado da

sua. A arrogância de Lily deve ser ilimitada, pensando que sua invulnerabilidade era suficiente para proteger a filha. Lily observava a luta com um leve sorriso, como se não a incomodasse em absoluto que seu povo estivesse morrendo em massa.

Klaus avançou para ela, sem se importar que o caminho fosse bloqueado por dezenas de bruxos. Elijah colocou-se atrás dele, e Rebekah fez o mesmo, mantendo o pior da luta longe do irmão.

- Devagar gritou Elijah, mas Klaus era um homem possuído em seu desespero de alcançar a líder dos bruxos.
- Vou matá-la anunciou Klaus entre dentes, lancetando uma mortaviva com uma faca longa que retirara pelo caminho de outro bruxo azarado. Ele torceu a lâmina com uma precisão determinada, arrancando seu coração como um caçador que estripa um cervo.
- Você não pode observou Elijah, desejando que Klaus usasse o bom senso pelo menos uma vez em sua vida infinita. Ela está ligada a você.
- Através do pingente que ela roubou. Klaus se esquivou de um bruxo de cabelos pretos, que reagiu com lentidão demais e teve o peito aberto.

O talento de Klaus para reescrever a história era impressionante dadas as circunstâncias — tinha sido *ele* que provocara esta guerra, ao negociar o pingente. Elijah sabia que não chegaria a lugar nenhum com esse argumento e, quando Rebekah se virou para ele, com os olhos escuros faiscando de ultraje, ele lhe lançou um olhar de alerta.

- Pegar o pingente de volta nos permitirá matar Lily vociferou ela —, mas esta não é hora de uma vingança menor. Precisamos dar um fim a esses monstros para sempre, e não ceder a cada capricho impulsivo que aparece pelo caminho.
- Só precisamos desse pingente insistiu Klaus, olhando o campo em busca de um caminho mais curto para sua inimiga. Podemos libertar Vivianne de sua ligação com os *morts-vivants* e deixar que nossos exércitos os derrubem.

Rebekah ficou petrificada por um momento, boquiaberta, como se quisesse falar, mas não encontrasse as palavras. Uma bola de fogo verde sibilou pelo ar e a atingiu em cheio na barriga. Soltou faíscas ao atingir o alvo e a força do golpe a jogou para trás, nos braços de um *mort-vivant* ensopado de sangue.

Rebekah se virou para lidar com o novo agressor, os restos do feitiço ainda soltando fumaça no tecido do vestido. Nesse meio tempo, outro bruxo morto-vivo passou por ela, saltando nas costas desprotegidas de Klaus. Elijah avançou para interceptar o ataque, e sua bota esmagou a cabeça do *mort-vivant* em pleno ar. A criatura caiu no chão, atordoada, e Klaus virouse para dar cabo dele, faiscando a faca com brutalidade ao luar.

Tarde demais, Elijah percebeu que Rebekah tinha se livrado de seu próprio agressor e lutava para voltar ao lado de Klaus.

- O pingente não libertará Vivianne ele a ouviu dizer, curvando-se ao ouvido do irmão, mas mantendo o olhar cauteloso na faca que ele segurava frouxamente na mão esquerda. Niklaus, desculpe-me, mas...
- Lá está Lily interrompeu Klaus, e Elijah sinceramente não sabia se ele decidira ignorar as palavras de Rebekah ou se simplesmente não as registrara. Ele empurrou um lobisomem do caminho e partiu para o grosso da batalha, deixando os irmãos para trás.

Rebekah alterou o peso do corpo como se pretendesse segui-lo, mas Elijah a segurou pelo ombro, retendo-a.

— Temos muito que fazer aqui. Deixe que Klaus lute do seu jeito se você quiser ter alguma chance de ele adotar o seu.

A expressão de Rebekah era cheia de ressentimento, mas ela aceitou a interpretação que Elijah fizera da situação.

- Ele terá que cair em si rapidamente resmungou ela num tom sombrio. Não pretendo passar o resto da eternidade matando essas *coisas*.
- Vamos acabar com elas bem antes disso garantiu-lhe Elijah, e a corrente da batalha voltou a cair sobre eles.

Klaus estava sendo atacado de todos os lados, mas não se importava. Lily Leroux estava a seu alcance, e nada tão insignificante como uma guerra o afastaria dela. Vivianne observava a batalha das janelas do sótão, preparando o feitiço que destruiria o poder da opala sobre ela, e ele pretendia deixá-la orgulhosa. Ele tiraria a opala de Lily de um jeito ou de outro e, se tivesse de arrancar sua cabeça para consegui-la, melhor ainda.

Um lobisomem sarnento, tão magro que Klaus via as costelas através do manto cinza e áspero, saltou na frente dele, rosnando. Klaus deu à fera um segundo para reconhecê-lo, pronto para quebrar seu pescoço se ele não se afastasse. O lobisomem hesitou, os olhos amarelos percorrendo Klaus da cabeça aos pés, depois se retraiu, aparentemente percebendo seu erro. Um braço surgiu do amontoado de bruxos, atravessando o peito magro do lobo, e Klaus não esperou para ver o resto. Podia vencer a guerra destruindo a líder do inimigo e as baixas seriam inevitáveis nesse meio tempo.

Só havia alguns bruxos entre ele e sua general. Eles combatiam arduamente, e os *morts-vivants* eram fortes. Mas Klaus devastara exércitos por mais de mil anos e não tinha a intenção de ser dissuadido de seu objetivo.

Lily entoava alguma coisa, o cabelo castanho solto pelos ombros, escondendo em parte o rosto. Estava tão concentrada no feitiço que não viu Klaus se aproximar até ser tarde demais. No último minuto, sua cabeça se ergueu num átimo, a pele coberta de suor pelo esforço do feitiço.

Ele viu a opala branca pendurada em seu pescoço. Era repleta de lampejos laranja e verdes, como acontecera quando ele a entregara a Lily. Ele estava louco para arrancá-la do pescoço mentiroso e traiçoeiro.

Klaus não soube ao certo como seu ímpeto se revertera, nem quando a mão estendida para a corrente do pingente se desviou. A magia o deslocava sem esforços para o lado contrário, e seus dedos se fecharam no ar em vez de na antiga corrente. Ele se viu de frente para uma *mort-vivant* que tinha um sorriso maligno, apesar de um lobisomem tê-la estripado naquela mesma noite.

Ele se virou, a cabeça rodando pela desorientação. Lily virou um borrão e em seguida entrou em foco, aparentando uma enorme satisfação consigo mesma.

— É isto que você procura, vampiro? — perguntou ela, com a despreocupação de quem compartilha um chá da tarde. Lily tocou a opala com o dedo, e a pedra a brilhou suavemente sob o intenso luar.

Desta vez Klaus agiu lentamente, aproximando-se dela com cautela e tentando sentir a força do feitiço antes de ser mais uma vez apanhado nele.

- Será mais fácil se você entregá-la sugeriu ele. Sei para que a está usando e não pararei até encontrar um jeito de recuperar a opala.
- O único jeito de esta corrente sair de meu pescoço é eu mesma tirá-la
   ela lhe informou, num tom repleto de desdém.
   E não posso ser ferida enquanto a usar. O que vai fazer, Niklaus... ameaçar-me de morte?
- Você cresceu ouvindo histórias de minha família ele recordou. Existe algo na história longa e feia entre nossas espécies que a faça pensar que me incomodo com ameaças vazias?
- Você não tem alternativa. Ela deu de ombros. Um uivo se elevou da confusão atrás de Klaus, mas ele não tirou os olhos da bruxa. Estamos ligados pela vida toda, Klaus, goste você ou não. E desconfio de que nossa vida será longa, assim, você pode muito bem se acostumar com a ideia desde já.

Ele queria arrancar seu rosto presunçoso fora.

— Se você pensa que tem todo o tempo do mundo para transformar Vivianne em um de seus monstros de estimação, bruxa, está redondamente enganada. Você já a obrigou a passar pelo bastante e não pretendo descansar até que ela esteja livre de sua maldição.

Lily riu, jogando a cabeça para trás, expondo o pescoço ao luar. Ele podia simplesmente rasgá-lo, tirar sua cabeça e pegar o pingente no coto ensanguentado. Se ao menos pudesse pôr as mãos nela, não haveria limite aos meios usados para destruí-la.

- Esta maldição é a vida dela agora ela lhe disse, ainda rindo. Sua esposa tímida está muito além de sua ajuda, vampiro. O feitiço está lançado, e ela é o que é. Matar-me não a salvará, nem esta bugiganga de sua mãe da qual você abriu mão com tanta avidez.
- Você mente sibilou Klaus, embora pudesse ouvir a sinceridade na voz de Lily. — Você só mentiu desde o início.

Lily deu de ombros.

- Eu lhe disse que podia trazê-la de volta e trouxe. Agora posso ter minha cidade de volta, e você pode ver sua amada se igualar a todos os outros.
- Não permitirei que isso aconteça disse Klaus entre dentes, perguntando-se como evitaria essa situação. Lily montara bem sua armadilha, e ele parecia bloqueado de todo lado. E, agora, quando a coisa mais preciosa que ele jamais encontrara na vida corria perigo, Klaus se via sem ideia nenhuma.
- Não pode impedir disse Lily, como se desfrutasse de uma piada particular. Você, justo você, não pode matá-la. Por que acha que a escolhi para este feitiço? Nunca se tratou dela... Tratava-se de *você* e o que faria para manter Vivianne Lescheres viva.

Klaus não se importava mais com a magia que os ligava. Atacou às cegas, cravando na face da bruxa a faca comprida que tirara de um de seus asseclas. Lily não se mexeu, nem mesmo se retraiu.

Ele ouviu vozes gritando em algum lugar à volta e viu um lampejo de movimento pelo canto do olho. Mas estava concentrado demais em sua vítima, naquela expressão presunçosa. O sorriso dela enchia sua visão, bloqueando todo o resto, mas era tarde demais.

A faca havia sido enterrada em outra pessoa, uma garota magra que teria no máximo 18 anos. Seu grito foi interrompido abruptamente quando a lâmina cortou a garganta, mas outra voz continuou a gritar. Lily ficou mortalmente pálida, pegando a menina pelos braços para impedir que caísse no chão, e estava tudo errado.

— O que você fez? — gemeu Rebekah, olhando fixamente a menina como se fosse sua própria filha.

Lily arriou delicadamente na grama, aninhando a filha no peito.

— Ele não pode me atingir — sussurrou ela, tão baixo que Klaus mal conseguiu ouvir. — Isto não era necessário, Marguerite. Por que você

## interferiu?

O ferimento no pescoço de Marguerite borbulhava e jorrava sangue, e seus olhos castanhos estavam vidrados. O resto de sua vida não duraria mais do que alguns suspiros. Ela tentara salvar Lily, mas Klaus ainda se arrependia de feri-la. A menina era nova demais para saber da vida e nova demais para ser levada para uma batalha. Era culpa de Lily, tanto quanto dele, que ela morresse, mas isto servia de pouco consolo.

— O pingente de opala — disse Rebekah. Ela foi se ajoelhar ao lado do corpo trêmulo da menina, mas Klaus colocou a mão acauteladora em seu braço, mantendo a irmã ao lado. — Ele liga você a um imortal... Se ela o usar, fará o mesmo por ela?

Lily tocou a corrente no pescoço, fechando os olhos por um momento, como se a simples ideia lhe fosse dolorosa.

- Não posso transferir o feitiço admitiu, a voz tomada de lágrimas.
  Eu o faria em um segundo se pudesse. Tudo isso era para ela... O trabalho da minha vida era para lhe construir um futuro. Eu deveria ter lhe dado a opala antes, mas nunca pensei... Ela enxugou as lágrimas e, com um soluço trêmulo, recompôs-se o suficiente para terminar. Agora o pingente não pode ajudá-la.
- Ele pode discordou Klaus. As duas mulheres o olharam, embora a essa altura a própria Marguerite estivesse fraca demais para tanto. Dê o pingente a ela, Lily. Tire-o e coloque no pescoço dela, e lhe garanto que salvará sua vida.

A boca de Rebekah se abriu, confusa, mas os olhos lacrimosos de Lily estreitaram-se numa compreensão súbita. Era o último trato que faria, mas, com o tempo se esgotando, ela não mostrou interesse em regatear.

- Então, salve-a concordou Lily. Curvou-se para beijar a testa da filha e tirou a corrente da opala do próprio pescoço, colocando-a no de Marguerite.
- Dê-lhe seu sangue murmurou Klaus a Rebekah, que não perdeu tempo em abrir o pulso e pressioná-lo nos lábios separados da menina. Ele via sua boca se mexer o bastante para beber algumas gotas, mas seria suficiente. O sangue de um vampiro Original a traria de volta à vida, desde que estivesse em seu corpo quando ela morresse.

Ela seria uma vampira e não teria mãe, mas Klaus considerava um preço razoável a exigir pelo sangue de um Mikaelson. Ele trocara o primeiro frasco

por um preço baixo demais, mas agora era mais sensato.

Lily nem mesmo olhou para ele. Passou os últimos momentos de sua vida fitando a filha, procurando no rosto pálido da menina algum sinal de que a vida lhe voltava. No entanto, a recuperação de Marguerite levaria muito mais tempo do que restava a Lily, e isso era bom. Era melhor que a menina adormecesse durante o horror, e ela certamente não precisava saber tão cedo que os próprios atos haviam desencadeado a morte da mãe.

Klaus agiu rapidamente e com muito mais misericórdia do que a bruxa renegada merecia. Abaixou-se e quebrou seu pescoço, e ela caiu de lado, sua guerra encerrada em apenas um segundo. Rebekah segurou Marguerite em seus braços, escorando seu corpo enquanto o da mãe caía ao chão.

- Ela estará bem em breve disse ele a Rebekah, que ainda dava a impressão de que ia chorar.
- Não estará resmungou Rebekah, mas o poupou da indelicadeza do próximo pedido. Tirou a opala da cabeça de Marguerite e a jogou para Klaus, como se a bugiganga não valesse o sangue derramado.

Mas ele sabia que valia. Independentemente do que Lily dissera e das alegações loucas feitas por ela para evitar que Klaus destruísse seu exército, ele sabia a verdade. Vivianne estava destinada a ele desde o início, e nada poderia separá-los. A magia de Vivianne podia transformar a opala na cura que eles precisavam. Ele fechou o punho em torno da corrente com tanta força que ela se enterrou em sua pele como dentes.

Precisava apenas levá-la a Vivianne, e eles enfim a libertariam.

Os ferimentos de Marguerite se curavam. Em breve a pele estaria fechada e seria como se a faca de Klaus jamais a tivesse rasgado.

Rebekah a observava, esperando por algum sinal de vida em seu rosto lívido, mas sabia que levaria horas até que Marguerite começasse a ressuscitar. E, mesmo depois disto, a menina jamais seria a mesma. Sua vida terminara para sempre esta noite, mesmo que ela continuasse vivendo mais mil anos. Rebekah poderia ter matado Klaus ali mesmo, exultante com seu pingente inútil.

- Olhe o que você fez com ela sibilou Rebekah, tirando o cabelo da testa de Marguerite. Ela não passa de uma *criança*, Niklaus!
- Ela viverá respondeu ele, colocando a opala no bolso interno do paletó. Já parece melhor.
  - Você sabe que a opala não tem valor nenhum, não é? Não há jeito de...
- Ela salvará Vivianne interrompeu Klaus, a voz se elevando sobre a dela. É digna de qualquer preço.

Mesmo depois de séculos de traições e mágoas, ele ainda acreditava na felicidade eterna. Rebekah não sabia se ria ou chorava da ingenuidade dele.

— Marguerite encontrou a pesquisa e as anotações de Lily sobre o feitiço dos *morts-vivants* — ela tentou explicar. — Está funcionando *por intermédio* de Vivianne. Não podemos salvá-la dele, nem com o pingente. Vivianne está se transformando numa *mort-vivant*, e o único jeito de impedir isto é matála, como qualquer um deles.

Klaus olhou com desdém a menina deitada no colo de Rebekah.

— Como você disse, minha querida irmã, ela é basicamente uma *criança*. Uma criança que quase se matou tentando proteger uma louca invencível, e,

assim, você terá de me perdoar se eu não a considerar uma autoridade em tudo que é ou não possível neste mundo.

Rebekah baixou Marguerite gentilmente na grama fria, relutando em deixá-la mesmo que por um segundo. Ela podia ter sido a irmã mais nova que Rebekah nunca teve, ou uma versão mais jovem dela mesma. A pessoa que Rebekah havia sido, antes que pestes e lobisomens desfizessem sua família, antes que a mãe a tivesse amaldiçoado e seu pai a perseguisse. Antes que a perspectiva de uma eternidade repetitiva recaísse plenamente em seus ombros.

Rebekah se levantou, tentando não olhar a menina a seus pés.

- Niklaus, já basta. Lamento por sua dor, mas abra os olhos. Olhe o que sua busca para arrastar Vivianne de volta ao mundo já nos custou, e pense no quanto ainda temos a perder. Nosso povo está morrendo aqui, e sua estupidez dilacerou nossa família.
- Não culpe Vivianne por suas próprias decisões tolas zombou Klaus. Ela não obrigou você a envenenar nosso banquete de casamento nem a nos perseguir em nossa lua de mel. Você fez mais do que o suficiente para separar nossa família e tudo por seu ciúme insignificante de uma mulher que luta contra uma horrível maldição. Se você estivesse do lado dela e, mais importante, do *meu* lado, teríamos resolvido isto há séculos.
- Ela nem deveria estar viva! gritou Rebekah, perdendo inteiramente a paciência. Você fez tudo isto por uma morta! Ela teve sua chance na vida, meu irmão, e a desperdiçou. Foi trágico e sem sentido, foi uma infelicidade, e eu teria feito o que você precisasse se você ao menos tivesse tido a decência de guardar luto por ela. Apenas sofrer, como todos no mundo fazem de vez quando, e por fim aprendesse a superar.

As mãos de Klaus se fecharam em punhos, e Rebekah, por instinto, colocou o corpo na frente de Marguerite, protegendo-a da ira que o irmão ainda sentia.

— Você tem muita coragem, falando de quem deve viver e morrer. Toda nossa existência não é natural, Rebekah. As regras pelas quais as pessoas devem viver e morrer não se aplicam a nós, e minha esposa espera em casa para provar isto mais uma vez. Com esta opala e sua magia, ela pode ter a mesma chance que você e eu, e você está louca se acha que não pretendo dar isso a ela.

Era inútil. Klaus recusava-se a aceitar que havia coisas no mundo fora do controle dele, mesmo enquanto estava cercado do óbvio.

— É claro que você dará a opala a ela — concordou Rebekah, mudando de tática e abrandando o tom. — Niklaus, não estou lhe dizendo para manter a opala longe de Vivianne, nem que você não deve fazer o que estiver em seu poder para ajudá-la. O que estou dizendo é que não está em seu poder. A opala não a ajudará, nem qualquer feitiço que ela esteja preparando em nosso sótão agora. Não estou tentando dissuadi-lo. Estou tentando prepará-lo para o fato de que não vai dar certo.

Alguma coisa se alterou em sua visão periférica, e Klaus também viu. Por um momento breve e esperançoso, ela pensou que talvez fosse Marguerite, curada de seu ferimento horrível, mas a menina ainda jazia pálida e imóvel na grama.

Em vez disso, era sua mãe que se levantava. Lily Leroux colocou-se de pé, trôpega, o pescoço se endireitando num estalo enquanto Rebekah olhava, em choque. Havia um brilho estranho em seus olhos castanhos, uma luz que de algum modo também era um vazio.

Klaus avançou e quebrou seu pescoço de novo. O gesto foi quase impaciente, como se estivesse irritado porque não deu certo matá-la da primeira vez. Rebekah percebeu que ele não entendia o que tinha acontecido. Ele não sabia do farol — Vivianne continuava chamando os bruxos mortos até que todos retornassem. Agora, Lily era uma *mort-vivant*.

Lily colocou o pescoço no lugar, investindo para Klaus numa velocidade quase maior do que os olhos de Rebekah podiam acompanhar. Suas mãos estavam estendidas, as unhas se curvando em garras.

— Ela é um deles — gritou Rebekah, saltando em suas costas e atacando seus olhos.

Era como Marguerite alertara: os bruxos mortos ressuscitariam. Devia estar acontecendo em todo o campo de batalha. Os bruxos vivos estavam renascendo como os mortos-vivos. Rebekah perguntou-se como Elijah e seus exércitos estavam se saindo, se o exército dos bruxos continuava aumentando.

Lily lutava como um demônio, afugentando Rebekah com tal força que seu crânio bateu no de Klaus com um ruído nauseante. Rebekah pegou Lily pelo cabelo castanho e o torceu com força, afastando a bruxa do irmão e lançando-a pelo ar para a relva das colinas ondulantes.

- Ela é minha rosnou Klaus, erguendo o braço para impedir que Rebekah fosse atrás dela, e a irmã revirou os olhos.
- As abominações pertencem a todos rebateu Rebekah, empurrando o braço de Klaus para baixo e partindo atrás de Lily Leroux. Lily era tão responsável pela condição de Marguerite quando Klaus; talvez até mais. Ele podia ser responsável pelo final, mas era Lily quem tinha criado esse pesadelo e obrigara a todos a tentar viver com ele. Mesmo morta, ela era mais problemática do que tinha direito e as mãos de Rebekah se coçavam para tomar seu coração que batia, quente e escorregadio.

Ela alcançou a bruxa morta-viva antes de Klaus, mas Lily partiu loucamente para sua cabeça e Rebekah se abaixou, dando a Klaus tempo para alcançá-la. Ele torceu a cabeça de Lily uma volta inteira, espatifando sua coluna pela terceira vez em cinco minutos, embora a essa altura Rebekah soubesse que era improvável que adiantasse de alguma coisa.

Só havia um jeito de matar Lily, pelo menos enquanto Vivianne estivesse viva. Rebekah gostaria de fazê-lo ela mesma, mas participar da morte de Lily Leroux já seria uma boa lembrança. Rebekah segurou a morta pelos braços, travando-os atrás de seu corpo em luta e oferecendo-a generosamente a Klaus.

Ele mergulhou o punho em seu peito, e, por um instante nauseante, Rebekah pensou sentir os dedos investigativos dele através da pele das costas de Lily. Em seguida ele encontrou o que procurava e puxou, arrancando o órgão ensanguentado pelo buraco aberto na caixa torácica. Rebekah sentiu o corpo de Lily amolecer, arriando contra o dela, deixando-a cair no chão sem a menor cerimônia.

— Bem — disse Klaus num tom despreocupado, apertando o coração até que ficasse disforme e quase irreconhecível. — Podemos ter nossas diferenças, minha querida irmã. Mas se tenho de passar a noite arrancando corações de peitos, não consigo pensar em companhia melhor do que a sua.

A ideia de ter de algum modo vingado Vivianne trouxe um sorriso dissimulado ao rosto de Klaus, uma expressão com a qual Rebekah era bem familiarizada. Klaus pensava já ter vencido, que agora nada podia impedi-lo de salvar o amor de sua vida de seu pavoroso destino. Rebekah sabia, com cada fibra de seu ser, que ele estava errado, mas a visão dele parado ali, tão jovial ao luar, abrandou seu coração até que ele também ficou quase irreconhecível.

Não havia mal algum em deixá-lo tentar. Alguns vampiros a mais talvez morressem e provavelmente outro punhado de lobisomens. Mas a vantagem era que Klaus finalmente perceberia o que ela tentava lhe dizer o tempo todo: não havia feitiço mágico que consertasse todos os danos causados por Lily. Tentar resgatar Vivianne de seu destino — e fracassar mais uma vez — podia ser a poção amarga que o irmão precisava engolir para finalmente perceber que era hora de desistir.

— Vá para casa e experimente a opala — sugeriu ela. — Cuidarei das coisas por aqui.

Klaus jogou o coração longe, tocou o bolso do paletó que guardava o pingente, virou-se e correu para a mansão. Vendo-o partir, Rebekah teve uma esperança desesperada de que ela e Marguerite de algum modo estivessem erradas. O amor verdadeiro tinha suas vantagens.

Elijah fazia o máximo para estar em toda parte ao mesmo tempo, mas sentia que a maré da batalha virava contra eles. No início, parecia que os lobisomens lhes davam uma vantagem substancial; porém, com o tempo, ficou evidente que a lua cheia era mais um contratempo do que um benefício. Os lobos eram fortes, rápidos e impiedosos, mas em sua forma atual não podiam matar nenhum *mort-vivant*. E parecia haver mais destes do que nunca, independentemente de quantos fossem destruídos por Elijah e seus vampiros.

Pior ainda, parecia que os *morts-vivants* preferiam o gosto dos corações de vampiros aos dos lobisomens. As perdas eram grandes por todo lado, mas, mesmo em meio à batalha, Elijah sabia que sua própria espécie levava a pior.

Pela primeira vez desde que partira para recrutar os lobisomens na noite anterior, Elijah se sentia obrigado a considerar a possibilidade de que estivera ansioso demais para conseguir ajuda dos lobisomens. Ele abrira mão de uma parte substancial da cidade — da cidade *dele*, pela qual lutara tanto, que reconstruíra e mantivera unida com suas próprias mãos — e em troca do quê? Para que os lobos de William pudessem atormentar um pouco os bruxos, enquanto seus próprios vampiros eram esmagados sob o fardo de vencer a guerra?

Se William o tivesse procurado com este acordo, Elijah teria estado certo de que era um truque. Mas, pelo andar das coisas, não havia a quem culpar, exceto ele mesmo... E, naturalmente, Lily Leroux.

A tristeza de Klaus havia sido uma represa prestes a explodir. Por 44 anos, seus inimigos recusaram-se a "ajudá-lo", acreditando que o pior que podiam fazer a ele era negar o que ele mais queria. Só Lily vira o verdadeiro

potencial no desejo cego de Klaus. Ela lhe dera o que ele mais desejava na forma de uma arma — era verdadeiramente uma espécie brilhante de mal. Elijah esperava sinceramente que Klaus encontrasse um jeito de contornar o feitiço de ligação para fazê-la pagar como merecia.

Ele desconfiava de que o irmão talvez já tivesse matado a bruxa. Não havia mais sinal de nenhum comando central. Feitiços eram lançados às tontas, às vezes chocando-se em pleno ar, e os *morts-vivants* se amontoavam em volta de cada coração recém-capturado, brigando entre si pela primeira prova. Já se passara quase uma hora desde que Elijah conseguira ter um vislumbre de sua general, e assim talvez Klaus tivesse conseguido dar um fim ao reinado curto e cruel de Lily.

Infelizmente, a desorganização dos bruxos só parecia torná-los mais brutais, e o exército de Elijah lutava para sobreviver. Mesmo com Lily fora do caminho, começava a parecer improvável que os vampiros conseguissem superar tantos agressores cruéis e sedentos de sangue.

Elijah viu um lobisomem disparar pelo ar, perfeito em um movimento poderoso de avanço. Caiu em cheio no peito de um bruxo vivo, que o viu tarde demais para voltar sua magia contra a fera imensa. O lobo rasgou o pescoço do bruxo com uma proficiência homicida e avançou, arrastando a perna de um *mort-vivant* que estava perto de dominar dois dos vampiros de Elijah.

Ele não conseguia entender como poderiam estar em número tão inferior. Era difícil matar os *morts-vivants*, sem dúvida nenhuma, mas seus camaradas vivos estavam sendo derrotados drasticamente frente ao poder combinado de vampiros e lobisomens. Entretanto, o exército deles não parecia menor do que quando foram vistos pela primeira vez nas colinas, como se outros mortos-vivos de algum modo reforçassem suas tropas sem que sua aproximação fosse vista.

Uma das criaturas mordeu violentamente o ombro de Elijah, pendurando-se como um cão raivoso quando Elijah tentou se livrar dela. Apareceu um lobisomem tentando ajudar, mas a *mort-vivant* torceu-se como uma serpente, de algum modo mantendo os dentes no lugar enquanto afundava o esterno do lobisomem com um pontapé.

A criatura caiu, gemendo, na relva, e a inutilidade de sua intervenção provocou uma fúria irracional em Elijah. Ele agarrou a *mort-vivant* pela nuca e a afastou, ignorando a sensação da própria carne sendo arrancada

por seus dentes que se recusavam a soltá-la. Manteve o monstro afastado de si por um momento, vendo a bruxa morta-viva engolir o pedaço do ombro de Elijah com um prazer revoltante.

Ainda fervendo de raiva, ele estendeu a mão para pegar seu coração, mas a atenção dela foi desviada do banquete medonho bem a tempo de ver o movimento. Ela pegou a mão de Elijah nas dela, sorrindo e revelando os dentes manchados de sangue e tecido, e ele se sentiu um humano esmurrando um muro de pedra. Durante séculos, Elijah considerava natural sua força descomunal — todos os Originais a tinham —, e o choque do impacto foi um lembrete desagradável do quanto ele dependia da própria maldição.

Não deveria existir nada tão forte habitando o mundo. Nem *morts-vivants*, nem os Mikaelson. Elijah sabia que, para a população mortal e comum de Nova Orleans, não haveria diferença entre os dois — afinal, ele sobrevivia bebendo sangue humano. Talvez as duas espécies anormais devessem eliminar uma à outra e deixar o mundo para aqueles que morriam em seu tempo.

Um punho fechado apareceu no meio do peito da *mort-vivant*, estendendo seu coração em triunfo para Elijah. O corpo da bruxa ficou flácido, e ele soltou seu pescoço. Rebekah postava-se diante dele, ainda segurando o órgão ensanguentado, a pele de porcelana raiada do sangue de uma dezena de outros semelhantes.

Elijah até então não tinha percebido que a maré da batalha o levara à extremidade mais a oeste das colinas, onde mais cedo tivera um breve vislumbre de Lily. Seu cadáver ainda estava lá, percebeu ele, junto com o corpo magro e fino de uma menina que ele não queria reconhecer. Rebekah colocou-se sobre a menina, e Elijah entendeu que a irmã também estivera protegendo Marguerite quando o ajudou. Ela lutava com unhas e dentes para manter um espaço em torno do corpo flácido da menina, embora não parecesse incomodá-la que, a poucos metros dali, Lily era pisoteada.

— A vaca está morta — anunciou Rebekah, depois aparou outros três golpes de um bruxo morto sucessivamente e mergulhou o punho através de seu crânio. Ele não morrera, mas agora seus ataques eram às cegas e sem foco. Ele oscilava freneticamente, batendo ao acaso em amigos e inimigos, mas sem conseguir chegar perto de Rebekah.

Elijah viu Lisette momentos antes de ela aniquilar o *mort-vivant* para sempre. Estava acesa da emoção da batalha, brilhando sob o luar.

- Estamos em menor número! avisou ela.
- Estamos matando muitos deles garantiu Elijah a Lisette, embora soubesse que ela estava certa. De onde todos eles vêm?
- É o feitiço disse Rebekah, tirando um lobisomem que rosnava do caminho de um bruxo de aparência desagradável e voltando a olhar a menina imóvel ao lado dela. Era o que eu estive tentando... Antes que ela pudesse terminar, um grupo de *morts-vivants* rompeu o círculo de vampiros que tentava contê-los.

Elijah avançou para ajudar a proteger Marguerite, mas antes que desse um passo, uma agitação na grama chamou sua atenção. Ele se virou para olhar, pronto para derrubar um *mort-vivant*, e pelo canto do olho viu Lisette preparando-se para fazer o mesmo.

Ela ia avançar, ávida da luta, porém Elijah segurou seu braço e a fez parar. Algo o importunava, uma familiaridade, uma lembrança de ter visto como este bruxo veio a parar neste determinado local. Só que naquele momento ainda não estava morto.

Elijah vira o mesmo bruxo destruído por um lobisomem poucos minutos antes e tinha absoluta certeza de que o homem naquela hora estivera vivo. O lobo rasgou sua garganta e o deixou morrer — deixou-o morto —, mas ele havia voltado quase que imediatamente como um dos devoradores de coração de Lily. Não havia nem um arranhão nele, nenhum sinal da surra que acabara de suportar. Ele tinha caído como uma coisa e se levantado como outra inteiramente diferente.

— Os vivos estão sendo ressuscitados como mortos-vivos — vociferou Rebekah, enfim despachando o último de seu grupo de *morts-vivants*. — Aconteceu com Lily também.

Não era de se admirar que a cada minuto sua inferioridade numérica aumentasse: cada morte fácil criava um inimigo novo e muito mais formidável. Os bruxos refaziam seu exército ainda mais rápido do que os vampiros o destruíam.

— Isso explica tudo — concordou Lisette, largando a mão de Elijah para combater o mais novo *mort-vivant*. Ele apressou-se a ajudá-la e pensou que os dois formavam uma equipe eficaz. Mas parecia haver bruxos mortos-

vivos para todo lado, atacando e interferindo de todos os lados e impedindo que eles pegassem cada um.

Não havia como dizer até que ponto o mal podia se espalhar, ou que destruição caía sobre as cidades que não tinham a proteção dos vampiros. Em sua tentativa de tomar Nova Orleans, Lily Leroux pode ter atingido todo o Novo Mundo.

Uma vampira gritou, e não havia ninguém livre para alcançá-la a tempo. Morria um número cada vez maior deles, para onde quer que Elijah olhasse. Ele ainda podia ver muitas presas expostas e olhos amarelos, mas eram como ilhas engolfadas em um mar de *morts-vivants*. Os vampiros que ele criara eram despedaçados, e parecia que o seguinte sempre corria perigo antes que ele conseguisse alcançar o anterior.

Não havia nada a ser feito, porém, senão continuar lutando. Ele tinha criado este exército e o liderara no campo de batalha. Lily podia ter começado essa guerra, mas agora ela também era de Elijah e ele continuaria defendendo seu exército até ser dizimado.

Vivianne virava a opala nas mãos, olhando-a como se seus lampejos de fogo pudessem revelar seus mistérios. Klaus tinha cada músculo do corpo de prontidão, esperando apenas que ela dissesse o que fazer.

— Precisarei de seu sangue — murmurou Vivianne, e Klaus abriu uma veia antes que suas palavras tivessem morrido no ar empoeirado e do sótão.

Ela estendeu a pedra para pegar o líquido grosso e escuro, e sua superfície lisa pareceu bebê-lo. Ele vira a mesma coisa, recordava-se, quando Lily fizera o feitiço de ligação e se perguntou o quanto de seu sangue a pedra amaldiçoada poderia tragar.

Vivianne olhou a opala por mais um momento e estendeu o pulso frágil para Klaus.

— Agora o meu — disse ela.

Ele hesitou só por um instante e mordeu sua pele, com a maior gentileza possível. Sabia que ela já suportara coisa muito pior, mas não conseguia lhe escapar a sensação de que já a machucara o suficiente — e por demais.

Mas Vivianne nem mesmo registrou o desconforto, concentrada no grimório aberto a seus pés. Colocou o pingente nas tábuas do piso ao lado dele e mergulhou o dedo no sangue que brotava de sua pele.

- A opala conecta as energias explicou ela, traçando um desenho com giz no chão em volta do pingente. A sua à de Lily, a minha à sua, a dela aos *morts-vivants* para que eles façam o que ela manda. As ligações servem a diferentes propósitos, mas todas passam por esta pedra.
- Não precisamos de um colar para nos unir, meu amor. Lily podia ter usado a magia para trazer Vivianne de volta especificamente para ele, mas se ela despertasse do outro lado do mundo, Klaus sabia que eles ainda se encontrariam.

— Exatamente. — Vivianne afastou-se um passo para examinar o desenho, depois apagou uma linha um pouco torta e traçou de novo. — Nenhuma das ligações da pedra é natural ou necessária; simplesmente eram adequadas aos propósitos de Lily. Este ritual romperá todas, depois estaremos livres dela e de seus monstros para sempre.

O luar entrava pelas janelas ao norte. Era difícil livrar-se da estranheza, embora Klaus soubesse que era Vivianne trabalhando em sua magia e não a coisa sombria que tentava tomar posse dentro dela. A criatura tinha apenas alguns minutos a mais de vida, depois seria banida para sempre.

Assim que tudo estivesse terminado, ele a levaria para longe, a um lugar com muito sol e nenhum monstro. Eles ficariam pelo tempo que ela precisasse para se curar e se sentir segura novamente.

— Isto parece certo para você? — perguntou ela. — Deixe para lá, só fique parado aí, onde as linhas se cruzam, e deixe que eu me concentre.

Sua voz era mais áspera do que o habitual. Ele quase podia ver a urgência crepitando em torno dela, misturando-se com a aura invisível de sua magia. Sombria ou luminosa, Vivianne era poderosa, alguém digna de respeito, e ele reprimiu um sorriso ao obedecer a sua ordem.

Vivianne começou a entoar, e as velas que ela arrumara em volta do símbolo acenderam-se de repente, ganhando vida. As sombras que lançavam pareciam se mover nos cantos da visão de Klaus, contorcendo-se até que ele se virou para olhá-las diretamente. Sentia uma estranha tensão se formando no sótão. Sombras dançavam e giravam, completamente desprendidas dos objetos que as lançavam, sem nem mesmo fingir pertencer ao mundo mortal. Torciam-se e voavam em torno da cabeça de Klaus, como morcegos, mas ele só tinha olhos para Vivianne.

Ele quase podia ver a batalha de forças dentro dela, a guerra que ela travava para controlar o próprio corpo e a alma. Ela lutava para comandar a própria magia enquanto a de Lily ameaçava dominar, e seu corpo magro continha um oceano tempestuoso de poder, embora ela estivesse inteiramente imóvel.

Com um movimento tão rápido que nem os olhos afiados de Klaus conseguiram ver, ela baixou o punho da adaga de Klaus na opala, espatifando-a em um milhão de pedaços. As sombras em volta deles se separaram no mesmo instante, espalhando-se, depois voltaram a seus lugares. Uma ventania súbita uivou pelo sótão, soprada pela pedra quebrada

ou talvez partindo da própria Vivianne, mas apesar de Klaus sentir que rasgava suas roupas, as chamas das muitas velas em volta dele nem mesmo bruxulearam.

Arderam firmes até que o vento cessou, depois se apagaram tão subitamente que era como se as chamas de algum modo tivessem tragado a tempestade. Não restava nenhum sinal de magia, nada além do leve cheiro de fumaça que já começava a desaparecer. Estava tudo acabado, e eles estavam sozinhos no sótão. Vivianne vacilava um pouco, mas Klaus viu alguma cor voltando a seu rosto e o fantasma de um sorriso brincando nos lábios.

— Funcionou — disse-lhe ela. — Senti o feitiço funcionar.

Ele certamente sentiu alguma coisa, mas se aproximou dela lentamente, tentando apreender cada mudança sutil nela a um só tempo.

- Você está... com fome? perguntou ele, procurando no poço fundo de seus olhos negros algo sinistro que estivesse à espreita.
- Não sei admitiu Vivianne, colocando a mão na mordida no próprio pulso. O sangramento já havia se reduzido a quase nada, mas Klaus o levou aos lábios e beijou delicadamente ao mesmo tempo. — Estou tonta.

Ele estava tão concentrado em Vivianne que precisou de um instante para registrar o estranho silêncio que caía do lado de fora da casa. Não havia mais gritos, nem rasgos ou cortes de carne a ser ouvido.

Ele a abraçou, mantendo-a tão perto de seu corpo que quase podia sentir a pulsação de Vivianne tão forte quanto a dele. Sentia o leve aroma de lilases de seu cabelo e as curvas suaves dos quadris contra os dele. Ela ia ficar bem; ele dedicaria o resto da eternidade a se certificar disso.

Ele a abraçava, respirava, tentava não ouvir os novos gritos que se elevavam dos exércitos do lado de fora. Vivianne se mexeu, e Klaus entendeu que ela também devia estar ouvindo. Mas ele apenas a puxou para mais perto, querendo partilhar um último minuto de esperança com ela, um último interlúdio pacífico.

— Agora você precisa se afastar de mim — sussurrou ela enfim, e ele ouviu a fome em sua voz. — Klaus, você nem imagina o quanto me esforço para não matá-lo agora mesmo.

Klaus, porém, podia sentir, no jeito como o corpo de Vivianne tremia e pela tensão em seus músculos. O feitiço pode ter feito o que estava escrito, mas nada do que importava tinha mudado. Rebekah estivera certa o tempo

todo de que a magia não saíra barata. O que tornava a magia tão perigosa era que seu preço equivaleria ao prêmio. Não havia nada no mundo que valesse tanto para Klaus quanto Vivianne, e assim o custo de consegui-la de volta só podia ser perdê-la novamente.

Klaus afastou-se com relutância, os olhos percorrendo o corpo trêmulo de Vivianne.

— Vá e veja — incentivou entre dentes, jogando o queixo para indicar a janela mais próxima. — Veja com os próprios olhos o nosso fracasso. — Klaus hesitou por um momento, mas ela não se mexeu e assim ele atravessou o piso rangente do sótão. A cena do lado de fora era ainda mais sangrenta do que ele imaginara. Havia *morts-vivants* para todo lado, e eles pareciam matar todos a sua volta indiscriminadamente. Um deles arrancou a cabeça de um bruxo vivo enquanto Klaus olhava, e outro parecia estar tentando rasgar a pele de um lobisomem em uma tira comprida.

Klaus voltou-se para Vivianne, procurando pelas palavras que descrevessem o que estava acontecendo. Ao fazê-lo, viu a mudança repentina, o momento quase imperceptível em que Vivianne perdera a batalha pelo controle. Ele deu um salto para trás no instante exato em que ela atacou, mas ela era muito mais rápida. Suas unhas arranharam o pescoço de Klaus, abrindo-o, e ele sentiu o próprio sangue escorrer na camisa.

Klaus a empurrou com força, sentido náuseas ao vê-la lamber das mãos o sangue de sua jugular.

— O pingente deveria ter libertado você — sussurrou Klaus. Ele não se permitiu considerar a possibilidade de que não funcionaria. Jamais imaginara o fracasso, não estava preparado para a dor brutal e penetrante daquele momento.

Vivianne gritou sem nenhuma coerência e arrancou alguns punhados brilhantes de seu cabelo preto. Klaus tirou proveito de sua inquietação momentânea para segurá-la pelos braços, prendendo-os junto do corpo. Ela lutou, e era quase igualmente forte, mas ele aguentou. Ela merecia entender o que estava acontecendo, mesmo que ele jamais compreendesse verdadeiramente.

Os músculos de Vivianne acabaram por relaxar, e seus gritos ásperos ficaram roucos, enfim tornando-se soluços desesperançados. Ela pousou a cabeça escura no ombro de Klaus, e ele não conseguia se convencer a relaxar a mão, mas ela não deu a entender que ia atacá-lo.

- Não existe liberdade para mim disse ela num tom estridente, a voz arruinada. Agora posso sentir. Klaus, meu vínculo com os *morts-vivants* nunca foi algum frágil feitiço de ligação, nem nenhuma maldição que Lily tenha feito depois de me criar. Nasceu da magia que mantém a todos nós vivos: eles e eu também.
- Vamos continuar procurando prometeu Klaus, ouvindo que a própria voz era quase tão rouca quanto a dela. Deve haver outros feitiços...
- Não sussurrou Vivianne. Só existe um jeito de acabar com este pesadelo, e creio que você sabe qual é. Creio que você já sabe há algum tempo.
- Lily escolheu você por minha causa admitiu Klaus, sentindo a amargura em suas palavras. Ela a tornou a chave de seu feitiço, porque sabia que eu jamais poderia... que eu não...
- Ah... Vivianne suspirou, e, embora houvesse tristeza em seus olhos,
  Klaus pensou poder ver também o alívio ali. O feitiço sobrevive junto comigo, então. E Lily acreditava que você jamais concordaria em me deixar morrer mais uma vez. Ela sorriu e levou a mão macia ao rosto dele. Ela não conhecia você como eu, meu amor.

Klaus virou o rosto para que seus lábios roçassem os dedos dela.

— Você sabe que sou seu, Viv.

Vivianne então levantou a cabeça e o beijou na boca, seus lábios grossos salgados das próprias lágrimas.

- Eu te amo, Niklaus. Daria qualquer coisa para partilhar a vida com você, mas a minha já acabou. Esta coisa que tenho agora não é vida, sempre esperando pela próxima vez em que começo a afundar na escuridão. Mais cedo ou mais tarde, não conseguirei subir para tomar ar, e me afogarei nestas trevas para sempre.
- Não quero perdê-la de novo murmurou ele, beijando sua boca, as faces manchadas de lágrimas, seu cabelo.
- Ainda é a primeira vez disse-lhe ela suavemente, fechando os olhos. Seus cílios longos brilhavam úmidos no rosto branco. Fomos tolos em pensar que haveria uma segunda chance para nós. Nunca houve... Finja que isto nunca aconteceu.

Ele jamais faria isto, e ela devia saber. Não havia nada que pudesse atenuar esta dor, nenhuma lógica que servisse de argumento. O caráter

definitivo e brutal desta segunda perda a tornava mil vezes pior do que a primeira, e a primeira já tinha sido insuportável. Não havia como Klaus sobreviver a essa noite sem ser marcado para sempre, mas também não havia alternativa.

Ele a amara o suficiente para mover montanhas a fim de trazê-la de volta, mas a amava demais para lhe pedir para ficar. Não desse jeito, não presa entre seu verdadeiro ser e um monstro cruel.

- Eu lhe daria qualquer coisa para não fazer isso disse ele, memorizando cada centímetro do rosto dela, sem parar.
- Você não ia querer que ninguém mais fizesse. Ela sorriu através das lágrimas. Nem eu. Diga adeus, Niklaus, e mande-me para o Outro Lado, onde eu possa sonhar com você de novo.

Ela fechou os olhos e ele beijou cada pálpebra com ternura.

— Adeus, Vivianne — sussurrou. — Jamais amarei outra como amo você. — Depois deu um murro em seu peito, sentindo suas costelas quebradas arranharem os nós dos dedos, e puxou seu coração pelo buraco que havia criado. Vivianne Lescheres Mikaelson morreu com lágrimas nos olhos e um sorriso nos lábios rubi, caindo nos braços de Klaus com um último suspiro.

Ele a segurou e olhou o coração em sua mão, sentindo como se fosse o dele próprio. Algo se transformava dentro dele, reorganizando-se em torno de um novo espaço vazio no peito antes sequer que o corpo de Vivianne tivesse a chance de esfriar.

Ele lhe dissera a verdade absoluta. Nunca seria possível para Klaus voltar a amar assim. O sofrimento que ele agora sentia não deixava espaço, e esta era uma lição que Klaus jamais esqueceria. Perder Vivianne o obrigava a encarar a eternidade sozinho, porque uma eternidade repleta de uma perda dessas era insuportável. O amor da vida de Klaus Mikaelson morrera, e não havia nada em seu futuro, exceto mais vida.

Tudo o que Rebekah podia fazer era manter a violência longe de Marguerite. Não havia espaço para respirar nem pensar, nem oportunidade de transferir a menina a um lugar mais seguro. Os exércitos de Elijah haviam passado a noite criando novos *morts-vivants*, e agora eles estavam em toda parte. Os olhos amarelos de um lobisomem apagaram-se bem na frente dela, e o monstro que o matou arreganhou os dentes ensanguentados para Rebekah — um homem de pele pastosa e cabelo curto que olhava avidamente para Marguerite como se soubesse que seu coração sem bater ainda estava milagrosamente vivo.

Seus olhos mortos adejavam entre as duas mulheres. Ele simulou um ataque à esquerda, depois à direita, mas Rebekah tinha experiência em muitas lutas e não estava disposta a ser paciente. O *mort-vivant* deu o bote meio longe demais, alterando o peso do corpo o bastante para não conseguir se recuperar a tempo, e Rebekah atacou. Despejou uma saraivada de golpes em seus braços e na cabeça até que ele foi obrigado a baixar a guarda, deixando desprotegida a caixa torácica. Ela o matou rapidamente, porque sentia olhos em suas costas e sabia que não tinha tempo a perder.

Uma *mort-vivant* em seus 40 anos, de cabelo louro muito claro embolado no alto da cabeça, conseguira passar pela proteção de Rebekah e estava postada sobre o corpo deitado de Marguerite. Rebekah a apanhou pela gola branca e suja e a atirou de costas com a maior força que pôde, mas a bruxa se colocou de pé, e as duas rolaram, rosnando e lutando para ter uma vantagem na briga. Depois a bruxa foi levantada dela, e Rebekah teve um vislumbre de cabelo dourado avermelhado e sardas enquanto se colocava rapidamente de pé. A *mort-vivant* gritou sem nenhuma coerência e bateu no braço direito de Lisette, investindo com a mão para o peito da

jovem vampira. Rebekah as separou bem a tempo e meteu o próprio punho pela coluna da bruxa morta-viva, arrancando seu coração pelas costas.

- Obrigada. Lisette ofegava, o rosto ainda mais pálido à luz da lua do que o de costume. Ela colocou o braço ferido contra o peito machucado, mas Rebekah via que os dois cortes já começavam a se curar. Logo Marguerite seria igualmente indestrutível, mas primeiro Rebekah precisava evitar que o cadáver fosse ferido pelos canibais cruéis criados pela mãe da menina.
- Você viu Elijah? perguntou Rebekah. Ele tem algum plano, ou só estamos lutando até o último sobrevivente?
- Da última vez que o vi, ele estava perto da fonte. Lisette esfregou o braço que se curava com a mão oposta. Vários de nós se reagruparam perto da casa, mas ele parecia preocupado porque você não estava lá, então vim procurá-la.
- Eu estou bem aqui. Rebekah lançou outro olhar a Marguerite. Mesmo com a ajuda de Lisette, ela não estava disposta a se arriscar, carregando o corpo por entre uma guerra furiosa. Rebekah só teria de aguentar até que Klaus desse fim à maldição de Lily... de um jeito ou de outro.
- Cuidado! gritou Lisette. Rebekah se abaixou por instinto. Um *mort-vivant* rompeu o grupo de lobisomens, segurando uma de suas pernas traseiras como troféu. Depois um estremecimento dominou a criatura e Rebekah sentiu um eco passar pelo campo de batalha. Os *morts-vivants*, todos eles, contorciam-se e se amarfanhavam no chão, como um mecanismo de relógio que finalmente ficava sem corda.

Um estranho silêncio caiu sobre o campo, e Rebekah ouviu alguns assovios e gritos. Seu exército estava machucado e exausto, ansioso por afirmar a parada repentina como vitória. Num momento estiveram lutando pela própria vida, no seguinte a horda de agressores simplesmente desistira.

— Niklaus — sussurrou Rebekah, perguntando-se como ele fizera aquilo. Será que ela e Marguerite afinal haviam entendido tudo errado? Poderia o feitiço de Vivianne de fato ter funcionado? Era quase impossível imaginar a alternativa. Se não foi o feitiço... Se Klaus... Rebekah olhou fixamente a mansão, perguntando-se o que estaria acontecendo dentro de suas paredes.

E então veio outra onda, outra perturbação indefinível que passou pelos mortos-vivos com a mesma rapidez e silêncio da primeira. Em algum lugar

ali perto ela ouviu um grito, depois outro.

Corpos se contorciam no campo, troncos encontrando novos braços e cabeças diferentes — como bonecas de trapo que foram rasgadas e costuradas com os pedaços disponíveis. Corações ao acaso rolavam de volta a corpos ao acaso, uma dança das cadeiras infernal. Um bruxo se levantou diante dela, mas, enquanto se colocava trôpego de pé, Rebekah só conseguia olhar. Ele se firmou em uma das próprias pernas; uma pata de lobisomem substituía a outra. O *mort-vivant* avançou desequilibrado sobre um pé humano e uma pata desajeitada.

- Não é todo dia que se vê isso observou Lisette enquanto a criatura mancava na direção delas. — Nem mesmo na nossa espécie.
- Vá vociferou Rebekah. Volte para Elijah... Ele vai precisar de todos. O *mort-vivant* a alcançou e girou o braço violentamente para sua cabeça. Rebekah aparou o golpe e arrancou seu braço, por segurança. Jogouo o mais longe que pôde, mas, pelo canto no olho, viu que o braço rastejava para um *mort-vivant* maneta.

Antes que o monstro pudesse se refazer o suficiente para voltar a atacar, alguém o pegou por trás, esmurrando por suas costas, como se fossem de papel. Enquanto ele caía, Rebekah parou, pretendendo agradecer a quem tinha interferido, mas não reconheceu o dono da mão que segurava o coração sangrento da criatura. Em seguida, para seu espanto, o homem que matou o *mort-vivant* levou o coração à própria boca, rasgando-o com os dentes sujos de sangue.

— Ele era um dos seus! — exclamou ela, mas percebeu que não importava. Claramente, algo dera errado com a magia que sustentara os *morts-vivants* e lhes dera propósito.

Ela antes achara a batalha caótica, mas agora era uma completa loucura. Os *morts-vivants* que ela e seus aliados passaram a noite toda dilacerando reconstituíam-se ao acaso, com as cabeças erradas em corpos errados e pernas e braços invertidos. Matavam indiscriminadamente, e o sangue fluía e jorrava para todo lado que ela olhava.

Um bruxo morto-vivo avançou para uma das poucas bruxas vivas que ainda restavam, que lançava uma bola de fogo sobrenatural para ele. O *mort-vivant*, ardendo como uma tocha, nem mesmo hesitou ao dilacerar a bruxa e devorar seu coração.

Aos olhos cada vez mais incrédulos de Rebekah, a coisa começou a derreter diante de seus olhos. Ainda queimando, inacreditavelmente, ainda comendo, o *mort-vivant* começou a borbulhar e desabar sobre si mesmo, sua carne se soltando dos ossos em uma massa disforme no chão.

Gritos se elevaram pelo campo de batalha, e ela percebeu que acontecia com todos eles. Cada *mort-vivant* ali se desintegrava. Rebekah ainda conseguia distinguir o contorno de feições, bocas petrificadas em gritos silenciosos. Alguns estendiam a mão para o alto, a pele se descascando, e ela não conseguia deduzir se pediam socorro ou faziam uma última tentativa desesperada de agarrar o coração de um inimigo invisível.

Rebekah esperou, assim como o resto de seu exército. Nenhum vampiro ou lobisomem se atrevia a acreditar nesta vitória repentina, tão próxima da anterior, falsa. Mas os restos repugnantes de *morts-vivants* ficaram onde caíram e, por fim, ela entendeu que eles teriam de acreditar nos próprios olhos.

Rebekah sentiu a bile subindo pela garganta e deu a volta pelo campo de batalha, evitando ao máximo os forasteiros. No meio, onde a luta havia sido mais intensa, as poças pegajosas e deformadas escorriam umas para as outras, misturando os restos sobrenaturais em uma massa gigantesca de vilania indistinguível.

Rebekah se colocou entre os vampiros que voltavam para se juntar a Elijah.

- Acabou disse ele quando a viu, como se não fosse a coisa mais evidente do mundo naquela manhã.
- Niklaus deu fim disse ela, sabendo em seu íntimo que era a verdade. Ela jamais tinha admirado Niklaus como naquele momento, sabendo o que ele devia ter feito e o custo que tivera para o irmão.

O maxilar quadrado de Elijah enrijeceu, traindo alguma emoção tão escondida que ele mal conseguia colocar em palavras.

Estávamos perdendo — disse ele por fim. Olhou o que restava de seu exército, alguns punhados de vampiros mancando para a mansão. Os lobisomens já haviam desaparecido na mata, embora Rebekah tivesse certeza de que voltariam muito em breve para reivindicar sua recompensa.
Agora Niklaus precisará de nós.

As colinas a leste já estavam em fogo com a promessa do nascer do sol, e os restos da batalha aos pés dos dois tinham um brilho quase bonito. Parecia

uma obra-prima da pintura de algum desastre há muito passado, a infelicidade transformada em arte. Rebekah segurou o braço que Elijah lhe ofereceu, e, juntos, os dois atravessaram o gramado para sua casa e seu irmão.

Na longa experiência de Rebekah, o tempo mudava tudo, exceto as pessoas. Ela e os irmãos haviam passado mais de mil anos juntos e tiveram um ou outro contratempo em sua vida interminável. Mas, com o tempo, ela passou a ver que havia uma personalidade essencial em cada um deles, datando de seus dias como humanos, e que não podia ser tocada por nada que lhes acontecesse depois. No fundo eles eram quem eram, quaisquer que fossem as cicatrizes na superfície.

Klaus talvez não pudesse ser mais o mesmo homem, agora que perdera Vivianne para sempre. Mas também não seria um estranho. Ele era seu irmão, como sempre foi e sempre seria, e ela podia respeitar sua tristeza o bastante para não temê-la nem tentar evitá-la. A tristeza passaria, como tudo passava, e eles ainda seriam uma família.

Mais uma vez, era hora de reconstruir.

Elijah rolou o corpo, relaxando no travesseiro. Lisette se contorceu para se ajeitar, acomodando a cabeça na cavidade do ombro dele, como se as duas partes fossem feitas uma para a outra.

- O sol ainda está alto resmungou ela. Ainda temos horas.
- Temos no máximo uma hora discordou Elijah, mas sentiu um sorriso puxar os cantos de sua boca, apesar disso.
- Uma hora significa séculos ela lembrou, passando a ponta do dedo ágil por seu peito despido. Ele quase se deixou distrair pela proposta, mas, à medida que a noite caía, era cada vez mais difícil bloquear todas as novas irritações que viriam com ela.
- O conselho se reunirá esta noite pela primeira vez desde que ofereci um lugar aos lobisomens lembrou Elijah, como se alguém pudesse ter colocado os pés na mansão dos Mikaelson nas últimas duas semanas sem ficar sabendo disso. Em deferência às circunstâncias especiais de William Collado, o conselho paralelo da cidade ressuscitara a antiga tradição de se reunir na lua nova. Isto manteria a beligerância no nível mínimo e, considerando o estado mental de Elijah com toda a questão, não faria muito mais além disso.

Lisette voltou a passar a ponta do dedo por ele.

- Eles deviam estar agradecidos disse ela. Fizeram pouco para ganhar este lugar, e espero que se lembrem disso.
- A memória é uma coisa estranha. Elijah já vira a questão incontáveis vezes: ressentimentos alimentados por gerações e favores esquecidos no dia seguinte.

William certamente argumentaria que isso sequer havia sido um favor. Seus lobos, afinal, lutaram como prometido e nem um só vampiro foi tocado pelo veneno de suas presas. O fato de que os lobisomens não tinham alterado o rumo da batalha como se esperava, e não tiveram nenhuma relação com sua vitória, não alterava as coisas aos olhos deles. William cumprira sua parte do trato, e não era culpa dele que Elijah se arrependesse de ter que cumprir a dele.

- Você teve de lhes dar o que prometeu observou Lisette e ainda tem. Agora que está feito, podemos começar a questão de tomar de volta.
- Já fizemos isso antes. Elijah sorriu, admitindo para si mesmo que Lisette tinha razão. Tinha sido muito agradável a trajetória de seu sucesso em Nova Orleans desde o furação, a ideia de se ver como um rei paralelo. Havia algo enérgico na reconstrução de um reino. Acho que posso ser convencido a fazer tudo de novo.

Lisette riu e se aconchegou mais, toda extensão e maciez surpreendente.

— Duvido que você possa ser convencido do contrário — ela o reprovou.
— Mesmo que por uma hora.

Já havia menos tempo do que isso. Eles precisavam se vestir e se juntar ao resto do mundo. Mas não imediatamente e, assim, ele virou a cabeça para beijá-la. Ela recebeu o gesto com um leve zumbido de aprovação, correspondendo ao beijo com entusiasmo.

Elijah rolou, puxando-a para baixo dele no meio da cama, de forma que pudesse ter plena vantagem dos últimos minutos de seu tempo juntos. Lisette riu e se enroscou contra ele, trazendo sua boca para si. Ele se perdeu nela, no movimento de seu corpo e no brilho malicioso de seus olhos cinzentos.

No fim, ele simplesmente a abraçou, saciado e um pouquinho atrasado. Teria preferido ficar assim para sempre, mas por fim Elijah não teria como se justificar aos irmãos à espera. Saiu da cama, com remorsos. Lisette se espreguiçou pelos lençóis, consciente de como seu corpo era tentador, e sorriu com malícia quando ele hesitou uma última vez.

— Vá — disse-lhe ela, batendo a colcha nas pernas dele. — Nova Orleans não vai se governar sozinha, não importa quantos lobisomens consigam habitá-la.

Ele fez o que ela sugeriu, colocando uma capa por cima das roupas vestidas às pressas enquanto descia a escadaria curva. Rebekah e Klaus esperavam por ele ao pé da escada, parecendo prontos para sair e um tanto quanto impacientes.

- Até que enfim ele ouviu Rebekah resmungar, mas nenhuma rabugice estragaria seu estado de espírito.
- A carruagem está aqui observou Klaus, saindo primeiro pela porta.
   O cocheiro pulou ao chão e apressadamente manteve aberta a porta da carruagem para eles. Ele já está aqui há meia hora, embora nunca se importe de esperar por nossa Rebekah.

Ela fez uma careta para Klaus enquanto entrava na carruagem e Elijah suspirou ao seguir os dois para o banco estofado de veludo. Não importa quantas vezes o mundo dos três virasse de cabeça para baixo, algumas coisas simplesmente não podiam mudar.

Klaus e Rebekah haviam se tratado com uma cortesia quase dolorosa logo após a morte de Vivianne e o fim dos *morts-vivants*, mas é claro que não conseguiram sustentar isso por muito tempo. Duas semanas depois, voltaram a ser o que sempre foram, batendo boca, atormentando-se e atacando-se pelos corredores da mansão, trocando gritos como crianças malcriadas. Sua breve trégua tinha sido agradável, mas Elijah descobriu que ficava mais à vontade com a relação antiga e familiar deles. Era a família que fazia um lar e sem dúvida os irmãos eram o lar de Elijah.

- O antigo Bairro dos Lobisomens está movimentado de novo refletiu Rebekah enquanto a carruagem chocalhava pela rua. Eles não perderam tempo em se aproveitar de seu pequeno acordo.
- E por que perderiam? perguntou Klaus, aparentemente disposto a afastar o foco de seu desdém da irmã, uma vez que Elijah estava disponível como alvo melhor. — Até parece que estão em condições de nos dar tempo para reconsiderar.
- Agora já está feito rebateu Elijah. Eles cumpriram sua parte, então cumpriremos a nossa.
- Quase metade de nossas terras em troca de nada? zombou
  Rebekah. A parte deles nesse trato foi muito mais fácil do que a nossa.
- Niklaus estava disposto a abrir mão do dobro por amor observou Elijah, irritado. E, se bem me recordo, minha querida irmã, sua principal contribuição para impedi-lo consistiu em trotes infantis.

Rebekah se ofendeu, mas Klaus nem mesmo piscou. O golpe tinha sido baixo demais, Elijah percebeu de pronto. Ele não conseguia imaginar o que Klaus sentia agora, tendo arriscado tudo só para perder o amor de sua vida

pela segunda vez. Ele hesitou, dividido entre o impulso de se desculpar e o desejo de simplesmente ignorar a farpa que o irmão obviamente levara.

Talvez Klaus não pudesse morder a infeliz isca de Elijah — ele tinha a mesma apatia emocional para com tudo relacionado a Vivianne. A mágoa parecia funda demais até para ele sentir. Era um homem tão completamente mudado pela perda de seu verdadeiro amor que de algum modo não parecia ter sido afetado por ela. Era algo perturbador e colocava Elijah na estranha posição de constantemente fazer autocríticas perto de Klaus. A gentileza era forçada demais; a severidade era brutal demais. Klaus podia ter voltado a suas antigas e familiares réplicas com Rebekah, mas Elijah ainda não conseguia se juntar à brincadeira. Se Klaus apenas estivesse triste, Elijah ajudaria como pudesse, mas era como se ele não conseguisse entender o que o irmão precisava dele agora.

— Desculpe-me, Niklaus. — Elijah por fim suspirou. — Foi injusto de minha parte.

Rebekah demonstrou presunção, mas Klaus sorriu quase com brandura.

- Não foi nada insistiu ele, como vinha fazendo há duas semanas. Como se perder Vivianne não o tivesse afetado em nada; como se tivessem voltado todos ao normal e Klaus já estivesse lá. — Estive pensando nas oportunidades que esse pequeno obstáculo nos oferece — continuou Klaus, puxando uma das cortinas para olhar as ruas de Nova Orleans.
- Oportunidades? repetiu Elijah, sem ter certeza de ter ouvido corretamente a palavra. Klaus passara os 44 anos desde a primeira morte de Vivianne pintando retratos dela em seu sótão solitário. Será que ele já começara com suas tramas? Menos de 15 dias depois de sua segunda morte? A carruagem pegou um trecho acidentado pelas pedras da pavimentação, sacudindo a todos antes de continuar a rodar com suavidade pela noite.
- Vimos o que acontece quando detemos exclusivamente o poder nesta cidade começou Klaus, evidentemente ansioso para envolver os irmãos no assunto que o estivera consumindo, mesmo que excluísse a tristeza que ele estaria suportando. Exilados, os lobisomens ficaram fortes, e os bruxos, uns patifes.
- A gentalha é uma preocupação constante em *qualquer* cidade concordou Rebekah. Mesmo que consigamos pisotear a todos, aparecerão outros do interior para tomar seu lugar.

- Exatamente. Klaus socou o punho no joelho como se Rebekah tivesse argumentado por ele. O poder que exclui os lobisomens evidentemente não é o poder verdadeiro. Mas agora eles estão de volta.
- Porém, com certa força. Elijah franziu o cenho. Não estão voltando como nossos súditos. Eles possuem terras e um lugar no conselho. Há quase tantos deles quanto de nós depois da batalha contra os bruxos de Lily, e eles não são mais suplicantes.
- Não, não são suplicantes... hoje. Klaus sorriu com malícia. Mas a vida é longa, meu querido irmão. Agora que os lobos voltaram, onde podemos vigiá-los e subvertê-los, temos todo o tempo do mundo para discipliná-los. Bem aqui, no coração da cidade, onde eles jamais poderão voltar a ser uma ameaça sem que notemos.

Era uma observação inteligente, e Elijah teve de admitir que a ideia tinha seus méritos. Exilar os outros clãs só prejudicara os vampiros a longo prazo, e, se havia alguém que sabia ver bem o futuro, eram os Mikaelson.

Elijah já havia decidido que cumpriria com sua palavra e assim pretendia fazer. Mas, como observara Lisette mais cedo, os termos de sua promessa a William seriam cumpridos naquela mesma noite. Depois disso, era cada família por si.

- Continue insistiu Elijah, recostando-se nas almofadas de veludo. Klaus sorriu, parecendo ele mesmo um lobo à luz da lanterna.
- Esta é nossa cidade ele lembrou a Elijah e Rebekah. Sempre foi desde o início, e será até o fim. A única questão é como a governaremos, o que é necessário para deter o poder contra todos os aspirantes a ele. Ainda estaremos aqui muito tempo depois de todos terem virado pó, então proponho que nos certifiquemos de ficar por cima.

Até Rebekah ficou intrigada, a contragosto, e Elijah encontrou um sorriso que combinava com o do irmão se esgueirando aos próprios lábios.

- Os lobisomens têm uma liderança inteligente alertou ele. Não vão se curvar com facilidade.
- Não creio que a "facilidade" esteja na lista de exigências de Niklaus disse Rebekah, mas seus olhos azul-escuros brilhavam com as palavras do irmão.
- Um desafio seria bem-vindo concordou Klaus, apoiando os cotovelos nos joelhos e entrelaçando os dedos. Mas não prevejo que será

dos grandes. Deve ser bem fácil domesticar alguns cachorrinhos desgarrados.

A carruagem chocalhava, levando-os rapidamente à próxima guinada em seu caminho. Uma guerra havia acabado e a seguinte se estendia diante deles como a noite à espera.



## A perda

## Wikipédia da autora:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Julie\_Plec

## Twitter da autora:

https://twitter.com/julieplec

## Goodreads da autora:

https://www.goodreads.com/author/show/4101698.Julie\_Plec